BiZZ

Nova York: no balanço das noites de jazz rap

Londres: caras novas no pop inglês

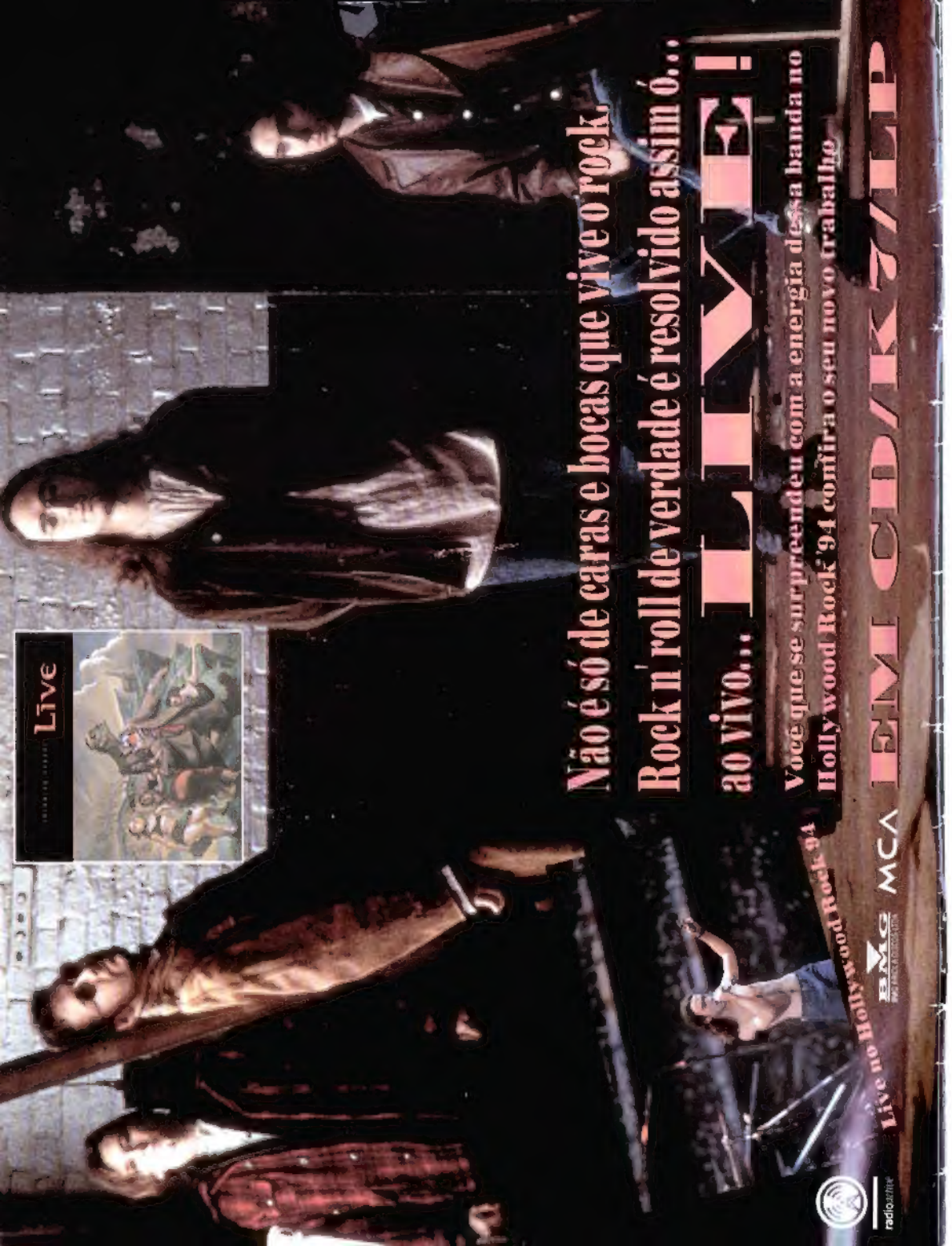
Michael Stipe exclusivo

Do Brasil para o mundo

Jamaica

Celebrando o reggae no Sumfest

9 770104 164007 00110



EDITORIAL

Jornalismo musical é uma "caixinha-de-surpresas", para usar o gasto jargão futebolístico - que o digam Rita Lee e o neguinho da foto ao lado, que falam que bate um bolão. Mas este lugar-comum define bem o que se passa na redação, em um fechamento da BIZZ. Os imprevistos são inumeráveis e, tanto podem ajudar, como atrapalhar a leitura da revista que você agora tem nas mãos.

Um bom exemplo: estávamos preparando uma matéria com o Sepultura - grupo disparado na preferência dos leitores, segundo a votação dos melhores no ano passado. Sua publicação deveria coincidir com o início da turnê brasileira da banda e Robert Halfoun estava em contato direto com Max Cavalera para fazer uma entrevista exclusiva. Pois aconteceu um acidente com o vocalista - veja nota no Showbizz desta edição - e o grupo teve que cancelar temporariamente seus shows, nem chegando a confirmar sua presença por aqui no mês que vem. Placar adverso:0X1.

Divulgação

Por outro lado, José Emilio Rondeau, diretamente de Los Angeles, conseguiu finalmente ficar cara a cara com metade do R.E.M.: o baixista Mike Mills e o cantor/letrista Michael Stipe - este último notoriamente avesso a entrevistas. Rolou um bate-papo sobre o récem-lançado Monster, disco que vai puxar a primeira turnê que o grupo fará em quatro anos. E lá no Rio de Janeiro, Hélio Gomes foi almoçar com MARISA MONTE, no tradicional hotel Copacabana Palace. O prato principal foi a exclusiva, em que ele destrincha a ascensão meteórica da cantora, agora planejando vôos internacionais para sua carreira. BIZZ de virada, 2X1.

Foto: André Seiler

Foto: Rui Mendes

Sérgio Martins (ao lado, junto com Sly Dunbar) e o fotógrafo Rui Mendes embarcavam para a JAMAICA, para cobrir o Sumfest, um dos eventos que reuniu os maiores nomes do reggae na terra que deu origem ao gênero. De quebra, a dupla trouxe um panorama dos vários estilos de sons e das curtições que rolam na ilha. 3X1.

E teve mais: Cristina Ruiz deu uma geral no JAZZ RAP, estilo que está agitando os clubes de Nova York, através de jam sessions e do selo Giant Step. De Londres, Fernando Naporano nos enviou a ficha da nova sensação do rock britânico, o movimento THE NEW WAVE OF THE NEW WAVE, enquanto nossos colaboradores e correspondentes foram cobrir os grandes festivais que rolaram (Woodstock '94, Lollapalooza etc.). 4X1, 5X1, 6X1... e já virou goleada!

A Redação

BIZZ
Ano 10 • Nº9 • Edição 110 • Setembro, 1994

28 **ELASTICA, TINY MONROE & ECHOBELLY**: são três bandas com beldades nos vocais e a sensação do movimento britânico the new wave of the new wave. Uma "nova onda" ou armação?

32 Reúna Laurie Anderson com a Velha Guarda Da Portela em um disco produzido por Arto Lindsay. Lance-o em mais de trinta países. Eis a receita de sucesso mundial para **MARISA MONTE**

38 Bares enfumaçados, jazzistas tocando com rappers, um novo estilo tomando formas... Isso rola nas noites de Nova York no rastro do jazz rap, gênero impulsionado pelo selo **GIANT STEP**

44 Você já foi à **JAMAICA**? Não? Então venha sentir um pouco do gostinho de aportar na pátria do reggae para acompanhar a cobertura do Sumfest, um dos maiores festivais do estilo

64 Sem excursionar há quatro anos, sem gravar há dois... Que outro grupo contemporâneo resistiria a este vácuo, senão o **R.E.M.**? Veja qual é o projeto dos caras para sua volta triunfal

este mês

Capa Jamaica
Foto : Rui Mendes
Produção : Adriana Guimarães & Renata Ferreira
MakeUp & Cabelo : Westerley Dornelles
Acessórios : Renato Lulu, Mirogilo Banf & Fases Da Lua

CARTAS
6 Elogie, reclame... esta é a seção que traz a sua voz

SHOWBIZZ
8 As famílias Jackson & Presley convidam para um enlace...
9 Bombal Bombal Max Cavalera no hospital!
10 Você Vai Ouvir Falar De... Sandra Bullock & Athalyba
11 Glenn Hughes, nota suicida de Kurt Cobain vira camiseta
12 Datas, com os dias para marcar na agenda
13 All-4-One, afinando nos vocais
14 Interrompemos as férias do baterista do Primus
16 A volta por cima de Dawn Penn, muitas e boas no Ouça Essa
18 Bad Girls promovem estréia sexy e levam uma "geral"
20 Breve em um cinema perto de você: The Mask e Airheads
22 The Posies levam boas melodias para a praia grunge
23 Enjoy It: viaje no Olho Mágico e entre em sintonia mundial

MIX
24 A revista Rolling Stone visita os ensaios dos Rolling Stones

SATÉLITE
26 Faça trekking no Nepal ou dance em Hamburgo

AO VIVO
60 Especial com festivais: Woodstock '94, Lollapalooza, B.H.R.I.F.

LANÇAMENTOS
64 O rock espanhol se destaca com grupos como os Celtas Cortos no pacote Fúria Latina 2
66 Barão Vermelho, Caetano Veloso, Marcelo Nova
68 Golpe De Estado, BBM, Leonard Cohen
70 The Walkabouts, Beck, Vic Chesnutt, Trilhas Sonoras
72 Um Rápido & Rasteiro nacional
74 Bolsa De Discos & Parada

CLÁSSICOS
76 Roberto Carlos ressurge em 31 CDs remasterizados
77 Slade & Kiss, a dupla podreira dos anos 70, e Soundgarden
78 Skate punk com Agent Orange, som eletrônico/industrial com Anti Group e soul romântico
80 A Jukebox traz o "rei da guitarra surf", Dick Dale, enquanto a MPB experimental de Walter Franco sai em CD

DISCOTECA BÁSICA
82 Um dos marcos da música soul: Talking Book, de Stevie Wonder

Venha dançar na rua com Daniela Mercury
MúsicadeRua
epic
CD • K7 • LP
Sony Music

Cartas

A proposta editorial da BIZZ é, acima de tudo, ser uma revista de música pop e comportamento, considerando que o termo "música pop" engloba os mais variados estilos musicais. Assim sendo, o compromisso da revista é informar. Levando-se em conta a qualidade do trabalho do Mastruz Com Leite, sua inclusão na revista é mais que natural. Em resposta à leitora de Fortaleza, definitivamente, santa de casa não faz milagre.

DÁ-LHE JAGGER

A edição de aniversário estava demais, a começar pela capa. Só a reportagem com os Stones já valeu.

Sebastião de Oliveira, *São Paulo/SP*

Quando vi os Rolling Stones na capa da edição 108 (parabéns pelo aniversário!) fiquei louco. Sou tarado por eles. Gostei muito dos textos de José Emilio Rondeau e também de Celso Pucci.

Paulo S. S. Costa, *Juína/MT*

Entrei em paranóia com a reportagem e a capa dos Rolling Stones. Viajei tanto nas idéias que quase entrei em estado de coma.

Júnior, *Joanópolis/SP*

Finalmente a BIZZ voltou a despertar meu interesse. Reportagens diversificadas, de diversas origens e ritmos e com desenrolar inteligente.

Élcio Pereira, *Três Passos/RS*

"Dessa vez vocês capricharam no cardápio. Uma puta reportagem com os Rolling Stones e ainda a belíssima capa com Mick Jagger"
Domenica Palomaris, *São Paulo/SP*

Obrigado aos leitores que manifestaram sua satisfação pela capa e a reportagem dos Stones. Toda a redação agradece, estamos nos esforçando para fazer grandes revistas número após número.

POLÊMICA, ENFIM

Que vocês façam o possível para conquistar novos leitores eu até entendo, mas Mastruz Com Leite!! Aqui em Fortaleza forró é música para gringo.

Mônica Kalu, *Fortaleza/CE*

Vocês tiveram a coragem de colocar na BIZZ aquela coisa chamada Mastruz Com Leite (se é que isso é nome de banda)!

Paulo Rogério Camurug, *Salvador/BA*

Espero que todas as edições estejam tão ecléticas quanto a 108. Adorei a reportagem com o Mastruz Com Leite que quebrou aquela coisa de arroz com feijão (Metallica/Bon Jovi).

Flavio Silvestre, *São Paulo/SP*

GLOBO VS. MTV

Para um bom entendedor poucas palavras bastam. Isso ocorreu na matéria publicada na edição 108 referente ao memorando de Boni. Parabéns ao Zeca Camargo pela brilhante crítica e à BIZZ por ter sido o veículo dessa informação.

Kleber Lunardelli, *Ribeirão Preto/SP*

Aguarde, Kleber. Cada vez mais textos críticos e analíticos – sobre tudo o que for do seu interesse – pintarão no sua BIZZ. Confira.

POR TODOS OS LADOS 2

Gostaria de entrar em contato com leitores que queiram trocar revistas e falar um pouco sobre música e cultura.

Nioris Caruajas, *Calle Baez Ruiz, nº 180, Sta. Clara, Villa Clara, CP 50200, Cuba*

A BIZZ chega às minhas mãos através das lojas de produtos brasileiros, que são centenas no país. Aqui em minha cidade a revista sai por mais ou menos U$ 8,50.

Como posso fazer uma assinatura?

Roberto Iwata, *Kawaguchi, Japão*

Aproveitamos a deixa de nosso amigo Roberto para corrigir uma informação publicada nesta mesma seção, na último número da BIZZ. Para fazer uma assinatura da revista no exterior, escreva para: ***Departamento de Exportação, R. do Curtume, 769 – 4º andar, CEP 05066-900, São Paulo, SP, Brasil***

MULHERADA

Gosto muito de rock, rap, metal e quase todos os outros estilos que pintam na BIZZ. Mas confesso uma coisa: além disso, o que ando curtindo é a mulherada que anda aparecendo na revista. A filha de Steven Tyler, Reginnha e a morenaça do Boka A Boka. Eu quero é mais!

Mário Jorge Rodrigues, *São Luís/MA*

A gente faz o que pode. Que seja festa a vossa vontade, caro leitor.

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Amaral

REDAÇÃO

Editor Especial: Celso de Sales Pucci
Editor de Arte: Richard Kovacs
Editores-assistentes: Hélio Gomes, Robert Halfoun, Sergio Martins
Editor-Assistente de Arte: Flávio H. B. Vianna
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Arte: Eli Sumida
Correspondentes: Anamaria Lorenzo (Londres), Claudia Campos (Rio de Janeiro), José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboraram nesta edição – Texto: Alex Antunes, Alexandre Rossi, André Barcinski, Arthur D. Couto Duarte, Avelar Magnanini Neto Guimarães, Camilo Rocha (Londres), Carlos Eduardo Miranda, Carlos Marcelo, Christian Petermann, Cristina Ruiz (Nova York), Daniel Benevides, Fabian Chacur, Fernando Naporano (Londres), Jefferson de Souza, Oliver de Souza, Paulo Cavalcanti, Sergio Barbo, Tommy Specialotto, Viviane Rodrigues, Zeca Camargo **Fotos:** André Seiger, Claudio Ekstenstein, Penna Prearo, Rose Mussulo, Rui Mendes **Ilustrações:** Paja Sperle **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Otto Ramos

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Gerente: Ana Lucia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Fabio Gomes, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Machinski Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Tenenbaum
Coordenadores: Antônio Pensamato, Igor Assun, José Soares

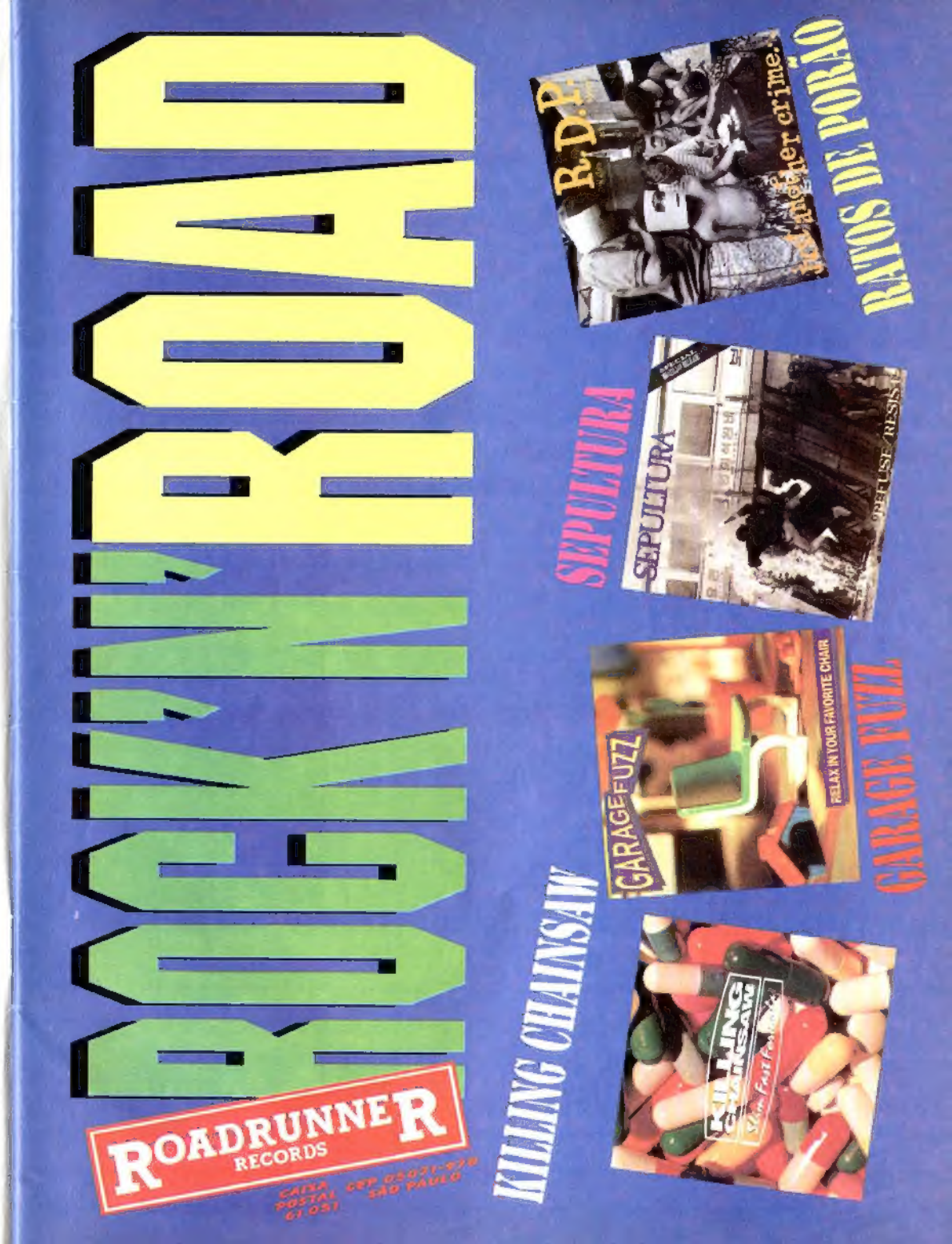
COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Arnoldo C. Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Arruda
Gerente de Promoções: Sandra Gadi Penteado
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Facão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Tascano
Diretora Responsável: Lidge de Lima Dória Castelli

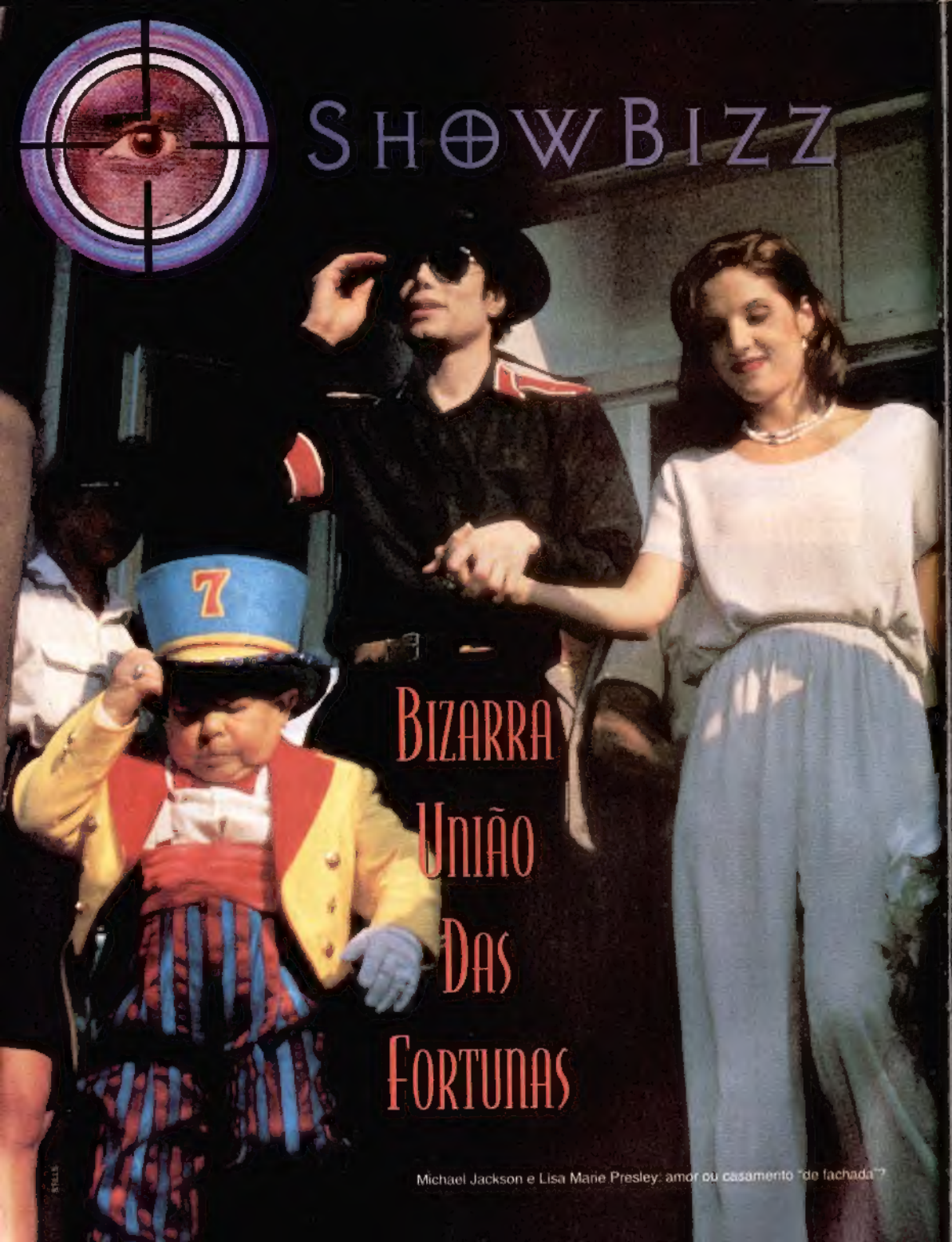
BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1649**, edição 110, setembro de 1994) **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel (021) 532-0313, fax (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Betais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha sido motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não foram entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente adotado. Com as assinaturas solicitadas antecipadamente, incluído no cadastro da Editora Abril, o que poderá ser cobrado a empresas editoras para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante e/ou telefones constantes deste artigo. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou na distribuidora das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP.

ANER **Serviço ao assinante:** tel. 211-[illegible] 623-9222 **IVC**

Fotolito: Fotolinha Ltda. Fotocrom Artes Gráficas. Gravador. Presença Editorial
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.



BIZARRA UNIÃO DAS FORTUNAS



Michael Jackson e Lisa Marie Presley: amor ou casamento "de fachada"?

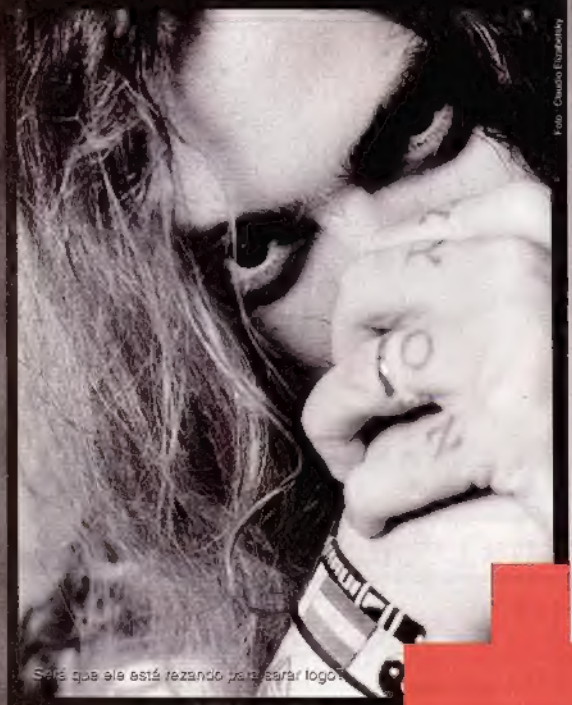
O que alguns estão chamando de "o casamento do século" para outros é "um dos sinais do apocalipse". Interpretações à parte, porém, a união de MICHAEL JACKSON e LISA MARIE PRESLEY combina numa mesma família não apenas dois dos sobrenomes mais famosos de toda a história, mas também duas das maiores fortunas da música pop. Estima-se que, juntos, Lisa Marie e Michael Jackson passem a "valer" cerca de trezentos milhões de dólares. E ainda: a sabedoria empresarial de Jackson – provada ao longo dos anos e sublinhada quando ele adquiriu o controle sobre o repertório dos Beatles – pode ajudar mais ainda a já excelente gerência dos negócios da família Presley – morto, Elvis ainda rende ao seu espólio algo em torno de cinco milhões de dólares anuais, só da venda de discos e de ingressos para a mansão em Graceland.

O casal tem muito a ganhar com a união: ela passa a ter liberdade financeira, após anos sob o jugo da mãe Priscilla, presa a uma mesada fixa de quatro mil dólares. Jackson ganha mais credibilidade como "homem normal" e "pai de família" – ele herda com o casório os dois filhos de Lisa – Danielle, de 3 anos, e Benjamin, de 21 meses – após o redemoinho de escândalos sexuais em que se meteu ultimamente (e que podem não acabar tão cedo, visto que o pai de Jordan Chandler, o menor que teria sofrido abuso sexual de Michael, entrou na Justiça contra o cantor).

Há quem garanta que não passa de uma união sem um pingo de amor envolvido. De fato, nem no "álbum de casamento" publicado pela revista *National Enquirer* se vê um único beijo do casal. E numa reportagem de TV feita em Budapeste, para onde Lisa havia seguido com Michael durante as gravações de um clip para o lançamento do novo álbum do cantor, *History*, o cara entra primeiro no carro, ignorando a máxima "damas primeiro". A não ser que Michael Jackson ache ser *ele* a dama.

José Emilio Rondeau

MAX NO HOSPITAL



Será que ele está rezando para sarar logo?

O vocalista do **SEPULTURA** teve de operar o joelho direito devido a uma pancada numa caixa de som durante um show da banda no *Monsters Of Rock*, em Castle Donington. Embora o acidente tenha acontecido em junho e Max tenha sentido muitas dores, ele não procurou um médico.

Conclusão: na segunda quinzena de agosto foi constatada a ruptura dos ligamentos do joelho e Max teve de ser operado às pressas. Com o cantor de molho, o Sepultura cancelou os shows que restavam da turnê com o Pantera. Max está fazendo fisioterapia, porém já voltou à estrada, em apresentações na Austrália e no Japão, desde o dia 8 deste mês. Até o fechamento da edição, aquela turnê que rolaria no Brasil em outubro estava em negociação, mas sem datas ou locais marcados.

Robert Halfoun

As curvas de Sandra são ainda mais perigosas

Sandra Bullock

Ninguém comanda o volante de um ônibus melhor que **SANDRA BULLOCK** em *Velocidade Máxima* – o megasucesso de bilheteria estrelado por Sandra, mais Keanu Reeves e Dennis Hopper, sobre um coletivo-bomba em carreira desabalada pelas ruas e *freeways* de Los Angeles. Ao longo do filme, Sandra faz paçoca de dezenas de sedãs de luxo e carros esportes, além de segurar as pontas em curvas fechadíssimas, algumas feitas sobre não mais do que duas rodas.

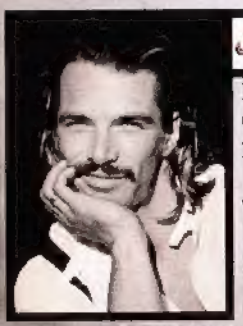
De lambuja, ainda "voa" trinta metros com o ônibus sobre um vão de um elevado inacabado. Se alguma atriz ainda duvidava da capacidade de Hollywood em criar bons papéis femininos, a participação de Bullock em *Velocidade Máxima* – após uma passagem memorável pelo futurista O *Demolidor*, ao lado de Wesley Snipes e Sylvester Stallone – tira a prova dos nove. E o sucesso popularizou mais ainda a estrela – seu cachê subiu para um milhão e duzentos mil dólares – e reabilitou a reputação do desmoralizado serviço público local.

"A prefeitura de L.A. devia me pagar uma nota", disse Sandra à revista *Entertainment Weekly*. "Você viu o tamanho das filas nos pontos de ônibus hoje em dia?" *José Emilio Rondeau*

VOCÊ *Vai* OUVIR *Falar* DE

Athalyba & a Firma

Das rodas de samba, passando por nove entre dez bailes *black*, o *rapper* **ATHALYBA** (ex-Região Abissal), junto com a **FIRMA** (Grand DJ Master Duda & DJ Cri Cri), lança seu primeiro disco este mês pelo selo Plug. Num estilo bem diferente dos atuais colegas de profissão, o *rapper* prefere um som mais cuca-fresca e sem tantas letras sobre violência. A única exceção é "Política", que vai puxar o álbum: "O Athalyba é inteligente e tá-a-fim-de-chegá ", aposta. *Viviane Rodrigues*



John Clark Gable Jr.

Na onda dos bonitões profissionais, com ou sem talento, surge um peso-pesado: **JOHN CLARK GABLE JR.** (se você não sabe ou não se lembra quem foi o Clark Gable pai, é melhor perguntar para a sua vovó).

Seja como for, o rapaz já tem muita fama , mas por enquanto , nenhum filme. Te cuida, Keanu ! *V.R.*

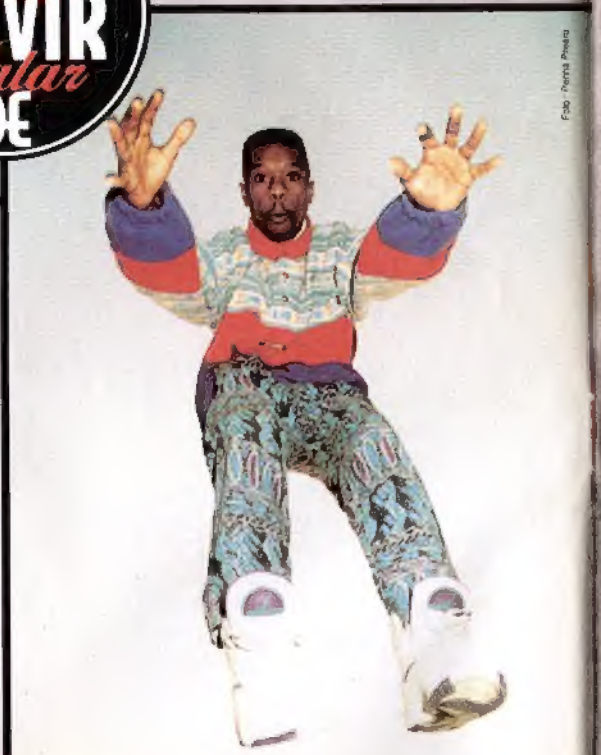


Foto: Penha Pereira

Athalyba: um *rapper* cuca-fresca na parada

roqueiro gospel

Glenn Hughes se livrou das drogas e agora só quer saber de Deus e de rock

Foto: Paul Mendoza

GLENN HUGHES ajudou a escrever boa parte da história do rock quando, nos anos 70, integrou as bandas Trapeze e Deep Purple (quem não se lembra de "Burn"?). Esses tempos também foram marcados pelos problemas do baixista/vocalista com as drogas – que só foram resolvidos com a ajuda divina.

"Eu era viciado em cocaína. Há três anos, estava doente e pedi a Deus para me livrar do vício – o que aconteceu", disse Glenn, em sua vinda ao Brasil, em julho. Hoje, ele faz a linha "rock gospel": não bebe álcool e agradece a Deus nos encartes de discos.

Ele também não guarda boas recordações de Richie Blackmore e de Tony Iommi, músicos temperamentais de carteirinha. "Richie chorava se alguém no Deep Purple não concordava com ele", comenta Glenn. Sobre Iommi, as críticas são ainda mais pesadas. "Ele me enganou. Me convidou para cantar num disco solo dele e quando notei, era um álbum do Black Sabbath", resmunga. "Imaginem: eu pedia ajuda de Deus para me livrar das drogas e ficava cantando numa banda que só falava sobre demônios." O Black Sabbath deu ainda mais prejuízos a Hughes. "O organizador da turnê me acertou durante uma briga. Tive uma hemorragia interna e o sangue se alojou nas minhas cordas vocais. Fiquei seis meses sem poder falar."

Com um disco recém-lançado no Brasil pela gravadora Roadrunner – *From Now On* ("De Agora Em Diante") –, em que se destaca uma regravação de "Burn", Hughes confessa estar louco para tocar por aqui. Os sócios de um bar paulistano garantem que o vocalista ainda está em forma: Glenn levou muitos deles às lágrimas durante uma canja no local, onde cantou sucessos do Deep Purple. *Sérgio Martins*

REVIRANDO O TÚMULO GRUNGE

INFORMER U.S.A. GRUNGE

Em termos de rendimentos, a morte de **KURT COBAIN** perde apenas para a do "rei" Elvis. Eis algumas "lembrancinhas" do rapaz que estão à venda. A cópia autenticada do atestado de óbito de Cobain está sendo vendida a dez dólares.

E já apareceram em Washington e em algumas cidades do Canadá camisetas estampadas com a carta-testamento do ex-líder do Nirvana.

DATAS

16 07 94 Morreu de infarto, o cantor e compositor da Jovem Guarda **DINO**, que fazia parte da dupla Deno & Dino. Os dois emplacaram vários hits nos idos de 66/67, como "Coruja", "Ciúme" e "Para Ver Você Chorar".

06 08 94 **BILLY IDOL** foi internado devido a uma *overdose* de heroína. O cantor passou um dia no hospital e voltou para casa.

09 08 94 O assassinato da atriz **SHARON TATE** completou 25 anos. A esposa do cineasta Roman Polanski tinha só 27 anos e estava grávida de oito meses quando sua casa em Los Angeles foi invadida por um grupo "satanista" liderado por Charles Manson. Pelo crime, ele pegou prisão perpétua. Mas o maníaco voltou a ficar na moda depois, quando uma música sua – "Look At Your Game Girl" – foi regravada pelos Guns N'Roses.

11 07 94 A atriz pornô **SAVANNAH**, 23 anos, foi achada morta em sua casa.
Ela entrou em profundo estado de depressão depois de ter sofrido um acidente que mutilou o seu corpo e acabou se suicidando, dando um tiro na cabeça.
Detalhe: ela contou que dormiu com Axl Rose e Slash. E que Axl foi o pior amante que ela já teve.

15 08 94 O ator **MICKEY ROURKE** foi indiciado por ter abusado de seus dons de boxeador na própria esposa – a modelo e atriz Carré Otis, a quem ele teria espancado no mês passado.

22 08 94 A cantora irlandesa **SINÉAD O'CONNOR** acabou internada na clínica psiquiátrica *Priory*, em Londres, uma entidade especializada na recuperação de dependentes de drogas e álcool. Há meses, ela tentou o suicídio misturando vodca e barbitúricos.

03 10 94 Data do lançamento mundial de um novo álbum do **PEARL JAM**, chamado *Vitalogy*.

MOSQUETEIROS DA VOZ

"Todos por um"! Seria uma alusão ao clássico de Alexandre Dumas? Tony Borowiak, um dos gogós do **ALL-4-ONE**, acha graça na comparação e conta, por telefone, a origem do nome do grupo, que domina a parada da revista *Billboard* com a balada "I Swear".
"Quando nós formamos o grupo não tinhamos um nome ainda e o presidente da gravadora que nos contratou disse: 'Achem um até sexta-feira!' E nos deu uma lista de onde saiu All-4-One."
Trocadilhos numéricos não são exatamente uma novidade no *revival* de grupos vocais masculinos (vide Boyz II Men, Take 6, Hi-Five), ainda por cima com uma formação multi-étnica que lembra os caras do Color Me Badd. A verdade é que, apesar disso, eles estão conquistando seu próprio espaço com arranjos vocais elaborados e um repertório predominantemente romântico e mais adulto do que seus congêneres. Fã de New Edition na infância e responsável pelos vocais em falsete do quarteto, Tony não acha que o atual sucesso dos grupos vocais seja um fenômeno passageiro. "Vai continuar durante um bom tempo. Sempre vai aparecer gente nova, com talento", garante ele. *Cláudio Campos*

All-4-One: uma esfolada certeira no *revival* de grupos vocais

O fim do pé chato

CONVERSE®

The Official Shoe Of The NBA

NBA

Um doidão em férias

O **PRIMUS** deixa somente duas opções ao público: ame-os ou odeie-os. Seu som é fruto da mistura de uma guitarra inundada de *noise*, um baixo "saltitante" e um vocal inusitado. No meio das merecidas férias, o baterista Tim Alexander falou à **BIZZ** de sua casa em Los Angeles – ou pelo menos tentou. Claramente maluco, ele nem quis falar a respeito de *Miscelaneous Debris*, disco com cinco *covers*, entre elas "Have A Cigar" (Pink Floyd). "É só um disco com músicas que gostamos muito", garante.

Tim, Les Claypool e Henry Lalondo: os maluços de [illegible] novo [illegible] sem muita encanação

Como vão as coisas com o Primus?
Nós estamos dando um tempo agora, uma espécie de férias. No fim do ano devemos estar gravando o novo disco. Ainda não sabemos direito como ele vai soar, vamos precisar sentar e tocar um pouco. Aquela loucura do nosso som será a mesma, só não sei a que nível ela chegará agora.

Você sabe que há uma banda aqui no Brasil que se chama Quem Odeia Rush Odeia Primus. Você não fica de saco cheio com essa comparação?
Eu sei que temos muitas coisas que levam as pessoas a lembrar do Rush, mas acho que nós não parecemos tanto assim com eles. Qualquer um que faz comparações acaba pegando coisas familiares. Aqui nos Estados Unidos, nosso som não é o único a soar estranho, por isso há essa coisa com o Rush. Não sei se no Brasil é assim, mas aqui temos muita música estranha.

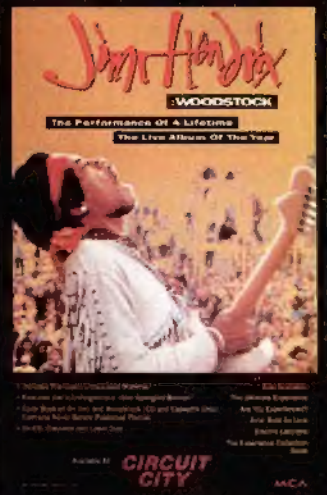
Como foi participar de *Bill & Ted - Uma Aventura No Tempo*?
Foi bem legal. Para falar a verdade, nós só tivemos que trabalhar um dia, chegamos lá e tocamos. Não é como se trabalhar dois meses em um filme. Mas... de que filme você está falando?

***Bill & Ted*, com o Keanu Reeves.**
Não era *Quanto Mais Idiota Melhor*? Ah não, nós estamos falando do mesmo filme, com Keanu Reeves. *Bill & Ted*... (*risos*)

Como foi tocar no Lollapalooza, e o que você acha dos grupos desse ano?
Foi legal, os grupos que tocaram conosco no festival durante o ano passado eram bem menos populares. Não sei, muitas grandes bandas começaram lá, se tornaram muito populares a partir do festival. Não sei quem vai tocar esse ano, mas parece que tudo vai ser maior, as bandas, o público e a estrutura. *Hélio Gomes*

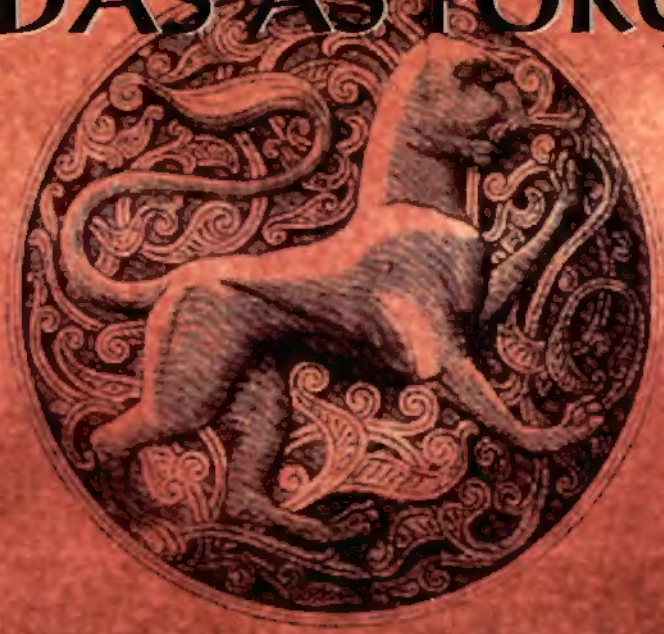
notas

Finalmente a lendária apresentação de **JIMI HENDRIX** (foto) em Woodstock foi lançada na íntegra. O responsável foi o selo Polydor e o raro material já está disponível em CD e em cassete



*** O guitarrista está em alta, pois segundo o jornal americano USA Today, um autógrafo de **JIMI HENDRIX** está valendo mil dólares *** Weiland, o cantor dos **STONE TEMPLE PILOTS**, terá de prestar serviços para a comunidade. Ele foi acusado de bater com a guitarra na cabeça de um fã *** Acabou de sair a biografia Faithfull (Fiel), de **MARIANNE FAITHFULL**. No livro, a cantora conta a sua vida com ninguém menos do que os senhores Jagger, Richards e Dylan *** O **MÖTLEY CRÜE** já cancelou sua turnê americana. Motivo? A fraca venda dos ingressos *** **THE TEMPTATIONS** foram bem "encaixados" pela gravadora Motown. Saiu (lá fora, é claro), Emperors Of Soul, uma caixa de cinco CDs e 109 canções das feras do soul. Destas, quatro faixas são novas e outras datam da fase pré-Motown do grupo, quando os rapazes atendiam ainda pelo nome de The Distants.

O REGGAE SOBRE TODAS AS FORÇAS



CIDADE NEGRA

Não perca o novo álbum da única banda da América do Sul convidada para o Sunsplash Festival da Jamaica. Você vai curtir o melhor reggae do continente, com as participações especiais de Shabba Ranks e Gabriel, o Pensador.

Incluindo a música "Onde Você Mora", de Marisa Monte e Nando Reis.

CD • K7 • LP

Sony Music

SENHORA REGGAE

"Antes tarde do que nunca". A cantora jamaicana **DAWN PENN**, se tivesse um caminhão, com certeza colocaria esta frase no pára-choque.
Explicação: Dawn está na área desde os anos 60, quando gravou sua primeira versão de "(You Don't Love Me) No, No, No" no lendário Studio One, de Kingston, Jamaica. Não passou do sucesso ultra-segmentado. Este ano, aos 45 anos, (26 desde a primeira versão), ela resolveu desenterrar seu velho bordão, regravá-lo e *bingo!* A música passou o verão nos primeiros lugares da Inglaterra. Merece: Dawn lembra uma Billie Holiday mais *clean*, aquela voz triste – tipo *conformadamente* triste – dando uma *vibe* bluesística ao ritmo reggae que trafega ao fundo. Agora "No, No, No" também virou título de seu primeiro disco com a máfia jamaicana dos ritmos digitais na produção: Sly & Robbie, Steely & Clevie, mais Bobby Digital. CAMILO ROCHA

Os ingleses disseram "sim!" à voz de Dawn Penn

OUÇA ESSA

"É um exercício em relações públicas, apresentando Michael numa luz mais masculina, mais heterossexual, mas meninas não fazem parte do mundo dele" **LA TOYA JACKSON** *(sobre o casamento do irmão famoso com Lisa Marie Presley)*

"Segui a orientação do meu espírito" **PRINCE** *(explicando porque mudou de nome, na revista* US*)*

"Garanto que se a minha irmã não tivesse enchido tanto a cara, nosso show teria sido melhor" **KIM DEAL** *(The Breeders, no Lollapalooza)*

"Depilem suas pernas, pelo amor de Deus!" **CHRISSIE HYNDE** *(líder dos Pretenders, aconselhando as suas coleguinhas de profissão, na revista* Mouth To Mouth*)*

"Eu e River Phoenix fizemos muitas coisas bonitas juntos. Eu amava o cara. E sempre o amarei" **FLEA** *(baixista dos Red Hot Chili Peppers, para o jornal* New Musical Express*)*

"O RPM foi o maior grupo de rock do Brasil, só que erraram muito. Não mostraram gratidão, brigaram entre si e escolheram o caminho errado... Eu e o Gabriel tivemos um breve namoro. Mas prevendo que a relação seria complicada no futuro, só namoramos e nos separamos" **MANOEL POLADIAN** *(o famoso megaempresário musical, respondendo sobre os artistas que mais lhe deram trabalho, no* Jornal Do Brasil*)*

"Definitivamente, preciso comungar com baleias assassinas" **ANTHONY KIEDIS** *(vocalista dos Red Hot Chili Peppers, numa viagem ao Alaska. Na* Mouth To Mouth*)*

"Era como se um deus do Olimpo estivesse vindo até mim" **MARIANNE FAITHFULL** *(cantora e compositora, falando sobre Bob Dylan em sua biografia, revista* US*)*

VÔLEI. Roda o time, fecha o set e Asics Leader firme na quadra. Não sai do jogo. A sola com desenho exclusivo e borracha especial dá o maior apoio na hora de receber a bola, ou buscar uma batida no fundo da quadra. Asics Leader é leve, para a subida na rede não virar

EM TODOS OS SETS, O ÚNICO QUE NUNCA É SUBSTITUÍDO.

levantamento de peso. Em couro e poliéster Asics Leader encara centenas de sets sem perder a forma e sem pegar no seu pé, deixando o jogo livre. Asics Leader, na sua posição, não tem bom.

asics
BE YOUR BEST.

ENCURRALADAS

Foto: Claudio Elisabetsky

"Nem um batalhão de choque segura o tesão". É o que dizem Karla Sabah e Daniele Daumerie, as **BAD GIRLS**, quando definem a proposta da dupla e o significado do termo "garotas más". Segundo as meninas, *bad girl* é toda aquela que luta em busca do seu homem e corre atrás do desejo. Com um disco recém lançado pela gravadora PolyGram, a proposta de Karla e Danielle, ambas ex-peladonas da *Playboy*, é abalar e até chutar o pau *(opa!)* da barraca *(ufa!!)*, como fizeram no lançamento da sua candidatura a musas do sexo no país em horário nobre no programa *Hebe Camargo*. Em músicas como "Vem Bem Fundo", o grande lance delas é o som aliado a *performance*, quando elas dizem que colocam todo o seu talento para fora. ROBERT HALFOUN

notas

Sanduíche de banana com pasta de amendoim. Esse e muitos outros petiscos foram servidos durante a **ELVIS PARTY MENU**, uma festa-homenagem dada no restaurante americano Milleridge, para os fãs do ídolo que possuem os famosos – e disputadíssimos – ingressos do suposto último show do rei do rock. A apresentação aconteceria no dia 22 de agosto de 77, mas "The Pelvis" morreu seis dias antes *** Mesmo após a saída do guitarrista Bernard Butler, o **SUEDE** resolveu continuar. Eles estão mixando seu novo álbum, que será lançado até o fim do ano.*** O **NEW ORDER** vai regravar "Love Will Tear Us Apart", o clássico do Joy Division – que mudaria de nome para New Order, logo após o suicídio do vocalista, Ian Curtis. Os vocais serão do guitarrista (e atual vocalista do New Order) Bernard Summers.

RETNA

Elvis ganhou uma festinha *privé*

O documentário The Darker Side Of Black ("O Lado Mais Escuro Do Negro"), explora o lado homofóbico do rap e já está dando o que falar. O filme, de Isaac Julien, entrevista **ICE CUBE**, **CHUCK D**, **SHABBA RANKS** e **BUJU BANTON**, gente não acostumada a falar bem de homossexuais. Tem até o ex-primeiro ministro da Jamaica, Michael Manley. Não precisa nem dizer: o filme ainda está proibido de ser comercializado nos Estados Unidos***O guitarrista **SLASH** já escolheu o cantor de seu projeto solo, o SVO Snakepit. O eleito é nada menos que **SPIKE**, ex-gogó dos Quireboys.*** Más notícias para os fãs do **ALICE IN CHAINS**: já estão dizendo que o vocalista Layne Staley não fala mais coisa com coisa – devido ao vício em heroína – e a banda pode encerrar suas atividades a qualquer momento.

AS LETRAS DOS SUCESSOS QUE VOCÊ + CURTE

EDITORA AZUL

N A S   B A N C A S

The Mask: Careta Milionária

O que acontece quando se combina a animação computadorizada da Industrial, Light & Magic com uma comédia policial siderada mostrando os efeitos de uma máscara antiga sobre um tímido caixa de banco?

O resultado é *The Mask* (no Brasil só ano que vem), o filme que confirma o ator **JIM CARREY** como o dono do rosto e do corpo mais elásticos de Hollywood, após anos no elenco do programa humorístico de TV *In Living Color*, fazendo papéis pequenos no cinema antes de ser o superastro de *Ace Venturo* – que papou 72 milhões de dólares nas bilheterias americanas.

Vestindo a misteriosa máscara de poderes mágicos, Carrey vira um estranho ser de rosto verde e dentes grandes que tem a capacidade de se transformar num desenho animado humano – ora virando lobo assobiador diante de um broto apetitoso, ora deixando os olhos e a língua saltar para fora do corpo quando quer assustar uma velha ranzinza. O público americano apóia Carrey sem restrição – foram vendidos quase oitenta milhões de dólares em ingressos em pouco mais de duas semanas de carreira do filme – e Hollywood dá agora a Jim papéis bem melhores – será o Charada em *Batman Forever* – e cheques de sete milhões de dólares por filme.

José Emilio Rondeau

deliciosa tolice

Prepare-se: daqui a alguns meses você não vai parar de ouvir comentários sobre **AIRHEADS**.

O filme traz para as telas as aventuras de uma banda de Los Angeles que um dia resolve invadir uma rádio de sua cidade para fazer com que sua música seja incluída na programação da mesma. Estrelado pela dupla Brendan Fraser (de *Com Mérito*) e Steve Buscemi (um dos bandidos em *Cães De Aluguel*), a produção é uma besteira repleta de piadas tolas e tiradas do calibre das incluídas nas duas versões do filme *Quanto Mais Idiota Melhor*

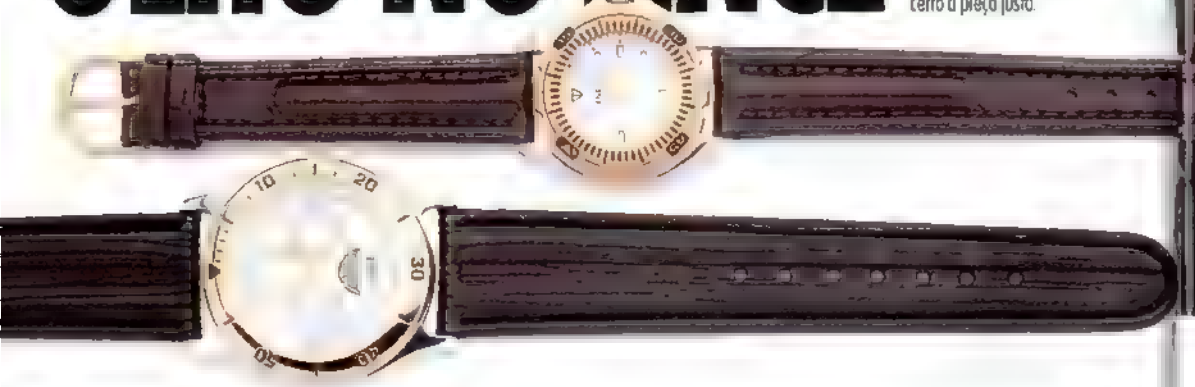
Contando apenas com uma arma que dispara jatos d'água, os três roqueiros acabam parando Los Angeles com sua maluca tentativa de alcançar o sucesso.

Na trilha sonora, destacam-se "Born To Raise Hell", gravada pelo Motörhead, Ice-T e Whitfield Crane (vocal do Ugly Kid Joe), além de canções de Anthrax, Primus, Dig, Ramones e White Zombie

Cuidado com os caras: eles estão armados e

OLHO NO LINCE

A linha de relógios Lince tem números opções masculinas, femininas, sociais e esportivas com um design incrível.
Lince tem tecnologia quartz, certificado de garantia e assistência técnica em todo o país.
Você tem toda a moda nas mãos com um Lince no pulso.
Olho no Lince. Sempre um modelo certo a preço justo.

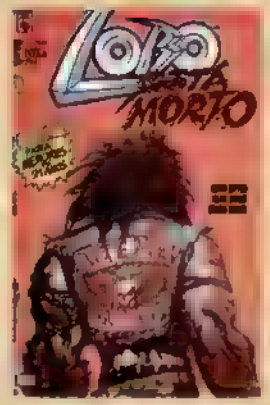


LINCE
QUARTZ
SEMPRE UM MODELO CERTO A PREÇO JUSTO.

ENJOY IT

Sintonia Mun(Dial)

O mais novo brinquedinho da Sony é o **WORLD BAND RADIO** que, como o próprio nome já diz, é capaz de sintonizar praticamente qualquer estação de rádio do planeta! Mas para isso, amigo, você terá que desembolsar pelo menos 450 dólares. Procure este fetiche nas importadoras.



É o Lobo!

Lobo Está Morto é o nome da série de HQ em dois fascículos, com nova aventura do legendário macho czarniano. O único senão: a versão brasileira não mostra o bumbum do herói, um verdadeiro boa-da-cara-preta: feio, malvado e comedor de criancinhas. Lobo já foi membro da famosa e careta *Liga Da Justiça* e seus criadores Keith Giffen e Simon Bisley são velhos conhecidos. Próximo encontro com esse mercenário intergaláctico: no começo de 95, quando a Abril lança a sátira *Lobo Cop*. Nas bancas por R$3, 90.

OLHO MÁGICO

Ilustração 3D (de N. E. Thing Enterprises)

Eis aqui uma belíssima viagem visual. **OLHO MÁGICO** é um livro que traz uma novíssima técnica de visualização tridimensional, impressa em um papel comum e que faz dos velhos óculos 3-D peças de museu. Quem traz o livro – fenômeno de vendas em todos os países onde foi lançado – ao Brasil é a editora Martins Fontes. O método, concebido por um tal Dr. Bela Julesz nos anos 60, virou febre graças à empresa americana N. E. Thing Enterprises. O livro custa cerca de R$ 15 nas livrarias de São Paulo.

River Phoenix : Uma Vida Curta

A biografia do ídolo *teen* (e promissor astro do cinema), morto estupidamente no ano passado, foi lançada no começo de agosto. Com o texto assinado por Brian J. Robb e fotos que cobrem toda a carreira do rapaz, o livro já se tornou um fetiche internacional em menos de uma semana. Disponível nas melhores livrarias, *A Short Life* sai por 20 dólares, em média.

SE O SOM QUE VOCÊ OUVE ESTÁ DEIXANDO VOCÊ COM DOR DE CABEÇA, VOCÊ PRECISA DE MÉDICO.

Depois do sucesso de "Two Princes" e "Little Miss Can't Be Wrong", o Spin Doctors está de volta com o novo álbum "Turn It Upside Down". Agora é ouvir o disco, assistir o vídeo e aguardar o show.

CD • K7 • LP

Sony Music

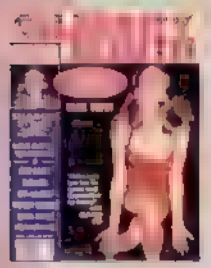
Só mais uma banda de rock'n'roll

Imagine a seguinte situação: um repórter de 25 anos assistindo – atônito – aos ensaios dos **Rolling Stones** para sua *Voodoo Lounge Tour*. Pois bem, foi isso que os editores da *Rolling Stone* bolaram para sua edição de 25 de agosto. Com o repórter Rich Cohen, ninguém menos que o fotógrafo e diretor de clips Anton Corbjin – o preferido do U2. Confira ao lado dois clics dos *glimmer twins*.

"Dizem que não arriscamos nada ao voltar para a estrada. Mas arriscamos nossa reputação, e isso é tudo."
Charlie Watts

"Eu fiquei inacreditavelmente maluco com Bill (*Wyman*). Eu até pensei em fazê-lo tocar sob a mira de uma arma" *Keith Richards*

Cindy & Cindy



A *top model* **Cindy Crawford** circula à vontade nos extremos da mídia. Logo acima, na capa da revista *Celebrities Sleuth* – especializada em fotos indiscretas e outras baixarias. Abaixo, na clássica *Vanity Fair*. Coisas da vida

Na banheira com Winona Ryder

Winona Ryder e seu novo filme, *Reality Bites*, ainda vão dar muito o que falar. Em entrevista à britânica *The Face*, a atriz explica por que resolveu embarcar num projeto sobre a tão falada *Geração X*:

"Eu queria fazer algo sobre pessoas da minha idade, que crescem na sociedade de hoje. Parte disso veio de pessoas que diziam para mim: 'Por que você não faz filmes sobre nós?'. " Tudo explicado.

Soltando a voz

A maravilhosa modelo e atriz russa **Milla Jovovich** (*De Volta À Lagoa Azul*) resolveu virar cantora. A modernosa revista inglesa *Bikini* saiu na frente e dedicou seis páginas de sua edição de julho para o novo "projeto" de Milla. Nem é preciso dizer que o melhor da reportagem são as fotos.

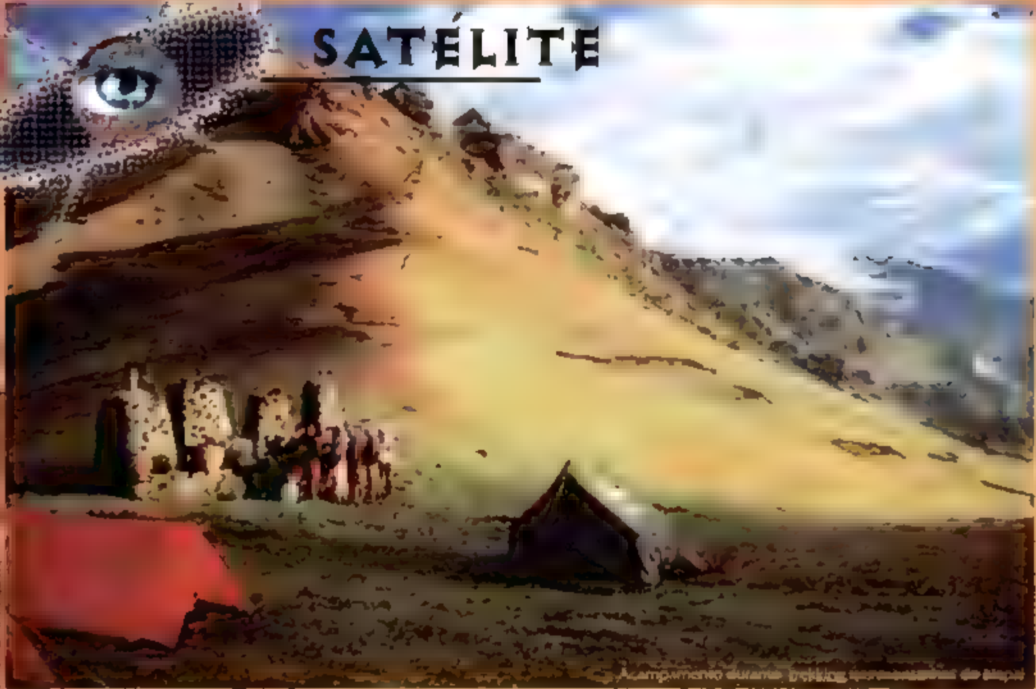
Indescritível Tarantino

A *Details* de setembro traz uma entrevista primorosa com o cineasta americano **Quentin Tarantino**, o rapaz que saiu de uma locadora de vídeo para o estrelato com o magnífico *Cães de Aluguel*. "Eu gosto de filmes assustadores, mas aquele que está na minha cabeça é ainda mais assustador", diz. Missão obrigatória: não deixe de ver seu novo filme, *Pulp Fiction*, com Uma Thurman e John Travolta *Hélio Gomes*

O algodão longa vida.

malhas
malwee
IND BRAS

Fone (0473) 76-3200
Fax (0473) 76-0304



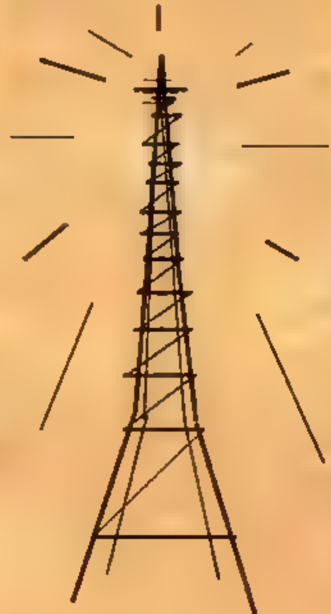
Acampamento durante trekking no Nepal

O trekking no Nepal é a nova grande modalidade de turismo ecológico que acontece no país. Em caminhadas que duram em média vinte dias (com paradas em acampamentos ou pequenas pousadas), é possível ter um contato intenso com a cultura, a variedade étnica e principalmente com o visual alucinante que a topografia acidentada do lugar proporciona. São inúmeras montanhas que variam dos 100 a 8.100 metros de altitude. Lá se encontra, além do monte - Everest (cadeia do Himalaia), rios, cachoeiras e surpreendentes florestas densas. Nos centros urbanos, além do baratíssimo comércio de prata, o quente são os *stupas* – templos meio hindus, meio budistas – que são "construídos" baseados em inscrições de orações e imagensabsolutamente hipnotizantes *(foto)*. Para chegar lá, a passagem aérea fica por US$1.900 e a parte terrestre com agências especializadas (incluindo equipamentos, guias e carregadores locais e refeições) custa R$ 950,00. A Venturas e Aventuras está organizando um grupo com saída prevista para o dia 18 de novembro. Fone: (011) 872-0362 ou 872-5328. *Robert Halfoun*

Onde as estrelas se encontram É o Smart Bar, [illegible] em que rola música ao vivo e onde os pop stars locais (Urge Overkill e Ministry, antes de se mudar para o Texas) e os de passagem fazem ponto para trocar idéias. Na entrada, deixe a sua inibição do lado de fora para ser atendido por garotas típicamente americanas (leia-se peitudas) em trajes sumários. Fica na N. Clarck St. 3.730.

Jazzie B reabre casa noturna Enquanto o Soul II Soul não lança disco novo, a "posse" de Jazzie B – líder da banda – retoma seu local noturno original: o Fridge, em Brixton. Lá, toda sexta (sábado a noite é dos gays), os DJs do SIIS mandam muito funk, soul, rap, reggae e clássicos do groove. O clube fica na Brixton Hill, s/n, SW2. Fone: (071) 326-5100. Entrada: 8 libras.

[illegible] É o Echoes, perto de Milão, na Itália. Para chegar lá é só pegar o trem que vai para Rimini e fazer conexão para Misano. Rola garage, house e muita gente "doida" divididas em dois salões. Funciona segunda, quarta, sexta e sábado no verão e só aos sábados no inverno. Fica na Via del Carro 40, 47046, Misano Adricato, Nr. Rimini. Entrada: 3 mil liras.



Boa música e público transado Entre acid jazz e uma mistura de soul music com som afro-latino, o Satellit Cafe é um dos lugares "in" da cidade. Gente bonita e bem-arrumada conversa, dança ou simplesmente ouve música. Funciona todos os dias até às duas da manhã. Fica na Rue de la Folie-Méricourt, 44. Fone: 47-004887.

Dan Aykroyd e os Aerosmiths são os proprietários da recém-inaugurada casa noturna House of Blues. Por fora parece um imenso e despretensioso barracão com teto de zinco, por dentro são vários bares e mesas onde é servido chorrasco (a especialidade da casa) e alguns dos melhores shows da cidade. A decoração é toda com temas orientais, muitas luzes e efeitos especiais *state-of-art* (não deixe de ver o salão principal ser modificado ao vivo). Até agora já passaram pelo eclético palco do lugar nomes como The Pretenders, Prince, Chuck Berry, US3 e Boingo, entre outros. Fica na Sunset Boulevard, 8.430.

O Woodstock é o lugar do rock alternativo no Canadá. O lugar perfeito para descobrir novos talentos e apostar em novas febres. Lá só se apresentam bandas novas. No som (quando as bandas estão fora do palco) rola dance-rock e tecno num volume decididamente alto. Fica na St. Laurent Blvd. 3.781 Fone: 514-982-0951

Onde tudo acontece O bairro de Saint Pauli é uma mistura de Village com a Broadway, de Nova York. Reúne cabarés, *sex shops*, sexo ao vivo, prostituição em vitrines e *nightclubs* que não precisam de anúncio e nem de nome na porta.

Tempelhof É parada obrigatória para quem curte a vida *underground*. Não tem nome na porta e funciona no Camelot, um clube de lésbicas. Apesar de fácil acesso, é difícil descobri-lo. É preciso estar assessorado por um nativo. A noite quente é terça-feira, quando toca soul. Fica na Hamburger Berg, 12.

Cafe Schone Aussichten Foi o primeiro clube/discoteca ao ar livre de Hamburgo. Localizado no parque Planten un Bloomem, funciona de abril a outubro, e dependendo do clima, sua programação também acontece *indoors* (250 pessoas). Um dos destaques do lugar é a "Secret Garden Night", realizada às quintas-feiras das 22h às 5h, com o que há de melhor em house music, soul e jazz dançante. Na primeira sexta-feira do mês, o pessoal do Soulciety faz discotecagem e rolam shows. Fica na Gorch-Fock Wall, 4. Entrada: Dependendo da programação vai de 10 a 30 marcos.

Soulution Club Funciona de quarta a domingo, em uma salinha do Power House (uma casa noturna de house music) para 150 pessoas. O local também é usado como estúdio de gravação da Soulciety Records (empenhada na preservação de vinil). Abre às 22h e fecha 4ª e 5ª feira às 4h. Nos finais de semana o agito vai até às 7h. Fica na Simon-Von-Utrecht Str., 42.

Soulstore Loja de discos onde se encontra raridades dos anos 70, a preços que variam de 20 a 200 marcos. Fica na Schanzenstrasse, 14. *Cristina Ruiz*

Dois singles e muito estardalhaço em torno da banda elástica, mais querida do the new wave of the new wave. Eis a vocalista Justine Frischman (à esquerda).

O ESTOURO DA

NOVA ONDA

A história se repete como farsa? É o que andam dizendo as línguas ferinas sobre um novo movimento musical britânico, que tenta reavivar as chamas incendiárias dos primeiros tempos do punk rock e da new wave, que brilharam no ocaso dos anos 70. Direto de Londres, Fernando Naporano traz o perfil da típica tendência britânica, a partir de três dos seus mais ilustres representantes

A frente do Echobelly, a cantora e letrista Sonya Aurora Madan

Em 86, a "piada" nos circuitos musicais ingleses era que o único ponto em comum dos grupos da *class of '86* é que eles não tinham nada em comum. Em relação à tal *the new wave of the new wave (TNWOTNW)* – termo cunhado pela imprensa –, a situação é exatamente a mesma. A verdade é que os escribas da "in-zagem" buscam desde o final do punk algum movimento expressivo no Reino Unido. Na ansiedade acabam criando rótulos e facções que só existem no imaginário de jornalistas jovens à beira da calvície.

Bandas "novas" nunca pararam de surgir. Entretanto, desde a *blonde fever* (88), o *madchester* (90) e o *lurch* (91), a imprensa não tinha ligações convenientes para designar uma tendência, mas já que muitas bandas se dizem influenciadas pelo punk e pela new wave, foi fácil transformar tudo em farinha de um mesmo saco.

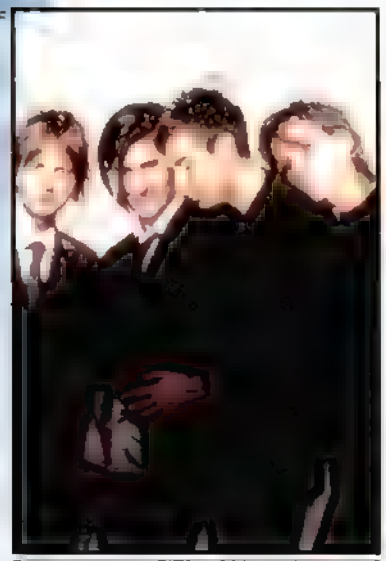
O que existe na atualidade são coincidências ou afinidades. Exemplo disso são **TINY MONROE, ECHOBELLY e ELASTICA**, três simpáticos grupos com dois ou três singles cada, menos o segundo, que lançou seu primeiro álbum. Com espaço na mídia, eles aspiram tatuar o pop dos anos 90. Têm vocais femininos e estão sendo disputados pelas *majors*. Mas neste caldeirão, há também outros nomes promissores (Flamingoes, Luxx), respeitáveis (These Animal Men, Blessed Ethel) e fajutos (S*M*A*S*H*, Oasis, Shampoo).

ELASTICA

"Não ao 'jabá'!"

Ela foi guitarrista do grupo Suede e namoradinha de Brett Anderson. Num belo dia, ela o trocou por Damon, do Blur, e montou o Elastica, a revelação de 93, segundo os leitores dos semanários *NME* e *Melody Maker*. Embora tão badalada, a guitarrista/vocalista Justine Frischman diz que "a fonte" de sua inspiração "é a frustração" e a música é "a única forma de se comunicar: uma necessidade muito grande". Quanto às influências: "as bandas de 79 até 82, principalmente Wire, Blondie, The Stranglers e The Buzzcocks."

Com dois singles ("Stutter" e "Line Up"), chegaram ao primeiro lugar da parada *indie*. Mesmo que o jornalista Steve Lamacq seja um dos sócios do selo Deceptive, Justine nega quaisquer insinuações de "jabá", pois "ele possui muitos escrúpulos e a política da rádio BBC jamais permitiria esse tipo de coisa"



Segundo boatos, o Elastica já é da Geffen

Ela acha que a *new wave of the new wave* foi um movimento criado pela imprensa por preguiça das bandas definirem-se individualmente e arremata que "o Elastica não tem nada a ver com isso". Dizem que o grupo assinou com a Geffen (que confirma), mas Justine prefere "não comentar, pois nada é oficial"

Ela diz que o álbum que começaram a gravar em agosto não vai ser igual aos singles. "Terá estilos inesperados, canções longas e um clima dark". Espera-se que o primeiro álbum traga algo além do previsível mostrado nos primeiros singles e nas apresentações.

ECHOBELLY

"Morrissey, o padrinho"

Que tal definir, a grosso modo, a música do Echobelly como um The Smiths para os anos 90 com toques de Blondie? Sonya Aurora Madan, cantora e letrista responde: "Não nego que The Smiths nos influenciaram e quanto ao Blondie, jornalistas americanos fizeram comparações. Mas há muitas outras inspirações e eu, particularmente, citaria John Lennon, Paul Weller e Nirvana" O desejo desse laboratório musical pop, segundo ela, "é o de nunca seguir modismos, mas de criar canções na mesma tradição dos Beatles ou de Neil Young".

Essas declarações assustam, mas até que possuem algum fundamento. O grupo ("agora um quinteto com a entrada de Debbie, ex-guitarrista do Curve") é um dos mais simpáticos da nova safra. Naturalmente Sonya nega a síndrome da *new wave of the new wave* e completa "é melhor a imprensa esquecer disso, pois essas bandas vão desaparecer"

Um dos fatores que colaboraram com o sucesso foi o dedo mágico (mas, às vezes agourento) de Morrissey.

Sonya confirma o que parecia ser uma lenda. "Após um de nosso shows em janeiro de 94, Morrissey veio bater na porta de minha casa e contou o quanto havia gostado de nossa música. Também nos convidou para abrir sua turnê nos Estados Unidos". Se toda a paparicação não subir à cabeça, o Echobelly, com dezoito meses de vida, tem potencial para deslanchar. Os três singles e o álbum de estréia, *Everyone's Got One*, são agradáveis coquetéis pop na melhor tradição smitheana.

TINY MONROE

"Atrás dos clássicos"

Com um ano de estrada, dois disquinhos (um sete polegadas e um EP) na praça e uma ascendente badalação o Tiny Monroe é mais uma das promessas da nova safra do pop britânico. A vocalista NJ (união de consoantes que abreviam Angie) formou o quarteto "através de anúncios em jornal" e somente agora "está conhecendo melhor os outros integrantes como pessoas, porque a ascensão do grupo foi muito, muito rápida".

Tiny Monroe: Richard (guitarra), Alex (baixo), NJ (voz) & John (bateria)

Sobre o tal "novo movimento", NJ questiona, "como posso ser parte de uma coisa que não existe? Isso não vai durar muito". A vocalista, que se diz altamente influenciada "por David Byrne, David Bowie, Chrissie Hynde e Iggy Pop", está preocupada "em compor boas canções, com melodias fortes e não seguir nenhum estilo em particular". Segundo ela, a grande meta do Tiny Monroe "é criar pelo menos algumas canções clássicas, que sejam relembradas dez anos depois"

Flertando com uma aura andrógina ("a ambigüidade é sempre muito interessante"), *glamour* ("característica inerente à banda") e um som que mescla power pop, pop, punk e nódoas psicodélicas, as perspectivas são positivas. Para que o sonho do primeiro álbum se torne realidade, falta só um contrato com uma multinacional, mas para isso NJ exige "100% de controle artístico em todas as gravações". Ela ainda adianta: "a gravadora London é a companhia mais interessada"

SOUNDGARDEN

NÃO DEIXE SEU VIZINHO OUVIR PRIMEIRO!

SUPERUNKNOWN

O NOVO DISCO DO SOUNDGARDEN

A&M

PolyGram

CD / K7 / LP

fechando o foco

Ela está de volta. E agora, a história é outra. Se no passado a cantora tentava ancorar-se simultaneamente em diferentes estilos e idiomas musicais, hoje ela passeia à vontade pelo universo que construiu à sua volta. Para decifrar os segredos de Marisa e entender seu terceiro disco, *Verde Anil Amarelo Cor De Rosa E Carvão*, nada melhor que encontrá-la em sua cidade, em frente às areias da praia de Copacabana.

entrevista:hélio gomes fotos:andré sader

Marisa divaga sobre o conceito de sucesso: "Você realizou, já tem o resultado, é um sucesso. Sucesso é o sucedido, o parto. Para mim este disco já é um sucesso, não tenho mais nada para fazer com ele. Agora vou trabalhar no show."

Ao mesmo tempo em que se distancia de um trabalho finalizado há poucos meses, a cantora convence com sua argumentação lógica, tão coesa quanto o resultado final que se ouve em seu terceiro disco. "Você sabe o que quer dizer Nossa Senhora do Bom Sucesso? O mesmo que Nossa Senhora do Bom Parto."

Ela fala enquanto seus olhos passeiam pelo cardápio aberto sobre a mesa de um dos restaurantes do centenário hotel Copacabana Palace. Depois de pedir uma salada de rúcula, mussarela e shitake (um tipo de cogumelo japonês), Marisa discorre sobre um disco em que nomes mais que respeitáveis são guiados por sua batuta. Um disco lançado com alarde no Brasil – com direito a anúncio no intervalo da novela das oito – e em outros 38 países.

A lista começa por Nando Reis, Carlinhos Brown e Arto Lindsay – produtor de *Verde Anil Amarelo Cor De Rosa E Carvão* e *Mais*, seu disco anterior, o primeiro gravado em estúdio. Depois, aparecem Paulinho Da Viola, Philip Glass, Arnaldo Antunes, Laurie Anderson, Naná Vasconcelos, a Velha Guarda Da Portela, o Regional Época De Ouro (grupo que acompanhava Jacob do Bandolim) e Gilberto Gil, acompanhado por sua magnífica banda.

"Você acaba ficando muito solitário. Uma turnê, um disco, uma turnê, um disco. Só posso aprender às custas da necessidade desse tipo de intercâmbio. Esse disco é a conseqüência dos trabalhos que eu fiz nesse ano e meio. Eu estive me preparando, e não parando. Na duvida eu não faço nada."

Tantos encontros e descobertas levaram Marisa a um novo patamar musical. Com seu terceiro disco, ela fecha o foco em sua personalidade. Se *Marisa Monte* (89) e *Mais* (91) traziam uma intérprete capaz de unir estilos diversos com sinceridade exemplar, *Verde Anil Amarelo Cor De Rosa E Carvão* revela uma artista capaz de aglutinar em torno de si vozes que cantam uma só música – a sua música.

Essa capacidade lhe permite imprimir sua marca registrada na brasilidade de Tim Maia e Jorge Ben Jor – "Balança Perna", de *Samba Esquema Novo*, aparece no disco – ou no rock'n'roll de Lou Reed e do Velvet Underground. Ao regravar "Pale Blues Eyes" – "A idéia foi do Arto, mas foi totalmente apoiada desde o início" – estaria Marisa cada vez mais perto do rock?

"Existem músicos de rock'n'roll que eu amo: Rolling Stones, Nirvana, Velvet Underground, Elvis Presley, Beatles. São coisas que eu ouvi, eu escuto." E o rock brasileiro? "Acho que o movimento de rock n'roll feito no Brasil foi importantíssimo. Ele foi a primeira retomada da liberdade de expressão da nossa geração. Precisava ser do jeito que foi através do rock. É uma das formas mais viris, mais brutas, como atitude musical. Mas acima de tudo, o rock feito no Brasil para mim é MPB. É música, é popular e é brasileira. Estou falando da nossa geração."

Por "nossa geração" entenda-se os músicos de grupos como Ira!, Ultraje A Rigor e Titãs. A safra do início dos anos 80 que sacudiu o Brasil e fez a cabeça de Marisa, hoje com 27 anos. "As pessoas às vezes falam: 'Mas você..., rock? MPB?' Gente, que MPB, que rock, vocês estão loucos!? Isso é uma visão voltada para o passado! E a minha visão de MPB é direcionada lá para 2015, onde o Brasil está dentro do mundo, está se comunicando o tempo todo e está recebendo informações o tempo todo."

Nos shows de rock que costumava assistir, Marisa teve o primeiro contato com seu namorado, Nando Reis, baixista e vocalista dos Titãs. "Eu sou fã do Nando mesmo antes de conhecê-lo. Adoro todos eles (Os *Titãs*), mas obviamente eu presto mais atenção no Nando."

A cumplicidade profissional da cantora e seu namorado provocou uma curiosidade geral na imprensa durante o lançamento de seu novo disco. O *release* de *Verde Anil Amarelo Cor De Rosa E Carvão* – texto encomendado por sua gravadora para apresentar o novo trabalho aos jornalistas especializados – não trazia a assinatura de seu autor.

"O *release* foi escrito pelo Nando, é isto. Ele não assinou para não parecer uma coisa meio cabotina. Foi muito bom porque ele sabia melhor do que ninguém o que era esse trabalho. As pessoas poderiam dizer, 'Ah é o namorado dela, que chato...'. Apesar de tudo, essa é uma curiosidade natural das pessoas", diz a cantora, resignada.

Curiosidade. Eis uma palavra comum quando o assunto é Marisa Monte. Ao longo dos oito anos de carreira, a cantora conseguiu tornar-se um ícone da música brasileira para toda uma geração, sobretudo quando se fala da ala feminina dessa geração. O diagnóstico é óbvio e rápido: Marisa fascina uma legião de meninas e mulheres com sua postura segura e seu sucesso avassalador. Um fenômeno talvez só comparável a Elis Regina ou Gal Costa.

"Se essas pessoas se identificam comigo, eu me identifico com a Jac Leirner (*artista plástica*), com a Nanda (*Fernanda*) Torres e com a Deborah Bloch." E o assédio feito pelas fãs mais ardorosas? "Não é pesado lidar com essa identificação. Eu levo a sério, é a maneira que eu sei viver. Só posso dizer: Parabéns para você, que sentiu-se tocada por minha música'. Não é todo mundo que sente isso. O que pesa para mim é o que eu sinto."

A cantora ainda vê uma relação de transferência nessa história. "Não é só o jovem que gosta de ver outro jovem fazendo algo íntegro. A mulher também gosta. Acho que como exemplo esse papel é legal."

Marisa acaba confessando que prefere não opinar ou discorrer sobre algo além de sua música. Um exemplo: "Não quero falar sobre quem vou votar. Eu até posso dizer em quem votei ou em quem vou votar, mas é chato." E em quem ela votou? "No Lula." Seu voto será dele de novo? "Provavelmente sim, mas vou votar não por opção, e sim por falta de opção. É por isso que não falo sobre o assunto. Não confio, não assino embaixo. Será que o meu canto, o meu trabalho, já não diz um pouco do que eu penso? Eu queria que isso já bastasse."

"As pessoas às vezes falam: 'Mas você..., rock? MPB?' Gente, que MPB, que rock, vocês estão loucos!? Isso é uma visão voltada para o passado! E a minha é direcionada lá para 2015"

O equilíbrio entre o experimental e o gostoso de ouvir

A MPB de hoje tem Marisas aos montes. São cantoras que não querem se filiar a nenhuma corrente, gravam de tudo – desde aquela balada que interpretam no chuveiro desde crianças até a levada pop que o produtor mandou – e acabam fabricando frankensteins. É preciso um bocado de estilo para gravar CDs sem estilo, e Marisa Monte prova agora, pela terceira vez, que é uma das artistas nacionais que conseguem essa proeza.

Verde Anil Amarelo Cor De Rosa E Carvão é ótimo, embora sofra de um mal que acomete tantos discos na era do CD: excesso de faixas. Com quatro a menos ficaria melhor. Mas tudo bem. *Verde Anil Amarelo Cor De Rosa E Carvão* é também o CD que Marisa Monte fez com o objetivo confesso de conquistar o mundo. Será lançado em 38 países, acompanhado de respectivas turnês pela Europa e Américas e um *pushing* sem precedentes de sua gravadora. O disco consegue, no bom sentido, essa atmosfera internacional, sem descambar para as correntes "ursinho blau-blau" da world music.

Onde mais encontrar Laurie Anderson e Philip Glass gravando com Carlinhos Brown e a Velha Guarda Da Portela? E que outro disco incluiria a regravação de "Pale Blue Eyes", de Lou Reed, um clássico *underground* do tempo em que isso existia na música? Com esses ingredientes, o CD de Marisa consegue um bom equilíbrio entre o experimental e o gostoso de ouvir. No primeiro caso está, por exemplo, a axé-music-cabeça "Segue O Seco" e a chiquérrima "Ao Meu Redor". No segundo, estão, principalmente, os sambas. A regravação de "Dança Da Solidão", de Paulinho Da Viola, é um achado. E o samba "De Mais Ninguém", de Marisa e Arnaldo Antunes, faz a gente torcer para o ex-Titã gastar mais horas de seu dia com o pandeiro e o tamborim.

OKKY DE SOUZA

Tim Maia: uma influência sempre presente

"Tim Maia é o compositor que mais cantei na minha vida. Já devo ter cantado mais de vinte músicas dele, fora as que as pessoas conhecem." Marisa fala de Tim Maia com o respeito e a reverência que só os grandes mestres merecem.

De "Chocolate" (incluída em *Marisa Monte*) a "Não Quero Dinheiro" (incluída na turnê *Mais* e executada *ad nauseam* por várias rádios em versão pirata), a dívida de Marisa com o velho Tim aumenta cada vez mais. Apesar do estrondoso sucesso de sua versão para "Não Quero Dinheiro", a cantora preferiu não incluir a canção em seu terceiro álbum: "Seria previsível demais."

"No primeiro show que eu fiz, já cantava músicas do Tim. Depois vieram 'Gostava Tanto De Você', 'Do Leme Ao Pontal', 'A Festa', 'Ar Puro', e 'These Are The Songs', que eu cantava com o Ed (*Motta*)."

O primeiro contato com a música de Tim veio através de seus pais: "O primeiro disco que tive na minha vida foi o compacto de 'Primavera', que ganhei dos meus pais. Até então, só tinha disco de historinhas. Sou louca pela voz do cara. Acho ele genial, um dos maiores artistas do Brasil. Tem uma lucidez e uma irreverência necessárias. Ele é superintegro e um cara bom de coração, um cara do bem."

Depois da decolagem da carreira de Marisa, a cantora e seu velho ídolo viraram grandes amigos, conforme o próprio confirmou publicamente em vários momentos. "Às vezes ele me liga só para dizer: 'Marisa Monte, você é legal' (*imitando o vozeirão do cantor*). A gente se fala há muitos anos, desde que eu gravei 'Chocolate'. A gente se visita, eu passo tardes com ele falando sobre música, sobre o meio musical. São papos muito importantes", diz Marisa.

H.G

Seja Mais Você

JM
JULIAN MARCUIR
FAX: (011) 220-8567
TEL: 220-1111 e 223-2992
ENDEREÇOS:
R. DO AROUCHE, 144
R. GALVÃO BUENO, 75
SHOPPING PAULISTA
SHOPPING IBIRAPUERA

PROMOÇÃO BIZZ
5 PAGAMENTOS
SEM JUROS

As melhores noites de

Groove & Mood

acid jazz

jazz rap

Groove é a palavra inglesa para o termo "levada", quando relacionado à música (negra). *Mood* é o "clima" que só os feras do jazz conseguem atingir. O acid jazz (ou jazz rap) é a mistura de tudo isso: jazz com soul, hip hop e *acid house*, que definitivamente conquistou o mundo. Em outubro, com a noite do Free Jazz Festival que reúne a nata do gênero em nomes como US3, Guru e Digable Planets, o Brasil prepara-se para abraçar o estilo. Enquanto isso, em Nova York, vai sendo criado um novo movimento que revive a tradição jazzística da cidade (onde os músicos de jazz andavam de bar em bar à procura de uísque e *jam sessions*) e que promove todas os dias da semana, em bares diferentes, encontros entre os monstros consagrados do jazz e DJs ávidos em inventar um som ainda mais atual. Conclusão: o selo GIANT STEP é a mais recente plataforma de lançamentos e descobrimentos do cenário pop mundial. E é claro, a BIZZ direto de NY, com reportagem de Cristina Ruiz e fotos de Rose Miasaki, conta antes toda essa história.

"Jazz, soul e hip hop estão emergindo em grande escala no Giant Step", revista Spin

Nova York está vivendo novamente o clima de *glamour* e romantismo criado pelo jazz nos anos 50. A cidade hoje é o grande polo de acid jazz do planeta. O grande responsável por isso é um grupo de DJs ousados que fundaram a Groove Academy (uma organização que produz concertos de acid jazz além de empresariar artistas do estilo) e promovem algumas noites de jazz e hip hop batizadas de Giant Step referência ao antológico álbum homônimo de John Coltrane.

Como no passado, durante vários dias da semana, em bares diferentes, músicos de jazz, atualmente aliados a DJs e artistas multimídia, percorrem a noite nova-iorquina em busca de encontros que reúnem música, dança, sapateado, pintura e outras expressões. O que acontece exatamente em NY é uma reinterpretação moderna do jazz style quando existia uma espécie de comunhão entre *jazzmens*, bares e *jam sessions*. Atualmente as mesas dos antigos bares foram em parte substituídas por cabines de som e pistas de dança. Mas atenção: o palco continua lá e é nele que acontecem os grandes encontros entre as duas gerações. Como há cerca de quarenta anos, o negócio é estar no lugar certo na hora certa e presenciar reuniões históricas.

Participam freqüentemente dessas noites, músicos de jazz consagrados ou não, como Branford Marsalis, Don Cherry, Ron Carter e Lenny Garrett além da banda The Giant Step Crew. Mais: vários artistas de outras áreas musicais já passaram pelos embalos do Giant Step para dar uma canja. Entre eles, incluem-se os integrantes do Living Colour (é claro que Vernon Reid não ia perder uma "boquinha" dessas).

Apesar de ter uma proposta semelhante à desenvolvida na Inglaterra em 87 no projeto *Talkin Loud & Saying Something*, a atitude do movimento Giant Step é inovadora e original. O acid jazz nova-iorquino tem estilo próprio.

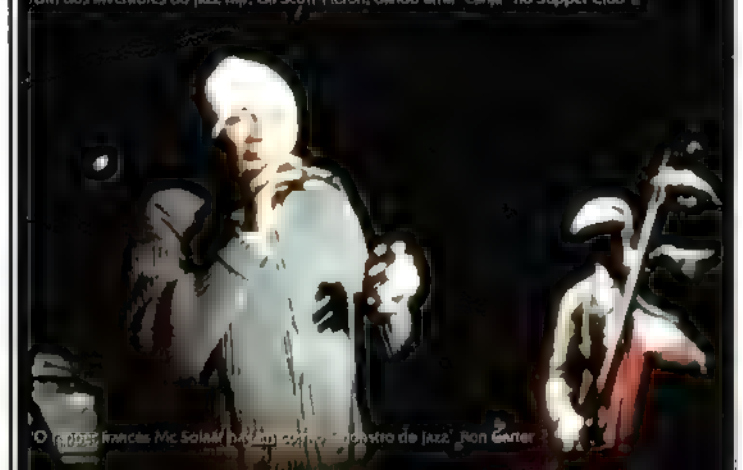
Criado a partir da missão do inglês Maurice Bernstein e do sul-africano Jonathan Rudnick após ter acontecido em diversos clubes de Nova York como o S.O.B, Metropolis, The Cooler, Ritz e Tramps, o Giant Step atrai semanalmente uma legião de cerca de 1.500 fãs aos bares da cidade.

Famoso por expor novos talentos muito antes de se tornarem conhecidos, o clube já foi palco e vitrine para artistas como Arrested Development, Jamiroquai, US3 e Digable Planets.

O Groove Academy exerce o importante papel "ponte" entre as gravadoras e os novos nomes. Foi através do Giant Step que grupos como Groove Collective, Repercussions e Dana Bryant assinaram contratos com multinacionais.

O grupo The Groove Collective com a cantora/poetisa Dana Bryant

Um dos inventores do jazz rap, Gil Scott-Heron, dando uma "canja" no Supper Club



O rapper francês Mc Solaar no palco "monstro do jazz" Ron Carter

SUPPER CLUB, 00:30H: UMA CIRCULADA PELO GIANT STEP

O lugar é definitivamente diferente de qualquer clube de jazz tradicional.

O acesso é fácil, mas mesmo com o nome na lista de convidados ou com ingresso, o ritual da entrada é sempre igual: uma fila que pode demorar até trinta minutos para andar. Isso porque todos que entram no clube são revistados e tem que se submeter a um detector de metal. O resto é festa. A audiência do Giant Step é bem variada. O clube atrai brancos, pretos, europeus, asiáticos e latinos, uma *crowd* multicultural tipicamente nova-iorquina.

O cenário do clube é constituído por uma colagem de slides, videoclips e fotos raras de gigantes do jazz como Louis Armstrong, Miles Davis e Dizzy Gillespie, projetada em dois telões, localizados nas laterais do palco. Capas de álbuns clássicos e trechos de filmes e documentários complementam o show visual que ilustra o ambiente. No bar, a maioria bebe cerveja. Neste mesmo andar (são dois), é onde se dança. A pista é grande e apesar de algumas vezes estar lotada, não chega a ser desconfortável. O segundo andar tem dois bares e mesas espalhadas ao redor do balcão com vista para a pista de dança e o palco.

O horário certo para chegar é sempre depois da meia-noite. O agito vai até às quatro da manhã.

O Giant Step funciona atualmente às quintas-feiras no Supper Club (240 W 47th Street). Mas se você quiser saber qual é a programação do Giant Step nos outros dias da semana, ligue para o Groove Academy Hot Line em NY, no telefone (212) 714-8001. O preço da entrada varia de acordo com a programação.

A NOITE INESQUECÍVEL

O Giant Step foi palco do especial de televisão *Red, Hot & Cool* gravado para a rede de TV educativa PBS. Participaram do programa duetos formados por Eric Sandler & Don Cherry; Joshua Redman & Me'Shell NdegeOcéllo; Rawsey Lewis & Carleen Anderson; Joe Sample & De La Soul, Lester Bowie & Digable Planets e Groove Collective & Pharcyde. O CD e o vídeo *Red, Hot & Cool* serão lançados simultaneamente, em outubro.

Vale lembrar que é mais um projeto da Red Hot Organization, a mesma campanha em prol das vítimas de Aids que lançou as compilações *Red, Hot & Dance* e *No Alternative*.

"Sinto que alguma coisa vai resultar do Giant Step, onde músicos de jazz vão para tocar", declaração do guitarrista americano Pat Metheny, à revista Straight No Chaser

OS PREFERIDOS DA CASA

Groove Collective – é a banda oficial do Giant Step quando está em NY. Tem a missão de improvisar e fazer jazz dançante.

Repercussions – mistura rap, funk, jazz, soul, reggae e muita percussão. A banda se tornou conhecida primeiro na Inglaterra com o single "Promise", lançado pelo selo Mo-Wax.

Incognito – foi reativado em 91 com o disco *Inside Life*, mas o álbum *Tribes, Vibes And Scribes* popularizou-os nos EUA.

The Brand New Heavies – já estão no terceiro álbum pelo selo Delicious Vinyl, mas nada se compara aos anteriores *Dream Come True* ou *Never Stop*.

Dana Bryant – começou carreira declamando e cantando jazz nos clubes locais. Sua sensualidade poética misturada com elementos do hip hop, soul, rap e jazz caracterizam seu estilo.

AS MELHORES BANDAS, NOS MELHORES DISCOS: O GUIA DEFINITIVO

• **Vários – *Jazz Dance Classics Vol. 1*** (Luv) Lançada a partir de arestas obscuros de outro selo concentrado, o Fantasy.

• **Vários – *Acid Jazz And Other Illicit Grooves*** (Urban) Se o estilo é chamado de "acid jazz", foi graças a essa compilação inglesa de 88. Galiano já aparecia nela, além de outras faixas históricas como "Traffic" do Push e "Ace Of Clubs", do Ace Of Clubs.

• **Dream Warriors – *And Now The Legacy Begins*** (4th & Broadway) Os rappers canadenses samplearam discos obscuros de jazz (bem antes do US3). "My Definition Of A Jazz Boombastic Style" é fundamental. "You Wash Your Face In My Sink" idem.

• **Vários – *The Rebirth Of Cool – Volumes I to 4*** (Talking Loud) Enciclopédia básica. O primeiro é indescritível: traz a básica "Jazz Thing", do Gang Starr, apresenta Galiano e Young Disciples para alguns e reinventa Soho e Young MC. O volume dois tem "Family", de McKoy, e "Free Your Feelings" de Slam Slam. E o terceiro e quarto... vale conferir.

• **Basehead – *Play With Toys*** (Imago) Michael Ivey (esse é gênio mesmo) murmura em faixas brilhantes reinventando a noção de improviso.

• **Mc Solaar – *Qui Sème Le Vent Récole Le Tempo*** (Talking Loud) Estréia insuperável do mestre do rap francês. Melhor que isso, só a faixa do seu segundo álbum, "Nouveau Western", em que ele samplea Serge Gainsbourg e Brigitte Bardot.

• **Vários – *Les Cool Sessions*** (Source) O melhor do rap francês (e suíço!): além de Mc Solaar, a compilação do grande "mentor" Jimmy Jay traz mais uma obra-prima do jazz rap: "Un Petit Rien De Jazz", de Ménélik.

• **Brownswood Workshop – *Multidirection*** (Talking Loud) Jazz rap japonês. Segure o riso e respeite, porque na melhor das faixas o United Future Organization samplea Edu Lobo e seu "Upa Neguinho".

• **Vários – *Listen, Urban Species*** (Talking Loud) O mais recente achado do selo. "Listen" e a sobrenatural "Spiritual Love" são eternas.

• **Galliano – *In Pursuit Of The 13th Note*** (Talking Loud) Ele tem o que se pode chamar de "jeito para a coisa"; as provas disso são faixas como "Welcome To The Story" e "Power And Glory".

• **Vários – *Giant Steps*** (ffrr) Primeiro volume que reúne bandas que já tocaram no clube Giant Step; as surpresas são Paul Weller e Dana Bryant, interpretando "The Revolution Will Not Be Televised" de Gil Scott-Heron.

• **A Tribe Called Quest – *The Low End Theory*** (Jive) Tem uma faixa que chama "Jazz", mas a que dá a melhor definição de cool é "Butter". Não se discute.

• **US3 – *Hand On The Torch*** (Blue Note) – para que gastar palavras?

ZECA CAMARGO

O Fest Valda agradece as bandas de São Paulo e aguarda o Djo Show das bandas do Rio de Janeiro

Fotos das bandas que participaram do Fest Valda - São Paulo - 94

Informações:
Disque
Fest Valda
(0800) 21 1200

Fest
VALDA
Aberto de música
Integração Colegio Universidade

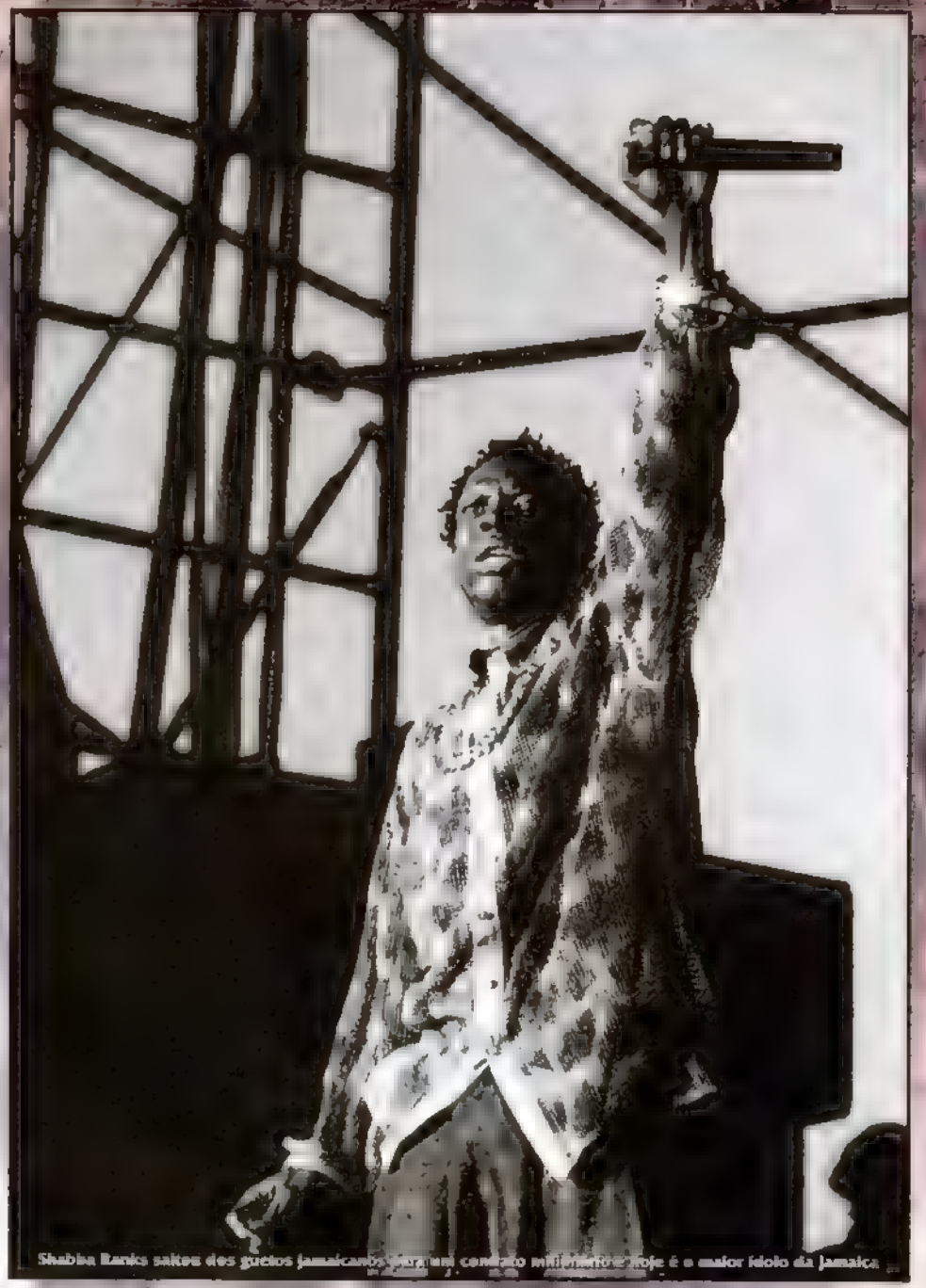
No
Circo Voador
Rio, 19 à 22
de out.

Patrocínio

apoio
REDE TV
DRAKKAR NOIR
Guy Laroche
adidas
FUN CLUB
REVISTA BIZZ
DRUM STUDIO
WARNER MUSIC BRASIL

JAMAICA ACIMA DE 40 GRAUS

Em agosto, a temperatura da Jamaica sobe a níveis insuportáveis. Festivais de reggae estouram em cada canto do país, trazendo milhares de turistas loucos para curtir outras belezas do lugar – leia-se sol, cerveja e o belo mar do Caribe. Sérgio Martins (texto) e Rui Mendes (foto) foram a Montego Bay acompanhar o Sumfest e, além de provar dos prazeres locais, encararam de frente os ídolos que fazem a cabeça da rapaziada na ilha de Jah



Shabba Ranks saltou dos guetos jamaicanos para um contrato milionário e hoje é o maior ídolo da Jamaica

Quando se fala em Jamaica, não há como tirar da cabeça a imagem de cantores de reggae com *dreadlocks* sacolejantes e músicas "conscientes" em meio às belas praias da ilha. As águas são realmente belíssimas. Bob Marley toca direto nas rádios e os rastas ainda fazem parte da paisagem. Só que perderam o dom de encantar o público para uma rapaziada "profana" – os DJs.

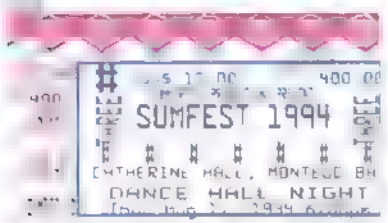
Esses novos ícones da juventude local levam ao pé da letra o *no problem*, lema oficioso da Jamaica. De cabelos curtos, à moda dos *rappers* americanos, eles não pregam a volta à África, como os artistas veteranos. Preferem as belezas naturais da Jamaica e ostentar roupas e carros caros. Isso num país onde o dólar americano vale de trinta a cinqüenta vezes mais que o local.

A despreocupação dos DJs também se reflete em suas letras: recheadas de sexo, onde muitos se vangloriam de suas proezas na cama. "Não vejo nada de mais falar em sexo. É algo que todo mundo gosta e faz", diz Lady Saw, logo após deixar a platéia do Sumfest de cabelos em pé ao simular um ato sexual no palco. Saw afirma em suas letras que os homens "devem ter um *big bamboo*". Eles, assim como as mulheres, gostam de ouvir alguém louvar as suas qualidades"

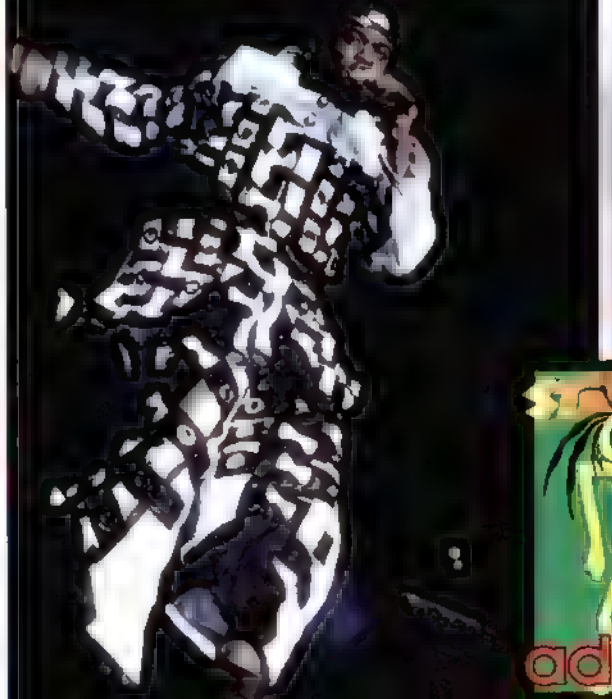
ARMAS E TIROS

O *guntalk* é outra – e mais perigosa – vertente dos ídolos da Jamaica. Ele equivale ao *gangsta rap* feito nos Estados Unidos: seus temas abordam brigas entre gangues, armas e tiros.

Ninjaman é a própria personificação da maldade: o ídolo maior do *guntalk* usa dentes de ouro (os verdadeiros, dizem, foram perdidos devido ao vício em *crack*), vive às turras com os outros DJs, que o acusam de tráfico de armas. Suas músicas levam títulos "suaves" como "Murder Them" ("Mate-os") ou "My Weapon" ("Minha Arma"). Ainda se recuperando de facadas levadas numa briga, totalmente trincado, Ninja defendeu seu estilo de música. "Falamos a realidade das ruas da Jamaica."



Estes DJs malucos e suas roupas maravilhosas. O esquisitão Pinchers (acima) e Lieutnant Stitchie entrando ao embalo da gatera (abaixo)



"Os DJs falam de sexo em suas letras porque é algo que todo mundo faz e gosta" (Lady Saw)

HISTÓRICO

Os DJs fazem parte da cultura jamaicana desde a década de 60, quando dominavam os *sound systems* – uma espécie de discoteca ambulante, criada para animar as festinhas da ilha. Sobre uma base que podia ser de rhythm n'blues, ska ou *rock steady* eles improvisavam letras e deixavam o público ligado com provocações e brincadeiras. Os DJs acompanharam todas as mudanças musicais que ocorreram na Jamaica nos últimos anos: foram rastas na década de 70 – dois bons exemplos são Big Youth e U-Roy –, partiram para a pornografia com Yellowman, na década de 80, até chegar a Shabba Ranks, o maior ídolo da ilha desde a morte de Bob Marley.

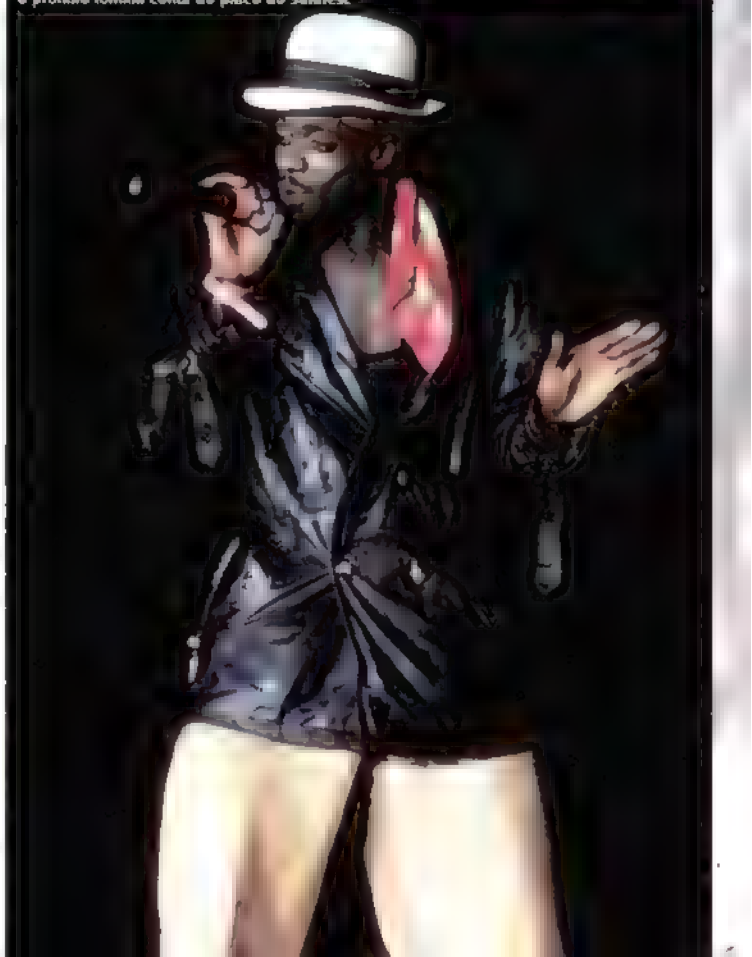
Alcançar o sucesso de Shabba, que saiu das favelas de Kingston para um contrato de um milhão de dólares numa multinacional, é o objetivo de todo artista iniciante da ilha. A cada dia são despejados, via selos independentes, dezenas de novos DJs, cada um com o nome mais esquisito que o outro. Tipos como Snagga Puss, Mega Banton, Spragga Benz. E as gravadoras internacionais também não dormiram no ponto, contratando qualquer artista que tiver o mínimo destaque em relação aos outros DJs. Além de Buju Banton (o novo ídolo da ilha) e da dupla Chaka Demus & Pliers, os *bad boys* Terror Fabulous e Bounty Killer saíram do esquema independente para detonar suas ladainhas numa multinacional.

PEGA NO SUMFEST

Quinta-feira, 11 de agosto de 94

A *Dancehall Night*, onde os DJs se apresentam, é a mais disputada de todo o Sumfest – e certamente é aquela que sempre reúne um tipo de público mais exigente.

A veterana Judy Mowatt destila emoção e Ninjaman prosela as suas maldades: o sagrado e o profano romam conta do palco do Sumfest



Buju Banton mandava matar gays. Hoje, rastafari convicto, prefere pregar contra o perigo da Aids

Multidão como aquela, só mesmo na ultima noite do festival, quando Shabba Ranks se apresentou depois de três anos longe dos palcos da Jamaica

Ao som de uma batida eletrônica similar ao batão, os artistas jogam o seu palavreado por cerca de vinte, trinta minutos no máximo, numa celebração que vai até o amanhecer. Às vezes, eles páram a música no meio da ladainha, deixando os jamaicanos eufóricos. Em seguida, outro tipo entra no palco e usa o mesmo *groove* para ironizar o DJ anterior. A gozação é despejada em letras ou provocações. "Nunca ouvi falar de Buju Banton", exclamava Ninjaman

As mulheres ensaiam uma dança erótica aos primeiros acordes da música. Os homens, por sua vez, mostram sua admiração exclamando "Bam! Bam!", som aproximado de um tiro de revólver

Os artistas veteranos acham que os DJs devem voltar-se para músicas mais "conscientes". Mas pelas palavras de Tiger, outro decano da ladainha, o reinado dos DJs ainda deve durar um bom par de anos. "Damos diversão ao povo. Por que nos censuram?"

O DJ nº 1 da Jamaica, Buju Banton, coloca todo seu poder de fogo à mostra no palco do Sumfest

A CONVERSÃO DE UM *BAD BOY*

Há dois anos, Buju Banton sacudia o mundo com "Boom Bye Bye", música de batida lenta cuja letra "sugeria" que os gays (*batty boys*, como são conhecidos na Jamaica) fossem metralhados. O caso deu pano para a manga, com os DJs sendo acusados de homofobia. Astros como Shabba Ranks apoiaram Buju e tiveram sua reputação arranhada entre os americanos e o público gay.

O Buju Banton versão 94 ainda é o maior ídolo da ilha, mas hoje em dia assume uma roupagem "politicamente correta".

Deu ouvidos aos ensinamentos de Jah e à filosofia rastafari – não há como não notar os princípios de *dreadlocks* em seu coco.

"O Buju Banton de hoje está mais 'consciente' do que o de há dois anos. E me tornei rasta para defender a verdade e educar as pessoas", informou ele, em seu dialeto quase incompreensível.

A música de Buju também mudou. Não há mais gozação aos homossexuais, mas mensagens contra a Aids e muitos outros problemas da Jamaica. Como em "Willy (Don't Be Silly)", onde pede para se usar camisinha.

"A juventude de hoje não tem condições de ler livros. Os DJs têm de informar as pessoas sobre todas as coisas erradas que rolam no mundo."

Os *dreadlocks* e os gritos de "Jah Rastafari" durante as suas apresentações são apenas o princípio da mudança de Buju.

O DJ vai participar de alguns shows beneficentes, cuja renda será revertida para aidéticos. Um novo disco também está nos planos deste que era inimigo das *drag queens*. "Será um álbum diferente, cheio das palavras e mensagens de Jah".

As lojas de discos da Jamaica, com seu estoque ao gosto do cliente

AS USINAS DE BRUXARIAS

A produção de reggae vem atravessando mudanças desde 85, quando foi criada uma batida eletrônica chamada "Under Mi Sleng Teng" – e por sua vez o *dancehall*, um estilo de reggae mais eletrônico que recebeu a adesão de artistas veteranos e de DJs.

Hoje os estúdios jamaicanos dispensam aquele velho esquema de baixo e bateria "humanos". "Os aparelhos eletrônicos se tornaram mais práticos e dão o mesmo resultado", me confidencia um funcionário do Music Works.

O estúdio pertence a um dos maiores *hitmakers* do reggae: Augustus Gussie Clarke, que produziu de Shabba Ranks a Dennis Brown e os ingleses do Aswad. Gussie não sabe tocar nem um instrumento. "Trabalho como uma usina de idéias", conta ele. "Sou eu quem crio um *groove* bom para as pistas, vejo os cantores e DJs que se saem melhor na música e os coloco em estúdio."

Para Gussie, que trabalha com música desde os seus tempos de colegial, os DJs são "preguiçosos, pegam a batida de uma música que está na moda e colocam as suas letras. Veja o caso de 'Mr Loverman': eu criei a música e chamei Shabba para participar nela. Anos depois, ele adicionou uma batida *hip hop* à melodia, colocou em seu disco e se acha o maior!"

O Mixing Lab, quartel-general do produtor Sly Dunbar (acima)

Sly, o produtor mais requisitado da Jamaica, faz pose para a BIZZ

VOU DE TÁXI

Ao lado do baixista Robbie Shakespeare o baterista Sly Dunbar produziu discos do Black Uhuru, de Peter Tosh, tocou com Mick Jagger, Carly Simon e Bob Dylan. Foi no tempo da Taxi, a parceira mais legal desde que desfizeram a dupla Pelé e Coutinho. O Mixing Lab, estúdio atual de Dunbar, é a usina de produzir sucessos. O produtor fica trancafiado ali, pesquisando sons

Sly deixa a modéstia de lado ao falar de *Tease Me*, seu trabalho com a dupla Chaka Demus & Pliers. "Acho que fiz um disco histórico. Aqueles dois se deram muito bem e nunca foram reunidos tantos sucessos num disco só." *Tease* vendeu mais de um milhão de cópias no mundo todo

E agora? Qual será a próxima invenção desse "bruxo dos estúdios"? "O samba-reggae. Quero samplear trechos de músicas do Olodum. Acho a batida deles fantástica!"

Gussie Clarke, bem à vontade num dos três estúdios de seu Music Works (acima)

JAMAICA, NO PROBLEM

A mother jamaicana: uma escultura de ébano de 1,80m

A gata observa de perto as performances dos DJs

Centro da cidade de Montego Bay

Aeroporto de Montego Bay, 13 horas de domingo, 7 de agosto. "Do you want ganja, man? You know, smoke!". O carregador de malas dava as boas vindas e uma vaga idéia da Jamaica. Num país onde 97% da população é negra, branquinho é minoria ou turista. O assédio nativo começa na chegada, no aeroporto e acaba na saída, também no aeroporto.

Em frente ao hotel, no estacionamento de um shopping center, uma dezena de garotões fazem ponto, dia e noite, oferecendo maconha, haxixe, cogumelo, cocaína, manga, abacaxi, banana e, por último, uma corrida de táxi se a sua necessidade é transporte. Todo jamaicano que tem carro é um taxista em potencial e o fusca de lá é o Lada. Como lá não existe taxímetro, pechinche sempre o preço da corrida.

Montego Bay é uma cidade de uns 60 mil habitantes, encrustrada no morro, de frente para a baía de Montego. O povo é mais relax do que o pessoal de Kingston – a capital do país –, mas é bom não vacilar: três brasileiros deram uma volta à noite pelo centro da cidade e foram assaltados.

Um ponto alto da ilha é a beleza das nativas, esculturas de 1,80m de puro ébano, emolduradas por um guarda-roupa meio rap, meio Caribe.

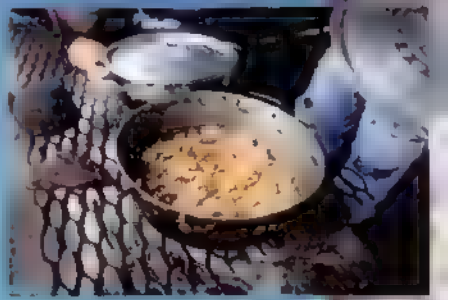
Fotografar esse pessoal é bem complicado. Todos escondem a cara ou pedem grana. Só relaxam quando você se diz repórter brasileiro. Os caras – amantes do futebol canarinho – logo respondem, "Romario! Bibitou! Dungah!"

As praias são econômicas em areia e calmas demais. Dez a zero para Bahia ou Pernambuco.

Aliás, o clima da Jamaica é bem parecido com o de Salvador, mas extremamente melhorado pela *Red Stripe*, uma cerveja leve e saborosa, a *Ting*, uma bebida feita à base de grapefruit e o refrigerante de abacaxi, que tem gosto de drops Dulcora. O rum também é da melhor espécie. Jamaica, *no problem*.

Rui Mendes

O poeta Mutabaruka confere as vibrações do festival



O café da manhã do jamaicano: ackee (uma fruta local) e peixe apimentado

Os rastas esperando pelas músicas "conscientes"

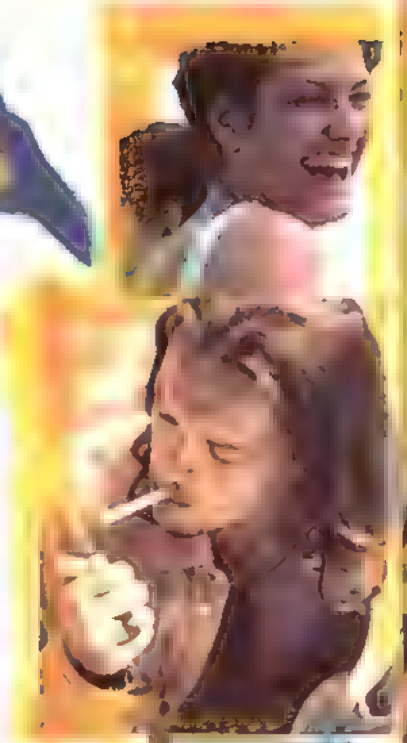
As barraquinhas de comida e lembrancinhas estão em todos os cantos do Sumfest

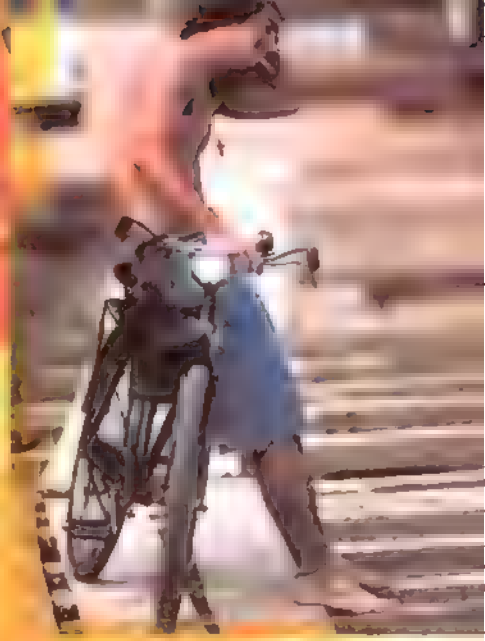
O policial tenta segurar a galera no show de Shabba Ranks

Colaborou: Maurice Gordon • Sérgio Martins e Rui Mendes viajaram a convite da Adidas

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR É PREJUDICIAL À SAÚDE.

CADA UMA NA SUA





Mas com alguma coisa em comum.

Baixos Teores.

FREE

Questão de Bom Senso.

Retorno Entre Monstros

Uma das bandas mais influentes e consagradas dos anos 80 sai de um longo jejum de palcos e de estúdios com um disco chamado Monster. Sim, o R.E.M. lança o sucessor de Automatic For The People — álbum semi-acústico e introspectivo que galgou as paradas mundiais, mesmo sem uma turnê para promovê-lo. E agora, o cantor Michael Stipe e o baixista Mike Mills garantem com exclusividade a José Emilio Rondeau, que fizeram um disco do mais puro rock'n'roll e que voltarão à estrada em breve!

"marketing é tudo aquilo que se faz para vender um produto"

É o que se lê em letras maiúsculas no primeiro de uma série de cartazes jogados sobre a mesa de reuniões da suíte, em Beverly Hills.

"Achamos os cartazes quando nós chegamos aqui", explica-se Mike Mills, baixista do R.E.M., na hora em que ele entra na suíte e encontra as palavras de sabedoria empresarial misturadas com restos de pizza e de refrigerantes, "e aí deixamos na mesa por brincadeira". É uma das mais irônicas. Se algo jamais deve ter passado pela cabeça dos caras do R.E.M. durante catorze anos de carreira, é a noção de que a banda é um produto a ser vendido – e, portanto, objeto do marketing. Mesmo assim, é o grupo americano de mais prestígio, influência e sucesso em vendas.

Sua legião de fãs gradativamente – e nunca radicalmente – aumenta a cada disco. Eles construíram uma carreira e uma reputação imaculadas junto ao público e à crítica, ao mesmo tempo em que se firmaram na indústria, ainda que recusando o *modus operandi* de disco, turnê, clip, disco, turnê, clip...

"É preciso estar seguro que os seus objetivos são fama, dinheiro, sucesso", explica Mills, tentando fundamentar os firmes propósitos da banda. "Assim, funciona-se dentro da indústria sem problemas. Mas se o seu objetivo for tomar decisões artísticas, de carreira e de negócios, precisa manter o controle e aceitar as consequências. Porque você não fará sucesso rápido assim."

"Nós nunca tivemos objetivos", diz Michael Stipe, vocalista e letrista da banda, esfregando sua cabeça raspada com unhas pintadas de uma cor que lembra iódo, ao enrolar um cigarro. "Nosso objetivo é fazer discos dos quais a gente não se envergonhe três anos mais tarde. Isso tem bastado para nós."

O disco que eles lançam em outubro – *Monster* – vem confirmar o que diz Stipe. Parece um casamento do R.E.M., Rolling Stones de 72 e David Bowie de 74, passando pela ótica punk dos anos 90. Não traz vovôs estabelecidos, mas um grupo de veteranos plenos de ideias e entusiasmo. Relevantes e vitais. "Não somos tão velhos assim", brinca Stipe, sobre o tópico relevância. "Mas nossa hora vai chegar", alerta Mike Mills.

"fase azul" longe dos palcos

Qual foi a cronologia que regeu a criação desse *Monster*?

Mike Mills Começamos a compor em setembro. Fizemos algumas demos em Nova Orleans, nos estúdios King's Way, de Daniel Lanois, e no Colorado. Daí passamos um mês gravando em Atlanta e depois mais um mês em Miami. E para terminar, gastamos mais umas seis semanas aqui, em Los Angeles.

Parece que *Monster* é um daqueles discos gravados na estrada, só por necessidade da situação, enquanto a banda excursiona. Não foi o caso de vocês. Portanto, qual a vantagem de gravar em tantos estúdios diferentes?

Mike Mills É vantajoso, porque cada cidade tem um sentimento diferente, um *feeling* que é só dela. Ainda mais quando se está em uma cidade como Nova Orleans, com toda uma coisa mística, espiritual, pesada. Ao mesmo tempo, ficar mudando de cidade nos ajuda a não cair no tédio de sempre estarmos em um mesmo lugar durante muito tempo.

Michael Stipe Além disso, mudar de cidades permite que a gente escute o disco em salas diferentes. Então, sua perspectiva vai mudando. De qualquer maneira, é como se nós estivéssemos *channelsurfing*, nada é premeditado. Mesmo com todas essas coisas que estamos falando, isso não é como uma ciência, não é como cirurgia cerebral... é um disco de rock'n roll.

Mike Mills Nós tentamos gravar o máximo possível de faixas ao vivo, num estúdio grande, com o som saindo por um P.A., sem platéia, mas ao vivo.

Numa entrevista de 91, Bill Berry disse que naquele momento ele via o R.E.M. como uma banda de estúdio. E agora, justo quando vocês acabam de fazer um disco mais agressivo que o anterior, mais rock'n'roll, mais "ao vivo" – e justamente quando o grupo vai voltar a excursionar –, você acha que aquelas palavras que Bill disse pertencem ao passado?

Mike Mills Sim, qualquer coisa que você venha a declarar a respeito de sua banda vai se aplicar somente àquele momento específico. Cada disco é uma cápsula daquele determinado grupo no ano anterior. Uma vez que esse novo trabalho fica pronto, que termina aquele período, tudo mais que a banda venha a criar vai passar a ser parte integrante do disco seguinte.

> "Nós tínhamos a maior sorte do mundo por fazermos o que mais gostávamos, mas chegou um ponto em que tudo era demais" (Mike)

Sim, mas o que estou perguntando é se naquele tempo o R.E.M. queria conscientemente ser apenas uma banda de estúdio ou se a ausência de shows seria consequência da falta do que você chamou "canções que nos entusiasmassem o suficiente."

Mike Mills Foi, em parte, um pouco disso. Mas por outro lado, em diversos aspectos, não estávamos preparados. Ainda sofríamos os efeitos colaterais da turnê de 89. Somando tudo isso, não parecia a hora certa de excursionar.

Michael Stipe Aquela turnê foi um verdadeiro saco! (*risos*)

Mike Mills Foi longa demais, durou de janeiro a novembro. Quando tudo terminou, estávamos fartos uns dos outros e daquelas grandes multidões. Não quero soar como se reclamasse de barriga cheia, porque nós tínhamos a maior sorte do mundo por fazermos o que mais gostávamos, mas chegou um ponto em que tudo era demais.

De volta à estrada com um álbum de rock'n'roll e novo visual

Você diria que quando se retirou da estrada e se concentrou em estúdio, o R.E.M. teria se reinventado?

Michael Stipe Agora aquele tempo vai ser conhecido daqui para a frente como nossa "fase azul"? (*risos*)

Mike Mills Sempre nos reinventamos a cada álbum. O objetivo é sempre fazer um disco diferente do anterior, sem olhar para trás.

"fase vermelha" a chama do rock

O que nos traz de volta a *Monster*, que é uma antítese do disco anterior.

Mike Mills A gente tem a oportunidade de fazer cada disco de uma maneira. Um de rock'n'roll mais barulhento e outro acústico, repleto de significados. Há dois álbuns que queremos fazer um disco de rock, mas só aconteceu agora.

Algum músico convidado participa de *Monster*?

Mike Mills Thurston Moore (*guitarra/Sonic Youth*) faz vocal em "Crush With Eyeliner". Chamamos poucas pessoas porque o disco seria mais alto, elétrico. Tentamos o mais básico possível.

Michael, foi noticiado que você e Kurt Cobain estavam para trabalhar juntos. Isso iria mesmo acontecer?

Michael Stipe Durante um tempo, o Nirvana insistia que nós deveríamos excursionar junto com eles. Isso durou dois anos. Mas quando eles ficaram famosos tornou-se impossível trabalhar em um esquema de uma banda que ia abrir para a atração principal.

> "Nas semanas que antecederam a morte dele (Kurt Cobain), a gente se falou muito, mas nada de nosso projeto foi gravado" (Michael)

Mas, nós estávamos para excursionar juntos em 95, já que as duas bandas se admiram muito. Em relação ao projeto no qual Kurt e eu trabalhávamos: nas semanas que antecederam a morte dele nos falamos muito, mas nada foi gravado. Ele chegou a trabalhar em alguma coisa no porão da casa dele, mas não sei o que aconteceu com esse material.

Ele não queria tocar com nenhum tipo de instrumento que fosse plugado, ele queria apenas tocar em acústicos. Foi então que sugeri a ele a viola e o órgão. Aliás, aquele nosso trabalho seria para um filme, não para um disco.

Agora vocês estão em uma posição única: três discos novos que jamais foram tocados ao vivo, a não ser em aparições ocasionais. Como vocês traduzirão ao vivo as músicas dos dois discos anteriores a *Monster*?

Michael Stipe É preciso traduzir tudo para o palco. Não dá para excursionar e fazer shows só com o repertório de *Out Of Time* e *Automatic For The People* como está gravado. Não seria alguma coisa excitante de se assistir durante duas horas. Os shows de rock não são para se assistir sentado. Veja que na noite passada, no ensaio, a gente tocou "I Remember California" muito alto, mais rápido. (*Para Mike*) Devo entrar no assunto do punk?

Mike Mills Se você quiser...

Michael Stipe *Automatic For The People* era para ter sido um disco punk, alto, na cara. E ele acabou sendo tudo isso, exceto alto. Mas eu mantenho a minha crença de que é um disco de punk rock, em termos de atitude e de ética, pela razão de que lançamos um disco assim em 92, isso quando todo mundo estava fazendo o oposto. Um bom exemplo: três quartos de *Horses*, de Patti Smith, é de um som introspectivo. E trata-se de um dos maiores discos de punk rock já feitos. Em *Monster* partimos para um outro lado. E, embora você reconheça referências musicais a outros artistas ao longo do disco, não vai encontrar muitas referências ao "som R.E.M." Pessoalmente, acho que o nosso estilo é um pouco mais amplo que tudo isso.

Tentamos sempre nos expandir. Adoro trabalhar dentro de um formato pop, mas muitos daqueles que são nossos contemporâneos se impõem limitações muito rígidas. O ideal é expandir as possibilidades do pop no nível máximo possível, seja você o R.E.M. ou os Digable Planets, ou o Us3 ou o Nirvana. Isso é o que me interessa.

R E M
Explodindo Mudanças

Durante catorze anos de carreira, não foi apenas a sonoridade do quarteto de Athens que se alterou de maneira significativa. O próprio aspecto visual do grupo sofreu profundas mutações. Nas fotos abaixo, alguns flagrantes desse processo

14 Na época do primeiro álbum, Murmur. Apesar da formação musical vinda do punk rock, os caras mais pareciam um bando de hippies cabeludos. (A partir da esquerda) Peter Buck (guitarra), Michael Stipe (voz/letras), Mike Mills (baixo) e Bill Berry (bateria)

15 O R E M era premiado como o College Music Journalist Award, em Nova York. Um dos pioneiros e mais bem-sucedidos grupos de todo o circuito alternativo já apresentava Michael (à esquerda) com os cabelos tingidos de loiro e Mike (à direita) cultivando o visual nerd

16 Com o álbum Green, o primeiro realizado sob o contrato de um milhão de dólares que assinou com a Warner, o R E M. estourava mundialmente. Se Peter e Bill (ao fundo) mantinham as cabeleiras desgrenhadas, Michael (à frente) assumia um ar de intelectual

17 Expandindo seus rumos musicais com o disco Out Of Time, o R E M se consolidava como um grupo de primeira linha no cenário, apesar da "aparência inofensiva" deles. Bill (à esquerda) aparecia com os cabelos curtos e só Peter (à direita) ainda cultivava as longas madeixas

18 "A volta do monstro" Michael de cabeça raspada (à frente), encabeça o grupo, que prepara-se para retomar aos palcos em uma turnê que sucederá o álbum Monster. E até Mike (à direita) disfarça a sua aparência de aluno aplicado com uma franjinha

Tá na cara que eu ouço a Jovem Pan 2. Quando eu ligo o rádio e sintonizo a Jovem Pan 2, fico por dentro das melhores músicas do mundo. A Pan toca tudo que realmente eu gosto de ouvir. Dance Music, Rock, o Pop nacional e tem até As 7 Melhores. A Jovem Pan 2 me toca de verdade e é por tudo isso que eu vou te dar um supertoque. Não fique por fora, a Jovem Pan 2 é o melhor rádio do Brasil!!! Só falta você se tocar.

(Da esq. para a dir., e de cima para baixo): chegando em Woodstock; Perry Farrell à frente de seu Porno For Pyros; o decano David Crosby, conservado em formol; a meçada de peito aberto; um brasileiro no meio da multidão; Carlos Santana detonando e James Hetfield comandando o show do Metallica.

WOODSTOCK (Saugerties, Nova York, 12 a 14/8)

Em plena era da MTV, computadores, CD-ROM, patrocínio de corporações e merchandising, o final de semana em comemoração do vigésimo-quinto aniversário do festival de Woodstock reuniu 350 mil pessoas. Foram três dias de longas filas, comércio e uso de drogas.

O temporal que desabou, no sábado, misturado com o excesso de drogas talvez tenha sido o único momento *revival* de Woodstock 69.

Eram poucos os hippies de verdade espalhados no meio da multidão que com um dia de antecedência, já acampavam pelos arredores do município de Saugerties. O público, predominantemente de jovens, nem era nascido na ocasião do primeiro festival. A faixa etária da platéia – composta por americanos e jovens vindos de todo o mundo – variou de 16 a 25 anos.

Até a chegada da chuva, shorts, camisetas tingidas e tênis compunham o figurino básico da galera que, mais tarde empolgada pelo temporal de uma hora, preferiu tirar a roupa e cair na lama.

A campanha antidrogas e álcool de nada adiantou: maconha, ácido e cerveja rolaram soltos nos 840 acres dos campos de Saugerties, uma área equivalente ao Central Park em Nova York e seis vezes maior do que a fazenda de Max Yasgur, em Bethel (local do primeiro festival).

Este ano o festival de Woodstock não causou graves problemas de trânsito como em 69. A equipe de produção do evento fez de tudo para não haver falhas, mas ninguém é perfeito. O esquema furou e o êxodo desordenado de multidões que deixavam gradativamente o local, no domingo, em grupos de dez a quinze mil pessoas, fez com que os veículos credenciados parassem de transitar.

Isso afetou a imprensa, aos convidados e ao público que, em sua maioria, pagou 135 dólares pelo ingresso, com direito a estacionamento e transporte interno. Já o pessoal acampado não se preocupou.

Nós, jornalistas, nos hospedamos em Albany, capital do estado de Nova York, e levávamos cerca de quatro horas para chegar ao evento. O trajeto: três horas num ônibus escolar (dos amarelos que se vê em filmes) até o estacionamento.

De lá, uma segunda jornada de mais uma hora nos ônibus da organização que circulavam dentro da fazenda. Depois, chegava-se à tenda de imprensa. Até o segundo dia do festival, esse sistema funcionou normalmente. A situação se agravou mesmo no domingo, quando as estradas – tomadas pelo público que deixava o local do evento – foram temporariamente interditadas pela polícia.

Apesar da campanha antidrogas e álcool, doses de LSD eram vendidas por cinco dólares

Minha aventura começou quando eu percebi que só chegaria ao local do show caminhando. Na andança de quarenta minutos, passei por poucas e boas. Senti frio em pleno verão, caí, escorreguei na lama e até cruzei um rio por cima de um tronco que servia de ponte. Me senti a protagonista de *Crocodile Dundee*.

A celebração de paz de Woodstock pode ser considerada vitoriosa. Apesar do enorme público, os números de mortes e atendimento médico foram baixos.

A credencial do Woodstock 94: objeto de desejo de qualquer fã de rock'n'roll

Apenas duas mortes durante o festival. Nos postos de saúde – com 179 leitos cada –, uma equipe de mil e trezentos médicos e para-médicos atenderam a cerca de três mil pessoas.

Casos mais comuns: algumas fraturas causadas por brincadeiras num tobogã de lama improvisado e pessoas procurando os postos de saúde na tentativa de tratar as *bad trips* decorrentes da ingestão de LSD, droga vendida livremente no local pela quantia módica de cinco dólares. Os três mil banheiros instalados na área do festival não foram suficientes para atender às necessidades locais.

Mesmo com cabines de detector de metais (tipo as existentes em aeroportos), grande parte do público não foi revistado, o que facilitou o acesso de câmeras de vídeo, bebidas alcoólicas (em latas ou em garrafas), comida, panelas, lanternas e qualquer tipo de metal, itens proibidos pela produção do festival.

Outra medida abolida logo no segundo dia do evento: o câmbio de dólar por moedas de Woodstock (um, cinco e dez dólares) já que a princípio, dinheiro não circularia no festival.

O fato de a organização do evento ter parado de solicitar ingressos na entrada do evento, por volta das 19h de sábado, deveu-se à forte chuva que caiu durante uma hora naquela tarde. De acordo com a produção do festival, a decisão foi tomada por medida de segurança.

O *line up* dos três dias de shows não deixaram a desejar. A seleção de artistas não ocorreu aleatoriamente. A Woodstock Ventures e a PolyGram acertaram todos os detalhes e foi feita uma pesquisa para definir a preferência musical do público alvo. De acordo com o resultado, ele era predominantemente de jovens na faixa etária de 16 a 18 anos.

Pearl Jam e Grateful Dead saíram na cabeça, mas nenhum deles tocou. Eric Clapton, U2 e R.E.M. foram citados, mas não tinham planos de ir. Negociações com os Guns N'Roses não foram a lugar nenhum. Os Eagles queriam muito dinheiro e os Rolling Stones não foram solicitados. Talvez por terem se recusado a ir no festival original, criando quatro meses depois seu próprio Woodstock – a gigantesca operação de Altamont.

Woodstock '94 começou sexta-feira, às 11 da manhã, com mostras de cânticos tibetanos e de índios americanos, que foram seguidos pelas apresentações de bandas locais e daqueles grupos menos populares como **Candlebox**, **James**, **Collective Soul**, **Del Amitri** e **Violent Femmes**. Das vinte atrações do primeiro dia, o **Blues Traveler** foi a que mais mexeu com o público.

A partir de sábado, os artistas foram divididos entre dois palcos. **Joe Cocker**, **Blind Melon**, **Cypress Hill**, **Rollins Band**, **Melissa Etheridge**, **Crosby, Stills And Nash**, **Nine Inch Nails**, **Metallica** e **Aerosmith** tocavam no palco norte, enquanto os principais nomes do festival – **The Cranberries**, **Youssou N'Dour**, **The Band** e **Salt-N-Pepa**, compartilhavam o palco sul.

Crosby, Stills And Nash e Joe Cocker, os veteranos que estavam presentes na versão de 69 recordaram momentos do passado no sábado, cantando sucessos da época, porém sem passar clima de nostalgia ao evento.

Nine Inch Nails, Metallica (que abriu o show cantando "Stone Cold Crazy", do Queen) e Aerosmith foram os grandes destaques de sábado assim como o rock *indie* do grupo irlandês The Cranberries.

O último cantou a inédita "Zombie" do disco que será lançado mundialmente em outubro e fecharam o *set* com "Close To You", dos Carpenters. Essa é uma das faixas do álbum-tributo *If I Were A Carpenter* que também conta com a participação do Sonic Youth e Redd Kross, entre outros. The Band fez um show de mais de duas horas com a participação de convidados especiais

Duas moedas de Woodstock Dollars, o dinheiro oficial (e furado) do festival

Bruce Hornsby, Bob Weir (Grateful Dead) e Roger McGuinn (The Byrds).

No domingo, no palco norte: **Arrested Development**, **The Allman Brothers Band**, **Traffic**, **Spin Doctors**, **Porno For Pyros**, **Bob Dylan**, **Red Hot Chili Peppers** e **Peter Gabriel**. No palco sul: o festival **WOMAD** de Peter Gabriel, **Green Day**, **Paul Rodgers**, **Neville Brothers**, **Santana** e **Jimmy Cliff**.

Perry Farrell, líder do extinto grupo Jane's Addiction e idealizador do festival itinerante *Lollapalooza* (leia sobre este festival na página ao lado) trouxe ao palco um circo: duas dançarinas de *topless* que simularam uma relação sexual e fizeram acrobacias tais como subir num pau-de-sebo e engolir fogo.

Os integrantes dos Red Hot Chili Peppers – indiscutivelmente o grande sucesso da noite – entraram em cena vestindo macacões prateados e lâmpadas gigantes como chapéus. Dentre os hits interpretados pelo grupo destacou-se "Give It Away", que levou a platéia ao delírio logo após um longo e cansativo show de Bob Dylan, que só conseguiu animar o público ao interpretar os clássicos "Masters Of War", "Don't Think Twice, It's All Right" e "Highway 61 Revisited", entre outros.

Carlos Santana, outro veterano de Woodstock, não encontrou dificuldades para cativar a platéia. O festival terminou na madrugada de segunda-feira com o concerto do cantor Peter Gabriel. O cantor encerrou um festival em que o maior prejudicado foi o público, submetido ao grande inconveniente de escolher entre assistir shows de qualidade que rolavam em dois palcos diferentes, ao mesmo tempo. *Cristina Ruiz*

NEW MUSIC SEMINAR (Nova York, 19 a 23/7)

Um hóspede desavisado que chegasse ao luxuoso hotel Sheraton em Nova York, no meio de julho, poderia achar que tinha dado de cara com uma invasão alienígena ou com os participantes de alguma convenção de vítimas de cabeleireiros incompetentes: centenas de criaturas, a maioria jovens na faixa dos 18 aos 25 anos ostentando as cabeleiras e roupas mais esquisitas do planeta, se esparramavam pelos saguões do hotel, ouvindo rock no último volume. Era o New Music Seminar (Seminário da Nova Música), evento mais importante do rock alternativo nos Estados Unidos.

Todo ano, oito a dez mil pessoas se reúnem para palestras, debates e cursos sobre a indústria da música. São músicos, executivos, DJs, programadores de rádio independentes e todo tipo de profissional ligado à música, em uma alegre bagunça que dura quatro dias.

Muitas personalidades participam dos debates: **Richard Hell** foi um dos convidados para o painel "Faça Você Mesmo – Como Montar Sua Gravadora Independente" e falou de sua experiência como líder de banda punk. **Chuck D**, do Public Enemy, veio discutir sobre o futuro da multimídia e do CD-ROM. **Hilly Krystal**, dono do lendário clube CBGB's, foi o principal convidado de um seminário sobre a organização de uma casa noturna. Foi montada no hotel uma grande exposição, onde as gravadoras mostravam os seus próximos lançamentos, enquanto firmas de prensagem de discos ofereciam descontos para bandas independentes e fábricas de instrumentos musicais exibiam as últimas novidades.

Em quatro dias, quatrocentas bandas em trinta clubes

Mais legal que os debates e a feira, no entanto, foi o calendário de shows. Nada menos que quatrocentas bandas tocaram em mais de trinta clubes, durante as quatro noites do festival. Para muitas bandas desconhecidas, o NMS é a grande chance de mostrar seu trabalho para algum executivo de gravadora. Foi em edições passadas que grupos como R.E.M., Jane's Addiction e Blind Melon chamaram a atenção da indústria. Em 94, dos quatrocentos grupos escalados para tocar, ao menos 150 nunca haviam tocado na costa leste dos Estados Unidos. A lista tinha nomes obscuros: **Dementheads**, **Drek** e **Fig Dish**.

A oferta de shows era tão grande que se tornava difícil escolher a que bandas assistir. Na mesma noite, tocaram em diferentes clubes, **Violent Femmes**, **L7**, **Polvo** e **Girls Against Boys**. O jeito era correr para um clube, assistir a um grupo, depois pular dentro de um táxi e se mandar para outro lugar. O encerramento festivo do NMS aconteceu em um show ao ar livre no Central Park, reunindo a "mala pesada" **Juliana Hatfield** (ex-namorada do "Flávio Venturini do grunge", Evan Dando) e a banda holandesa **Bettie Serveert**, que agradou com seu rock cheio de guitarras etéreas e passagens lentas. Nem a tempestade que desabou sobre a cidade tirou o ânimo das cinco mil pessoas que se acotovelavam em um *mosh* visualmente espetacular.

No final de setembro tem mais loucura, quando acontece o CMJ, um evento concorrente ao New Music Seminar – que neste ano vai mostrar 350 bandas diferentes. É bom guardar a grana para o táxi. *André Barcinski*

LOLLAPALOOZA (Downing Stadium, Nova York, 25/8)

A edição de 94 do Lollapalooza comprovou a eficiência da escalação das atrações do evento, que levou música alternativa para as massas.

Vinte e cinco mil pessoas, todas molhadas de chuva e devidamente enlameadas, passaram pelo estádio Downing, em Nova York, e vibraram com a turma local do hip hop e com a competência autodestrutiva do grupo **Smashing Pumpkins**.

A galera no Lollapalooza: reparte nas orelhas danificadas completamente vazias

O temporal que caiu à tarde no local atrapalhou o fraquinho show do **L7** e cancelou **Nick Cave And The Bad Seeds**.

Bem mais sorte teve a sensação deste verão americano, o trio californiano **Green Day**. O careteiro Billy Joe e seus asseclas energizaram o público com o hit "Longview" e com *covers* sacanas de "Eye Of The Tiger" (Survivor) e "We're Gonna Take It" (Twisted Sister).

Depois da tempestade, o trio de rap **A Tribe Called Quest** jogou em casa. As faixas do último álbum, *Midnight Marauders*, foram bem recebidas, mas o momento mais aplaudido foi a citação de "Walk On The Wild Side", de Lou Reed.

The Breeders encantaram com a sua despretensão e guitarras deliciosamente barulhentas. Elas abriram o show com "Divine Hammer", atacaram pérolas como "Hellbound" e agradaram a multidão de alternativos com "Cannonball".

Courtney Love exorcizou seus mortos sozinha no palco

Enquanto isso, a nata do rock independente passava pelo segundo palco, com destaque para **The Flaming Lips**. E a banda de Oklahoma tocou o micro-hit, "She Use Don't Jelly", e terminou o show com uma releitura *noise* da música "Under Pressure", do Queen.

No palco principal, **George Clinton** fazia uma festa funk daquelas de quebrar os quadris. Clinton (este aqui fuma e traga) colocou mais de trinta pessoas no palco, entre músicos, dançarinos e *performers*.

A noite chegou com uma surpresa. Os **Beastie Boys** fizeram o mais contagiante show do Lollapalooza. Contando com o apoio de cinco músicos, o trio sacudiu o estádio e foi o único a repetir uma música: "Sabotage". Logo depois, eis que surge uma figura fantasmagórica de vestido branco e guitarra na mão. **Courtney Love** exorcizou seus mortos com "Miss World". Saiu aplaudida para dar lugar aos Smashing Pumpkins.

Bastou o *riff* hipnótico de "Rocket" para o público cair de quatro. Os Pumpkins ousaram de cara e gastaram seu arsenal de sucessos, tocando logo de início os hits "Today" e "Disarm".

Saciada a galera, Billy Corgan soltou os demônios. Em "I Am The One", disse que não acreditava em Deus, na MTV e na América e esticou a música por quinze minutos. Incentivou o *mosh* em "Geek USA", num show polêmico e nada óbvio. Um final digno de um festival alternativo, *ma non troppo*. *Carlos Marcello*

BHRIF (Belo Horizonte, 12 a 15/8)

Foi uma *overdose* de independência. Patrocinado pela prefeitura de Belo Horizonte, o BHRIF (Belo Horizonte Rock Independente Fest) agitou a cidade com shows, palestras, debates, *workshops*, vídeos, mostra de fanzines e fitas demo, exposição de fotos e muita troca de informações. Todo mundo que é ou quer ser alguém no cenário independente nacional estava lá. Se você não foi, dançou.

A festa começou às 22hs, de sexta, com show do trio **The Nudes** e terminou em grande estilo, na madrugada de terça com uma aula de punk'n'roll do **Fugazi**, maior ícone *indie* do planeta.

A programação foi intensa. Durante o dia, debates e *workshops*, à noite muita música. No sábado, o melhor foi o show do **Concreteness** (Santa Bárbara, SP) e o OFF-BHRIF, com bandas "não selecionadas para o programa oficial". No palco da Serraria Souza Pinto, o brasiliense **Os Cabelo Duro** detonou.

Domingo foi um dia de ótimas discussões e música nem tanto. Após um dia de debates sobre produção independente, **Resist Control** (Curitiba) e **Killing Chainsaw** (Piracicaba, SP) vieram salvar a noite do tédio. Já o grupo paranaense **Os Cervejas** fechou muito bem a noite.

No último dia, **Jorge Cabeleira** (Recife), **OZ** (Brasília) e **IML** (São Paulo) animaram a galera para a entrada dos mineiros do **Virna Lisi**. A moçada ainda se recuperava do agito quando o Fugazi entrou em cena. Com os guitarristas/vocalistas Ian Mackaye e Guy Picciotto à frente, o grupo promoveu uma espécie de pequena revolução musical em pouco mais de uma hora.

O Fugazi mostrou o seu punk n'roll de vanguarda: fez um som cru e cheio de detalhes instrumentais, com um pé em The Clash e em compositores eruditos como Stravinski. Ponto final. *Beto Guimarães*

Lançamentos

Olé, Muchachos!

Depois da onda de rock chicano que se projetou em plenos Estados Unidos, revelando grupos mexicanos como Café Tacuba, Santa Sabina, Fobia e Maldita Vecindad Y Los Hijos Del Quinto Patio, parece que é a hora do rock espanhol mostrar-se em outras paragens. Aqui, ele aporta no segundo pacote da serie *Fúria Latina*, em cinco CDs, junto a dois latino-americanos (um chileno e outro argentino).

O melhor dentre os espanhóis é o do octeto Celtas Cortos, egressos da cidade de Valladolid. Já com um disco no Brasil (*Cuéntame Un Cuento*), o grupo voltou ainda melhor neste seu quarto álbum. As letras engajadas podem sugerir uma versão castelhana de The Clash. Mas a atração é o som, híbrido de The Pogues e elementos da música espanhola, numa massa instrumental com violões, violino, metais, acordeão etc. O resultado é surpreendente – vide a faixa-título, "Lluvia En Soledad" e "Siempre Igual".

CELTAS CORTOS

Alacran/Warner

Tranquilo Majete

Bem melhores são Los Secretos, com os irmãos Enrique (voz/gaita) e Alvaro Urquijo (voz/guitarra). Tanto nas melodias pop rock com tintas de sons espanhóis, como nas letras – "Y No Amanece", "Quiero Beber Hasta Perder El Control", "Amiga Mala Suerte" –, eles trabalham com tendências internacionais, não perdendo de vista o próprio quintal.

Complementam este pacote o duo chileno Jardin Secreto e a argentina Fabiana Cantilo. O primeiro não vai além de uma mistura de New Order com Noel, em um baticum eletrônico sem o menor vestígio de personalidade.

Já Fabiana é uma surpresa: apesar da capa brega, o seu CD – gravado em Nova York e produzido por Carlos Alomar (ex-guitarrista de David Bowie) – revela a intérprete segura e boas canções apesar do excesso de climas "new age". Destaques: a faixa-título, "Hombres Sordos" e "Palo Violento". *Celso Pucci*

PRESUNTOS IMPLICADOS

Warner

El Pan Y La Sal

LA UNION

Warner

Psycofunkster Au Lait

DUNCAN DHU

Gasa/Warner

Piedras

Por sua vez, os Presuntos Implicados são um trio que tem à frente a voz de Soledad Gimenez. As influências são soul, pop e até de MPB – há um verso de Vinicius De Moraes no encarte. Mas se Soledad almeja ser a versão espanhola de Sade, acaba soando como Paula Toller.

Outro trio de Madri, La Union, navega pela praia do hard rock tipo The Doobie Brothers, BTO e Aerosmith. O CD é o que traz a melhor capa deste pacote e eles têm técnica (o grupo existe há dez anos). Mas o bode está nas letras "naturebas" e/ou politicamente corretas.

Já o duo basco Duncan Dhu, formado pelos guitarristas Mikel Erentxun e Diego Vasallo, não tem na originalidade seu ponto forte. Faz um pop rock muito influenciado pelo som inglês – em especial, aquele de Manchester –, repleto de baladinhas e temas "deprê".

LOS SECRETOS

P&C DRO/Warner

Ojos De Gata

JARDIN SECRETO

Warner

Jardin Secreto

FABIANA CANTILO

Warner

Golpes Al Vacio

Picasso. *Guitarra*. Iniciado em Sorgues no fim do verão de 1912 e terminado em Paris no inverno de 1912-13

LANÇAMENTOS

vertendo sangue

BARÃO VERMELHO

Warner

Carne Crua

Barão Vermelho: rock'n'roll com sinceridade

A principal das características reveladas pelo Barão Vermelho é também sua maior virtude: poucos grupos conseguem atravessar tantos anos fazendo basicamente o mesmo som. E poucos soam tão sinceros tocando rock'n'roll durante os dias de hoje – tal o que se ouve em "Seremos Macacos Outra Vez", em "Rock Do Vapor" e na faixa-título. O mesmo vale para o blues, em baladas como "Guarda Essa Canção" ou na arretada "O Inferno É Aqui".

São outras, porém, as grandes atrações de *Carne Crua*. "Pergunte Ao Tio José" é uma letra inédita feita por Raul Seixas, que nos braços de Frejat, Guto & Cia. ganhou tratamento de samba rock, com um sotaque nordestino de se tirar o chapéu.

Já as emanações da Midnight Blues Band (grupo alternativo de Frejat) se fazem sentir no soul de "Daqui Por Diante" e "Vida Frágil", com vibrantes arranjos de metais. Palmas também para a bela capa e também para a produção impecável. *Claudio Campos*

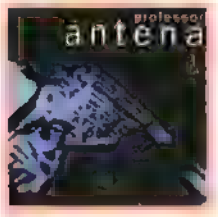
AO PONTO

O guitarrista, vocalista e líder da banda **Roberto Frejat** e o baterista **Guto Goffi** deram algumas declarações para a BIZZ sobre o novo disco e o que pensam do som de seu próprio grupo:

"O peixinho no liquidificador somos nós na vida e a hélice é a crueldade toda que está por aí. O tempo todo você está em risco. Se alguém ligar aquela tomada, você está fodido." **Guto**

"O Aerosmith está muito mais próximo do roqueiro de hoje do que os Rolling Stones... Eu acho que o Barão representa para a molecada o que é o rock no Brasil e os Stones não representam mais isso para a juventude americana." **Frejat**

"Desde Cabral não apareceu uma banda de rock tão bacana no Rio de Janeiro como o Barão." **Guto**



PROFESSOR ANTENA

Plug/BMG-Ariola

Professor Antena

Há cerca de um ano o Professor Antena chapava e chamava a atenção das pessoas – que a princípio estavam a fim de conversar – numa festa no Aeroanta. Isso devido ao resultado da inventividade e do suingue irresistível que a banda aplicava ao seu som misturando jazz, rap, rock, soul com as influências certas vindas da música brasileira.

Neste disco de estréia, o PA tem momentos de extrema personalidade, como na música-título, em "Dinamite" (com a participação definitiva de Moreira Da Silva), em "O Bebê Bonito" e na versão ragga para "Boys Don't Cry" (The Cure). Mas há outros bem menos criativos em que soam como mais um nome da nova geração pop. *Robert Halfoun*

LIVE

Radioactivity/Warner

Throwing Copper

Nenhum deles se destaca individualmente. O vocalista Ed Kowalczyk agrada, sem ser carismático. O som do grupo – com influências evidentes de folk, hard rock e pop – também não traz na originalidade seu grande mérito.

Este novo trabalho do quarteto americano – *nerd* por excelência – vai um pouco além de seu álbum anterior (*Mental Jewelry*) e prova que uma banda, mesmo sem ser brilhante, pode ter o seu charme. Vide as nuances que vão do pop melódico ("Selling The Drama") à apocalíptica "White Discussion", com direito até mesmo a um country fluente, que ataca de faixa secreta no final do CD. *Fabian Chacur*

JOÃO BOSCO

Columbia

Na Onda Que Balança

Fato irrefutável: João Bosco é dono de dons fantásticos. Seu violão é dos mais respeitados em todo o planeta, sua voz é um instrumento quase polifônico e suas canções... As canções de João são um capítulo à parte. Disco mais autoral do mineiro, este *Na Onda Que Balança* explicita suas contradições.

O resultado vai da "MPB-pra-gringo-ver" (reflexo da produção de Ronnie Foster?) ao experimentalismo brilhante da fase *Gagabirô*, sem dúvida o melhor do disco.

Ouça "Liberdade" e "Babaçu Com Brubeck" e descubra se estou errado.

PS. Se você gostou do *Acústico*, último disco de João, com certeza vai gostar de *Na Onda Que Balança*. Confira. *Hélio Gomes*

ACARAJÉ COM GUACAMOLE

Caetano não é chato pelo que faz, mas sim pelo jeito que ele faz. Com esse novo trabalho Caê reafirma sua tendência para o exagero: é tudo muito elegante, muito afinado, muito bonito e... muito sem graça! O repertório de músicas latinas que ele ouvia em Santo Amaro da Purificação, com alguns *standards* pinçados dos bailes da época é – na maioria – desconhecido do público. É uma qualidade das homenagens que ele costuma prestar, mas ao contrário de alguns sambas antigos que ele costuma resgatar com surpreendente fidelidade ao estilo, neste disco tudo parece pomposo demais – seja pelo sotaque arretado que ele sutilmente mantém, ou na estranha forma de reverência que o distancia dos apelos sinceros das canções.

Não dá para degustar um disco de Caetano de primeira, mas este é de tão difícil digestão quanto um acarajé com guacamole. Aquele monte de cordas do ótimo Jacques Morelenbaum empapuça um pouco, mas ainda assim salva um pouco o trabalho, ao lado do bom gosto de Caetano.

Para não falar que tudo é enjoado demais, "Fina Estampa", a música, é legal. Como "Un Vestido Y Un Amor", de Fito Paez. Fora as animadinhas "Capullito De Alelí", "Rumba Azul", canções que ficariam bem melhores com o Tim Maia cantando. E o trabalho gráfico feito por Carlos Fernando (do Nouvelle Cousine) é impecável. Agora é melhor parar para não forçar muito, pois ele merece respeito acima de tudo. Só isso também.

Coração de *Fina Estampa*: Bonequinho com cara de quem comeu a Mercedes Sosa. *Alexandre Rossi*

CAETANO VELOSO

Philips/PolyGram

Fina Estampa

Sotaque arretado e estranha reverência de Caetano em canções latinas

RENEGADE SOUNDWAVE

Mute/Warner

Howyoudoin'?

Depois de um tempo de sumiço, os geniais predadores estão de volta, agora como duo. E melhores do que nunca: todas as promessas esboçadas nos álbuns *Soundclash* e *In Dub* são cumpridas neste *Howyoudoin'?*

Ponte perfeita entre o pop e a house, o disco alterna faixas cantadas e instrumentais, com elementos de soul, reggae, techno e até samba (velha fixação dos caras) e um rock de arena *fake* (a faixa-título). Mas o sample mais legal é o do primeiro clipe: o manifesto "Renegade Soundwave", marotamente feito nas costas de "Initials B.B.", declaração de amor (carnal) de Serge Gainsbourg a Brigitte Bardot, original de 68 contemporâneo do pornô-hit "Je T'Aime (Moi Non Plus)". E mais: o *soft dub* "Last Freedom Fighter" e "Bubbaluba", um dos mais sublimes temas dance. *Alex Antunes*

CENA DE CINEMA

Nova: pouco inspirado pelos títulos de filmes

MARCELO NOVA

Eldorado

A Sessão Sem Fim

O rocker baiano não voltou à carga tão inspirado como estava em seu álbum anterior (*Blackout*, de 92). Baseado em títulos de filmes, ele montou um disco em que muitas faixas pecam por resvalarem no óbvio. Basta conferir alguns dos nomes. "Coração Satânico", "O Último Por Do Sol", "Faça A Coisa Certa".

É verdade também que este recurso tosco produziu alguns bons resultados, muito mais pelas letras espertas de Marcelo do que pelos títulos que as inspiraram. Caso de "A Garota Da Motocicleta" (dedicada à estrela do filme, Marianne Faithfull) e "Estranho No Ninho". São quando faíscas de brilhantismo iluminam certas canções de seu "cineminha", à exemplo do tema instrumental "Drake's Boogie", onde a guitarra do ex-Tutti Frutti, Luis Carlini, vem embalar o choro de crianças. *Celso Pucci*

Loucos & Cacetos

QUINTA CACETADA

GOLPE DE ESTADO

Eldorado [N]

A Barra Do Mundo É Nossa

Os caras são pentacampeões do hard rock nacional! Isso mesmo é o que mostram em seu quinto álbum, o primeiro a trazer gravações em inglês, muitos convidados e parcerias. Além do costumeiro bom nível das composições e da execução, este disco também inclui uma releitura pesada do hit "My Generation" (Pete Townshend) e até a versão de uma canção de Chico Buarque – "Hino De Duran", que era originalmente um reggae e aqui no arranjo do Golpe De Estado virou um rock-meio-valsa.

Há ainda três convidados/parceiros muito especiais: Rita Lee (em "Zumbi"), Arnaldo Antunes (que já participara do segundo álbum do grupo e retorna em "No Entanto") e Paulo De Tarso (da banda A Casa Caiu, em "Olhos Vendados"). *A Barra...* é o disco mais bem-acabado do quarteto – e o que mais tempo de estúdio exigiu (cerca de 630 horas).

Os "golpistas", chegando ao seu quinto álbum

E eles ainda incluíram três faixas-bônus na versão em CD, uma delas a bela (e única) balada do álbum, "Gostar De Você". É por falar em CD, a Eldorado promete lançar até o fim do ano um "dois-em-um" reunindo os dois outros discos do grupo na gravadora: *Nem Polícia, Nem Bandido* e *Quarto Golpe*.

Eles merecem — *Ayrton Mugnaini Jr.*

BOINGO

Giant/Warner [N]

Boingo

Este já foi o grupo adorado por nove entre dez surfistas (será que ainda é?). Seu som era às vezes alegre, outras vigoroso, mas nunca se destacou pelas obras-primas. Mas *Boingo* é, no mínimo, uma surpresa. Estranho: Danny Elfman, vocalista e líder, deve ter incorporado um Roger Waters rápido e resolveu colocar todas as suas neuroses para fora. O resultado é um disco tenso. As longas canções – pequenas histórias sobre loucura ("Insanity"), infância ("Hey"), cotidiano ("Pedestrian Wolves") – parecem amarradas como uma espécie de ópera-rock. Os arranjos são grandiloquentes e sombrios, com direito a orquestra e coro – nada daquilo que os fãs estavam acostumados. O momento mais assimilável do disco é a versão de "I Am The Walrus", de John Lennon, que se transformou em um rock pulsante. Na certa, este disco será o maior "calço" nos surfistas desavisados. — *Jeferson De Sousa*

JARDS MACALÉ

Rock Company [N]

Let's Play That

Não é espanto que este disco, gravado em 83, tenha sido recusado pelas gravadoras na época: é o ano-roquinho. Lançado hoje, soa radiante e inovador. Macalé é um talento único e deslocado, desde os arranjos doidões dos discos de Caetano e de Gal no fim dos anos 60. É este quinto álbum em vinte e tantos anos não é só seu disco definitivo, é uma pérola da MPB.

Foi gravado ao vivo em estúdio, com voz e violão, mais a percussão de Naná Vasconcelos, numa espécie de cruza de *Xangô Ogum* (Gal e Jorge) com *Dança Dos Cabeços* (Egberto e Naná). Tem a ironia brava de Macalé (em "Língua De Mosquito" e em "Pontos Cardinales", parceria com Jorge Mautner). E o melhor: o romantismo mórbido de "Mulheres No Retrato" – tipo um Lupicínio Rodrigues perverso interpretado com rasgos de um Vicente Celestino raquítico e psicotrônico, mais paródico e perigoso. — *Alex Antunes*

o poder na "cozinha"

BBM

Virgin/EMI-Odeon [N]

Around The Next Dream

Parir supergrupos: eis uma das manias que – do Blind Faith ao Fruit Child Large – nunca deu certo na indústria pop. Embora cheio de requisitos, o BBM (Baker, Bruce & Moore) é (quase) mais um desses exemplos. O álbum *Around The Next Dream* alterna momentos de genialidade com chatices imperdoáveis.

A elegante bateria de Ginger Baker, junto aos vocais e ao virtuoso baixo de Jack Bruce permanecem exatamente exuberantes como eram nos tempos do Cream.

O problema é o terceiro homem. A guitarra de Gary Moore, que já deambulou do Skid Row ao Colosseum II, passando por The Beach Boys e Thin Lizzy, se afirmou na escola bluesística contemporânea. Ele esbanja técnica, mas peca na criatividade.

Nas composições nas quais Bruce toma conta há um emocionante sabor do Cream, ao passo que nas cantadas por Moore, ele só repete as "blueseirices" da sua carreira solo. Ainda que Clem Clempson ou Robin Trower caissem melhor, garantidamente a estréia dos veteranos em formato de sigla é superior a 90% dos elaborados e inócuos nomes da década de 90. — *Fernando Naporano*

Gary Moore, Jack Bruce & Ginger Baker: novo supertrio

BRUCE DICKINSON

EMI-Odeon [N]

Balls To Picasso

DAVID LEE ROTH

Atlantic/Warner [N]

Your Filthy Little Mouth

SAMMY HAGAR

Geffen/BMG-Arolo [N]

Unboxed

TRÊS VOZES DO METAL

O mais legal do segundo trabalho solo do ex-vocalista do Iron Maiden é a coerência com o disco anterior. Parece Bruce Dickinson e não uma prolongação do seu antigo grupo. A veia do heavy metal inglês é latente e todas as músicas se seguram numa quantidade enorme de refrões (alguns "insuportavelmente" pegajosos). O álbum é cheio de climas, dedilhados de guitarras e *riffs* em escalas arábicas. Perfeito para corações e mentes com menos de vinte anos.

Já o fiasco do disco anterior do ex-cantor do Van Halen, levou David Lee a se mudar de uma mansão em Los Angeles para um apartamentinho em Nova York. Agora, se depender do sucesso deste novo álbum, a próxima moradia do cara vai ser um abrigo para sem-tetos em Miami. Continua ruim de doer. É uma mistureba de estilos que no final vira absolutamente nada. Não tem a força de *Eat'Em And Smile* (86) nem o talento de *Skyscraper* (88) e sequer a mediocridade de *A Little Ain't Enough* (91).

Embora muitos não se lembrem, Sammy Hagar – o substituto de David Lee no Van Halen – já tinha uma carreira bem-sucedida muito antes de entrar para o grupo. E é exatamente a essa fase que ele retorna aqui: hard rock absolutamente americano pronto para tocar em rádios e festas. São onze pancadinhas (o álbum só tem uma balada) bastante divertidas. Na hora certa, pode ser bem legal. — *Robert Halfoun*

Uau! Oba! Epa! Ops! Arrgh! CD Vinil Cassete [N] Nacional [I] Importado

Uma edição nacional digna de Cohen, com treze canções ao vivo

Som & Poesia Ao Vivo

LEONARD COHEN

Columbia [N]

Cohen Live – Leonard Cohen In Concert

Na sua grande maioria, discos ao vivo são apenas uma versão requentada dos hits do artista em questão, servindo muito mais aos fãs de carteirinha do que ao público em geral.

Mas neste caso, há de se fazer uma exceção. Em primeiro lugar, pelo fato da discografia disponível do compositor canadense ser de uma indigência ímpar no Brasil – o único disco dele que saiu aqui foi *I'm Your Man* (88). Um acinte, dada a importância da obra de Cohen que – prestes a completar 60 anos – se mantém como um dos grandes poetas da música pop, admirado por artistas que vão de Bob Dylan e Joni Mitchell a contemporâneos como Nick Cave, R.E.M., Pixies e outros, que o homenagearam no disco-tributo *I'm Your Fan*.

Aqui, ele é flagrado em shows que fez durante 88 e 93, junto a um ótimo combo de músicos (vários deles nas duas excursões) e às vozes de Perla Batalla e Julie Christensen. Cohen desfila as canções num timbre mais grave e gutural que nos registros de estúdio, abarcando desde pérolas dos primeiros álbuns ("Suzanne", "Sisters Of Mercy", "Bird On The Wire") até temas mais recentes ("Dance Me To The End Of Love", "I'm Your Man", "Everybody Knows"). E o melhor: o encarte do CD traz as letras! — *Celso Pucci*

LANÇAMENTOS

ecos na paisagem desolada

O quinteto que combina o folk britânico com as "acidulações" de Neil Young

THE WALKABOUTS

Sub Pop

Setting The Woods On Fire

Eles persistem como um dos mais relevantes na cena *indie* americana contemporânea. Neste seu quinto álbum, o grupo encabeçado por Carla Torgerson e Chris Eckman (que em 93 lançaram *Satisfied Mind*, segundo álbum como um duo) não mudou a insofismável fórmula que sempre os caracterizou. A única diferença desse disco é uma produção mais sofisticada no que tange à gravação propriamente dita.

Contrastando trêmulas abstrações de *british folk* (Fotheringay, Trees, Fairport Convention) com as bárbaras "acidulações" que afanaram de Neil Young, o resultado foram doze composições plenas de bom gosto e arranjos peculiares. De quebra, para acompanhar a onírica voz de Carla, imersa em baladas ou trespassada em climas pesados, há um bonito *booklet* repleto de fotografias, no qual a desolação da ex stência ocupa um lugar primordial. *Fernando Naporano*

O ex-alcoólatra e paraplégico que virou cult

VIC CHESNUTT

Texas Hotel/Virgin

Drunk

O cara é da Geórgia, foi descoberto por Michael Stipe e fez dois outros álbuns obscurissimos antes deste manifesto escarrado que rescende a álcool. Paraplegico desde que sofreu um acidente de automóvel, Vic admite que seria "um bebaço na sarjeta" não fosse o cantor do R.E.M., que o resgatou do boteco onde entoava suas canções em troca de alguns goles e trocados.

Hoje ele é uma figura *cult* e seus vocais embriagados acompanhados por um instrumental folk simplerissimo fazem Tom Waits parecer um garoto de jogral em faixas como "When I Ran Off And Let Her" e "Naughty Fatalist", envoltas por uma beleza sombria e aterradora, mas nada recomendáveis para se ouvir numa manhã de ressaca. *Celso Pucci*

BOOKER T & THE MG's

Columbia

That's The Way It Should Be

Foi preciso que Neil Young resgatasse Booker T & The MG's e os tranformasse em seu grupo de acompanhamento numa turnê recente para que as novas gerações descobrissem uma das bandas mais importantes dos anos 60. E que descoberta, era o grupo que apoiava os cantores do elenco da gravadora Stax (leia-se Otis Redding, Rufus Thomas, Wilson Pickett e dai para frente), berço do Memphis sound, que moldaria o rhythm'n'blues dali por diante. Há dezessete anos sem gravar, o grupo retornou ao estúdio (com novo baterista) em temas originais ("Mo' Green Cruisin'"), mais versões de hits – como "Just My Imagination" (The Temptations) e "I Still Haven't Found What I'm Looking For" (U2). *José Emilio Rondeau*

HABITAT | NATURAL

BECK

K

One Foot In The Grave

Aos 23, Beck Hansen vive em dois mundos: um iluminado pela fama e pelo dinheiro, outro avesso aos spots e aos gritos de fãs, enraizado nas experiências de porão. No primeiro, Beck botou os pés calma mente, através do sucesso inesperado de "Loser" e do álbum *Mellow Gold*. Já o segundo é seu habitat natural. Daí que seu contrato com a Geffen permita que continue lançando suas coisas mais, uhn, esquisitas, por pequenos selos independentes.

Este é o primeiro trabalho a aproveitar essa inusitada cláusula. Foi gravado no final de 93 e no início de 94. Nada de hip hop e pouco de eletrônico. Beck preferiu ficar só com o violão e alguns amigos – notadamente Calvin Johnson, do Beat Happening e dono do selo K, que fez este disco. Entre a paródia e a homenagem ao folk de Woody Guthrie, ao blues do Mississippi e ao próprio Beck, *One Foot...* é, sob alguns aspectos, superior a *Mellow Gold*. Bem-vindos, pois, ao habitat de Beck! *Daniel Benevides*

Beck: sucesso em *major* e experimentos *indies*

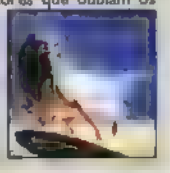
TRILHAS SONORAS

VARIOS

Walt Disney/Natasha

The Lion King

A trilha do quadradinho é politicamente correto. *Rei Leão* traz três faixas de Elton John, quatro instrumentais e umas porcarias murmuradas pelos atores que dublam os bichos no desenho. As baladas dão sono até em poste. Os temas instrumentais vão na moda africana com "uga ugas" de fundo. *Paulo Cavalcanti*

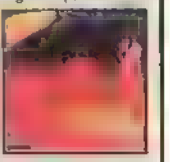


VARIOS

Death Row/Interscope

Above The Rim

Os filmes de diretores negros tomam o rap como base às trilhas. Mas esta prefere outras praias, com produção executiva de Dr. Dre: investe no *gangsta rap*, mas tem também soul moderno, tipo *mellow*: SWV ("Anything") O.F.T.B. ("Crack Em") e até mesmo um som melacueca de Al B. Sure! *Jeferson De Sousa*



VARIOS

Warner

Wayne's World II

Rock burro da melhor estirpe. E como burrice conta como positivo em se tratando de rock... Vá somando: "Can't Get Enough", (Bad Company), "I Love Rock'N'Roll" (na versão original de Joan Jett), "Frankenstein" (Edgar Winter Group), "(Dude) Looks Like A Lady" (Aerosmith) e quase todo o resto das musicas, tipo "quanto mais idiota, melhor". *Carlos E. Miranda*

VARIOS

Columbia

Wolf

Lobo é uma das quatro trilhas compostas por Morricone só em 94. É é tão anodina quanto o filme. Sugere mais dramaticidade do que a própria fita. Em vinte faixas, há três bons temas ("The Dream And The Deer", "The Chase" e "The Move And The City"). De resto, as mesmas sequências melodicas, que não sobrevivem a uma simples audição. *C. Petermann*

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

CONTIGO: Gente, Atualidades e TV
BIZZ: Rock
SET: Cinema e Video
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

BOA FORMA: Fitness, Beleza e Saude
CARICIA: Comportamento Adolescente
UAU: Idolos da Juventude
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saude

Guias e Anuarios

VIAGEM E TURISMO
HOROSCOPO ANUAL
1500 VIDEOS

Especiais

FAMA
LETRAS TRADUZIDAS
VIDEO ERÓTICO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel. (011) 816-7666 - Fax (011) 813-8115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio 2.000 - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press Com. e Representações Ltda. - Rua Antonio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - cep 20020-080 - telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Esperança - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

RÁPIDO & RASTEIRO

Desta vez, um *R&R* dedicado apenas a nomes nacionais. Marisa Monte pode até ser considerada a "Gal Costa da nova geração" por seu disco *Verde Anil Amarelo Cor-De-Rosa E Carvão* (veja resenha junto à matéria nesta edição), mas existem outras garotas tentando emplacar com o êxito semelhante no *showbiz* nacional. E há vozes para todos os gostos ■ **CÁSSIA ELLER** chega com um álbum homônimo (Philips/PolyGram)

e tenta de tudo um pouco: resgatar o rock brazuca da década de 80 (regravando Paralamas Do Sucesso, RPM, Barão Vermelho, Legião Urbana), "atualizar" a MPB (com versões de "Na Cadência Do Samba" e "Coronel Antonio Bento") e até prestar um tributo ao velho e bom Raul Seixas ("Metrô Linha 743"). O resultado de tal ecletismo não é dos mais animadores no vozeirão da moça, mas imperdoável mesmo só a cover de Otis Redding, "Try A Little Tenderness" ■ **ZÉLIA DUNCAN**

aparece como uma espécie de concorrente direta de Cássia. O disco que leva seu nome (Warner) tem alguns músicos e o mesmo arranjador (Marcio Miranda, do álbum de Eller, fora os timbres vocais similares das duas cantoras. Só na escolha de versões, Zélia foi mais infeliz, preferindo regravar Joan Armatrading ■ Ainda que não tão feminino assim, o quarteto carioca **MULHERESQDIZEMSIM** também lança álbum homônimo pela Warner. Pela capa, pensa-se tratar de um grupo – em termos, pois cada integrante assina faixas individualmente – fazendo "rock'n'rol engraçadinho". Mas o que se percebe em várias faixas, é aquela bobeira generalizada, descambando para um som típico de festival universitário ■ Enquanto isso,

o insistente **CAPITAL INICIAL** – depois da defecção do cantor Dinho – chega com novo vocalista, Murilo Lima (ex-Rúcula). Em **Rua 47** primeiro lançamento pelo selo independente dos rapazes, Qualé Cumpadi, o grupo parece ter abandonado as raízes punks brasilienses para se espelhar no grunge com toques de metal (a faixa-título lembra um Black Sabbath meio marretado). Um detalhe: o CD vem em uma latinha de metal idêntica à do álbum *Metalbox*, do PiL. Pode ser um bom invólucro para o disco ou mesmo para outras coisas – uma língua felina soprou por aqui que podia ser para "exame de fezes" ■ **LUIZ WAACK** é um guitarrista constante em trabalhos de Arrigo Barnabé, Itamar Assumpção e outros nomes da chamada "vanguarda paulistana". Agora ele lança o seu solo, **Maguary**, primeiro CD editado pelo selo Baratos Afins. No cardápio, um jazz rock puxado para o convencional, que melhora bastante nos andamentos esquisitos da faixa "Onze" e nas variações guitarrísticas em cima do tema do seriado de TV, *Agente 86* ■ *Jurassic Park* perdeu a **PATRULHA DO ESPAÇO** volta em um vinil chamado **Primusinterpares** (Aqualung) e com Percy Weiss (ex-Made In Brazil) nos vocais. Só por títulos como "Satisfação", "Festa Do Rock" e "Mulher Fácil" já se percebe que será preciso tirar as teias de aranha do disco, antes de colocá-lo para rodar ■ Por fim, **Elo Um** (Studio Master) é uma iniciativa válida de divulgação dos grupos de rock do interior do Rio Grande do Sul, seja pelo resultado sonoro, seja pelo padrão visual. O CD reúne quatro bandas – **FUGA, FEELING, DOCE VENENO** e **NOCET** – que trafegam pelo hard rock, às vezes descambando para a farofada. Mas ainda assim, destacam-se algumas faixas: "Intimidade", "Crime Ao Vivo" (ambas da Fuga) e "Amor Bandido" (Feeling). *Celso Puca*

GRAVADORAS INDEPENDENTES

■ **Aqualung** – R. 24 de Maio, 62, lj. 269, Fone. (011) 222-0284 • São Paulo (SP) ■ **Baratos Afins** – Av. São João, 439, lj. 318, Fone/Fax: (011) 223-3629 • São Paulo (SP) ■ **Natasha** – R. Dias de Barros, 43-A, Fone/Fax: (021) 242-5525. Rio de Janeiro (RJ) ■ **Rock Company** – R. Cornélio Procópio, 47, sl. 1, Porto Ferreira (SP) ■ **Studio Master** – Fone/Fax: (055) 221-7902 • Santa Maria (RS)

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE: (011) 299-7478

CAMISETA
ESTAMPA FRENTE
MANGA CURTA (MC)
MANGA LONGA (ML)

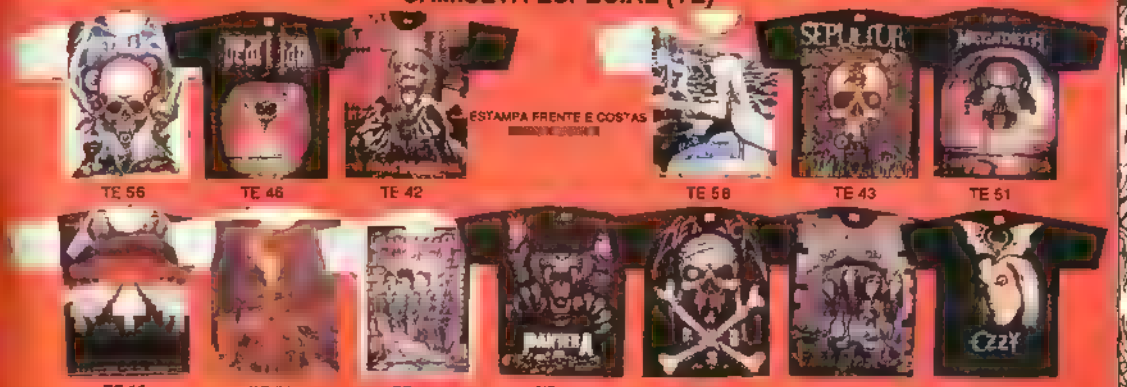
BERMUDÃO (BMD)
COM BOLSO LATERAL

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS !

Stamp Rock Wear

MALHA MERCERIZADA
SILK SCREEN DE ALTA QUALIDADE
TAMANHOS P, M, G

CAMISETA ESPECIAL (TE)



TE 56 TE 46 TE 42 TE 58 TE 43 TE 51
TE 55 TE 54 TE 57 TE 44 TE 52 TE 47 TE 48
TE 50 TE 49 TE 53 TE 39 TE 38 TE 34 TE 26

OVR - 11 OVR - 12 OVR - 13 OVR - 14
OVR - 3 OVR - 2 OVR - 5 OVR - 6 OVR - 7

PREÇOS

MANGA CURTA(MC)	- R$ 12,00
MANGA LONGA(ML)	- R$ 15,00
CAM. ESPECIAL(TE)	- R$ 18,00
CAM. OVERPRINT(OVR)	- R$ 22,00
BERMUDÃO(BMD)	- R$ 16,00

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

BIZZ 8810

NOME _____

END. _____

CEP _____ CID _____ EST _____

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU XEROX) P/
STAMP - RUA HELICODORA, 321
CEP 02022-051 SÃO PAULO - SP

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA

bolsa de discos

		FABIAN CHALOUB Diario Popular SP	CELSO PUCCI Bizz	JEAN-YVES NEUVILLE O Estado de S. Paulo	JIMI JOE Ipanema FM RS	PEDRO SO O Dia RJ	GASTAO MOREIRA MTV	ROBERT HALFOUN BIZZ	MAGCO Brasil 2000 FM SP	HÉLIO GOMES BIZZ	ANDRÉ PORASTIER General
7,28	JOAN JETT AND THE BLACKHEARTS • Pure And Simple (4AD/Elektra)	8	•	5	6	7	•	10	5	•	10
7,10	HELMET • Betty (Interscope/Warner)	7	6	6	9	5	8	8	8	7	7
6,80	BLUR • Parklife (Food/EMI-Odeon)	6	3	8	8	6	7	8	8	9	5
6,40	VÁRIOS • Kiss My Ass... (Mercury/PolyGram)	7	3	5	9	6	6	6	9	8	5
6,40	SEAL • Seal (ZTT/Warner)	7	7	7	4	3	7	10	7	10	2
6,30	PRIMAL SCREAM • Give Out, But Don't Give Up (Creation/Warner)	7	2	4	10	6	7	8	7	5	7
5,80	ARRESTED DEVELOPMENT • Zingalamaduni (Cooltempo/EMI-Odeon)	7	2	4	10	6	7	8	7	5	7
5,44	DAVID BYRNE • David Byrne (Luaka Bop/Warner)	8	3	9	•	3	6	2	10	8	0
5,42	RENATO RUSSO • The Stonewall Celebration Concert (EMI-Odeon)	4	4	8	9	8	•	0	5	•	•
5,11	LULU SANTOS • Assim Caminha A Humanidade (RCA/BMG-Ariola)	5	1	4	8	5	•	6	6	5	6

parada

EUA Álbuns 13/08 Billboard

1 MC EIHT FEATURING CMW • We Come Strapped (Epic)
2 DA BRAT • Funkdafied (Columbia)
3 WARREN G • Regulate G Funk Era (Violator/RAL)
4 KEITH SWEAT • Get Up On It (Elektra)
5 AALIYAH • Age Ain't Nothing But A Number (Jive)
6 FIG MIKE • Sometimes Serious (Priority)
7 COOLIO • It Takes A Thief (Tommy Boy)
8 OUTKAST • Southern Playalistic Cadillac Music (Arista)
9 PATTI LABELLE • Gemi (MCA)
10 HEAVY D & THE BOYZ • Nutten But Love (MCA)

EUA Singles 13/08 Billboard

1 JANET JACKSON • "Any Time Any Place ..." (Virgin)
2 DA BRAT • "Funkdafied" (Columbia)
3 AARON HALL • "I Miss You" (MCA)
4 CHANGING FACES • "Stroke You Up" (Atlantic)
5 ZHANE • "Sending My Love" (Motown)
6 TEVIN CAMPBELL • "Always In My Heart" (Warner)
7 AALIYAH • "Back & Forth" (Jive)
8 BABYFACE • "When I Can See You" (Epic)
9 PATTI LABELLE • "The Right Kinda Lover" (MCA)
10 ARETHA FRANKLIN • "Willing To Forgive" (Arista)

GB Metal 30/07 Kerrang!

1 L7 • Hungry For Stink (Slash/London)
2 WHITESNAKE • Greatest Hits (EMI)
3 STONE TEMPLE PILOTS • Purple (Atlantic)
4 BIOHAZARD • State Of The World Adress (Warner)
5 BOSTON • Walk On (MCA)
6 ALICE COOPER • The Last Temptation (Epic)
7 [illegible]
8 SUICIDAL TENDENCIES • Suicidal For Life (Epic)
9 SENSER • Stocked Up (Ultimate)
10 BBM • Around The Next Dream (Virgin)

GB Dance singles 17/08 DJ

1 ETERNAL • So Good (EMI)
2 LIVING JOY • "Dreamer" (MCA)
3 THINK TWICE • "Waiting For You" (EMI)
4 CARLEEN ANDERSON • "True Spirit" (Cinui)
5 THE BOSS • "Congo" (Cooltempo)
6 AMOS • "Instant Karma" (Positiva)
7 RAZE • "Break For Love" (Champion)
8 RUBY TURNER • "I Never Gonna Give You Up" (Wired)
9 LULU • "Goodbye Baby And Amen" (Dome)
10 TIN TIN OUT • "I Got Da Feeling" (Hooj Choon)

ESTA É A GAROTA CARÍCIA 94.

VANESSA QUADRANTE
São Roque - SP

ESTAS FORAM AS FINALISTAS

2º LUGAR
ANA CAROLINA RIBEIRO DUTRA
MARIA EDUARDA RIBEIRO DUTRA
Florianópolis - SC

3º LUGAR
LIANE FERNANDA DE SOUZA
Florianópolis - SC

ELISABETH DE CARVALHO
Santo André - SP

VANESSA MORETTI NORONHA
Rio de Janeiro - RJ

CARLA KALMANN DORNELES
Porto Alegre - RS

CLÁUDIA TOMAZ DE MOURA
Porto Alegre - RS

HAIKA FICKERT
Mogi das Cruzes - SP

GLAUCIA CORRENTE FRANZINI
São Paulo - SP

JERUZA HUCKEMBECK PARDO
Rio Grande - RS

PATROCÍNIO EXCLUSIVO
O algodão longa vida
malhas malwee

APOIO

Pacote barra limpa

Saem 31 CDs do "Rei" em edições remasterizadas

Desde 61, ano em que lançou seu primeiro álbum, **ROBERTO CARLOS** já vendeu mais de setenta milhões de cópias. Para comemorar o feito, a gravadora Columbia (ex-Sony) relançou praticamente toda a discografia do cantor em 31 CDs remasterizados, através de uma série intitulada *The Master*. Nela estão todos os discos que foram lançados pelo "Rei" entre 63 e 89. As exceções: o raro – e proibido pelo próprio cantor – *Louco Por Você* (61), além dos últimos quatro, remasterizados nas reedições em CD.

Os CDs vêm embalados numa caixinha que protege os estojos. Mas o luxo fica por aí uma vez que nenhum dos álbuns traz qualquer informação quanto aos anos das gravações, ficha técnica ou encarte com letras.

Os discos dão a exata importância de Roberto para a música brasileira

O fato é que os discos servem para dar a exata dimensão da importância de Roberto para a música brasileira. Numa época marcada por instabilidade política e contestação, ele e a turma da Jovem Guarda iam em direção oposta, jogando todas as fichas em baladas românticas e rocks ditos "inconsequentes".

A melhor fase da carreira de Roberto Carlos foi até 77. Daí em diante, as vendas começaram a cair, baixando de três milhões por disco até as atuais um milhão e duzentas mil cópias. Roberto cantava cada vez melhor, mas a qualidade do repertório vinha caindo, inclusive das músicas em parceria com Erasmo.

Os melhores discos deste pacote são **Roberto Carlos Em Ritmo de Aventura** (67), **O Inimitável Roberto Carlos** (68), e **Roberto Carlos** (de 71, que traz "Detalhes" e "Debaixo Dos Caracóis Dos Seus Cabelos", que não era uma singela canção de amor, mas um tributo ao então exilado Caetano Veloso).

Na década de 80 a coisa toda desandou, com RC gravando muitas bobagens como "Nêga" ou "Tô Chutando Lata". Mas a coleção vale, principalmente como espelho de uma carreira que foi uma das mais bem-sucedidas na história da música brasileira. Mas justamente por essa importância, Roberto Carlos merecia uma reedição mais caprichada. *Tonnho Spessoto*

O auge de toda a produção musical do "Rei" Roberto Carlos foi exatamente nas décadas de 60 e 70

... E mais Jovem Guarda!

Além dos "Robertões" remasterizados, tem mais novidades para a turma que curtiu – e ainda curte – Jovem Guarda, através das antologias do **TRIO ESPERANÇA**, de sua integrante **EVINHA** em carreira solo e do grupo **THE JORDANS**.

O CD **O Melhor Do Trio Esperança** é meia-boca. Faltam canções famosas como "O Passo Do Elefantinho" e "Gasparzinho". Musicas legais incluídas: "Festa Do Bolinha" e o sambinha "Vamos Sacudir". Evinha saiu do Trio Esperança e estourou com canções como "Casaco Marrom", "Teleterna" e "Cantiga Por Luciana", todas incluídas em **O Melhor De Evinha**. Ambos EMI-Odeon.

The Jordans (Movieplay) é uma bela antologia do maior grupo instrumental da sua época, ao lado dos Jet Blacks. No CD, tem hits como "Midnight In Moscow" e "Apache", entre outros. *Paulo Cavalcanti*

Noddy Holder (voz), Jimmy Lea (baixo), Dave Hill (guitarra), Don Powell (bateria)

Apoteoses da podreira 70

Slade & Kiss em versão digital

O auge do rock farofa de arena (*Discoteca Básica*, BIZZ 94) começava nos acordes de "Detroit Rock City" e "King Of The Night Time World" com os solos dobrados do guitarrista Ace Frehley.

O produtor da bolacha, Bob Ezrin, o mesmo de Alice Cooper – acertou em cheio neste marco do rock'n'roll, além de ter sido co-autor de sete das nove faixas do disco. Os efeitos de estúdio inseridos pelo engenheiro de som Corky Stasiak parece que foram feitos para serem ouvidos em CD.

Todas as músicas tinham um clima de festinha de embalo da pesada, daquelas que seu irmão mais velho voltava com os olhos vermelhos e um bafo inflamável. A primeira vez que ouvi "Shout It Out Loud" e olhei para aqueles caras com botas de plataforma e roupas de viados intergalácticos na capa, pensei: "Caralho, agora tudo faz sentido!"

Até mesmo aquela baladinha – "Bech", do baterista Peter Criss – era legal. Então, quando "Do You Love Me" terminava, dava até para sentir o bafo de Gene Simmons no cangote – e de botar tudo de novo! E se você tem vergonha de seus amigos radicais, esconda o CD no fundo do armário, mas guarde-o para mostrar aos seus netinhos. *Alexandre Rossi*

Slade Alive (de 72) é uma mostra perfeita deste "fenômeno": parece até que a banda está tocando no meio da platéia, tal a baixaria que impera durante as canções (?) do grupo ("Keep On Rocking", "I'm Like A Shot From My Gun", "I Know Who You Are") e as versões de hits do Steppenwolf ("Born To Be Wild") e do Ten Years After ("Hear Me Calling"). É o célebre arroto que desponta na balada "Darling, Be Home Soon", de John Sebastian. *Celso Pucci*

Destroyer (Casablanca/PolyGram) foi o melhor disco da maior banda de rock dos anos 70! Apesar de os caras serem contemporâneos dos Ramones e de Iggy Pop, os Kids In Satan's Service – vulgo **KISS** – era o que de mais radical chegava ao Brasil na época (76)

Peso primal

Os primeiros esboços do "som de Seattle"

Louder Than Love é o *Bleach* do **SOUNDGARDEN**. O segundo disco da banda de Chris Cornell e Kim Thayil e – como o primeiro do Nirvana – um esboço do que viria a ser o "som de Seattle". Recém-saído da Sub-Pop, o quarteto começava a depurar suas influências setentistas e seguia rumo a um som próprio, cristalizado depois em *Badmotorfinger* e *Superunknown*. Em *Louder Than Love*, há vocais excessivamente forçados e "metaleiros" guitarras estão em primeiro plano e letras que não conseguem ir além dos dilemas e das duvidas típicas da pós-adolescência.

Apesar disso, esse é um disco obrigatório para quem quiser ao menos entender o que aconteceu no cenário da música pop entre 91 e 93. E descobrir porque o Soundgarden é uma das melhores bandas do planeta. *Hélio Gomes*

Hiro Yamamoto (baixo), Cornell (voz), Matthew Cameron (bateria) e Kim Thayil (guitarra)

Agent Orange: Mike (voz/guitarra), James (baixo) e Scott (bateria)

O Punk vai de skate

Trio californiano resgatado em CD "dois-em-um"

O lançamento no Brasil – pela gravadora independente Roadrunner – de um CD reunindo os discos **This Is The Voice** e **When You Least Expect It** da banda californiana **AGENT ORANGE** é uma grata satisfação. Primeiro motivo: economia. Quem compra um disco leva dois. Segundo: o som skate/punk dos caras é básico e fundamental para quem gosta de rock alternativo e quer entender em que fonte grupos como Helmet e outros beberam para chegar no som que fazem hoje. Terceiro: apesar de os discos terem sido lançados em 86 e em 87 respectivamente, tanto as músicas quanto os arranjos estão mais atuais do que nunca. O ranço das *half pipes* (pistas em formato de "u") é óbvio e as melodias pegajosas deixam bem claras as intenções da banda: trilha sonora para grandes aventuras. Sejam elas quais forem. O exemplo maior disso é que antes sendo música de skatistas, hoje o AG é procurado e consumido como novidade pelos surfistas. O que, aliás, tem tudo a ver. Não é difícil imaginar *takes* de altas ondas ao sentir o clima deste disco. ROBERT HALFOUN

The Doll (Hans Bellmer, 1934) ilustra *Iso-Erotic Calibrations*

Usina sonora

Eletrônica e industrialismo no projeto paralelo do líder do Clock DVA

O **ANTI GROUP** (também identificado nas capas de seus discos como T.A.G.C.) é um projeto liderado pelo vocalista/trompetista/tecladista Adi Newton, do Clock DVA. E, como o Clock DVA, também perscrutou o inusitado território entre o jazz/funk, o minimalismo eletrônico e o som industrial. Com o lançamento de **Iso-Erotic Calibrations**, o selo Anterior Research – distribuído no Brasil pela Muzik: *Al. Jaú, 1512, São Paulo (SP) - CEP: 1420-002 Fone/Fax: (011) 282-7077* – fez uma edição revisada do álbum **Digitaria** (87) e a antologia (singles, EPs e faixas raras), **Audiophile**.

Cronologicamente, é melhor começar por essa: ela inclui o raríssimo compacto de 85, "Ha/Zulu", o disco de estréia, co-produzido pelo Cabaret Voltaire. Outras faixas, igualmente sintéticas e dançantes, têm a dupla Marsh/Ware, fundadora da Human League e do Heaven 17 (Newton foi parceiro deles no grupo The Future). Completada pelos singles "Big Sex" e "Broadcast Test", é a melhor introdução ao som do T.A.G.C..

O sombrio *Digitaria* é um disco bem mais "difícil", cheio de referências alquímicas, astrofísicas e étnicas e bem menos *funky*. As teses psico-acústicas do álbum são descritas num texto científico (!). Só nas faixas adicionais é que surge um jazz mais convencional: "Sekhet". *Iso-Erotic Calibrations* vem na mesma linha filosófico-ocultista, mas com som cristalino, espécie de new age mais nervosa. Um grupo único. ALEX ANTUNES

Soul Love

Baladas do estilo dão o tom de cinco CDs

O soul romântico dos anos 60 e 70 está de volta em edições interessantes: **DIONNE WARWICK** (Warner), **MICHAEL JACKSON, DIANA ROSS** e **THE STYLISTICS** (os três pela Motown/PolyGram).

Her All Time Greatest Hits, antologia de miss Warwick, é bem recomendável. Das dezesseis faixas, quinze são da dupla Burt Bacharach/Hal David, mentores da cantora. Pop luxuoso, como nas clássicas "Walk On By", "I Say A Little Prayer", "Alfie" e muitas outras.

The Stylistics era da Filadélfia e seu chamariz era o falsete do cantor Russel Thompkins, Jr. Em **The Greatest Hits Of The Stylistics – Let's Put It All Together** estão todas as músicas que tocaram até cansar nos anos 70. "You Make Me Feel Brand New" e "Rock And Roll Baby" são os destaques.

Os CDs dos artistas da Motown são mais indicados para fãs. **Music And Me** (73), de Michael Jackson, contém duas músicas fortes: a faixa-título e "Happy". O resto é meloso demais. A mesma impressão fica na audição de **Forever, Michael**, de 75. Mas mesmo assim, ambos são melhores do que qualquer coisa que o mutante faz hoje em dia.

Diana Ross Live, gravado em Las Vegas em 74, mostra a ex-The Supremes na sua época de prima-dona absoluta. Tem *medley* de suas músicas da Motown, *medley* do filme *Lady Sings The Blues* e sucessos como "Ain't No Mountain High Enough". Correto, mas muito artificial. Assim como **Mahogany**, a trilha do filme que ela estrelou e que foi dirigido por Berry Gordy, cuja lembrança mais forte ficou pela balada "Do You Know Where You're Going To", que chegou ao *Top One* nos EUA. PAULO CAVALCANTI

A carreira de Dionne foi impulsionada pelas composições de Burt Bacharach e Hal David

BIZZ
PARA ANUNCIAR LIGUE:
(011) 816-7866
Ramal 304
EDITORA AZUL

free note
SONG BOOKS
MÉTODOS E VÍDEO-AULAS
IMPORTADOS E NACIONAIS.
ATENDEMOS TODO O BRASIL
RUA TEODORO SAMPAIO,785
SÃO PAULO - SP
TEL/FAX: (011) 853-4690

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS
NOVOS E USADOS
(nacionais e importados)
VENDA • TROCA • CONSIGNAÇÃO
ATENDEMOS TODO O BRASIL
REVENDEDOR AUTORIZADO
ARIA PRO II • BARTOLINI • BOSS • CRATE
DI GIORGIO • DEAN • EMG • FENDER
GIANNINI • GOLDEN • GOTOH • IBANEZ
KHALLER • LEGEND • LION • METEORO
OLIVER • ONNER • PEAVEY • RARUS
SEYMOUR DUNCAN • SHADOW
• SONORUS • SOLID SOUND • SIGMA
SANTO ANGELO • STANZA
• VIENA CASES • WASHBURN • WHITNER
FINANCIAMOS EM ATÉ 6 VEZES
VÁLIDO PARA TODO O BRASIL
RUA TEODORO SAMPAIO, 865 - PINHEIROS
CEP 05405-050 - SÃO PAULO - SP
TELS.: (011) 883-6779 / 851-1651

Jukebox — Dick Dale

Navia The Beach Boys e os seus vocais, mas lá daquele lado instrumental quem mandava na *surf music* era **DICK DALE** com sua banda, The Del-Tones. Enquanto a primeira vertente era mais pop e dançante, esta última era mais emocionante e climática.

Na Califórnia de 61, Dick resolveu inventar o *surf sound*, ao perceber que a maioria de sua audiência era de surfistas. Ele próprio, adepto do esporte da prancha sobre as ondas, refletiu através da música a sensação do que era surfar.

A sonoridade de Dale – guitarrista canhoto, multiinstrumentista e vocalista esporádico – evocava atmosferas que produziam adrenalina como se estivesse em cima de uma *long board* em pleno Hawaii. Isso com seu impressionante estilo de tocar guitarra em *staccato* (modo de tocar notas "secas", sem deixá-las soar) e o uso pioneiro do equipamento de amplificação, desenvolvido em conjunto com a Fender, que apresentava uma unidade portátil de *reverber* (que produzia um tipo de eco). O resultado parecia uma espécie de som subaquático como se sua guitarra estivesse submersa. Com esta alta intensidade alcançada – em especial na canção "Miserlou" – ele foi tido como precursor do heavy metal.

Apesar de atingir posições modestas nas paradas, era chamado de "king of surf guitar" e sua fama gerou uma inundação de *surf bands* de garagem pelo país inteiro, até onde nem existia praia como em Nashville ou Minneapolis. Até no Reino Unido o estilo se manifestou.

Daí, Dale atuou em muitos dos filmes da "turma da praia" da AIP (antiga matéria prima da *Sessão Da Tarde*) e na versão "atualizada" de 87, *De Volta À Praia Dos Amores*, onde duelou com Stevie Ray Vaughan na clássica "Pipeline". Mas a fase praieira do rock foi afogada – digo, apagada – pela invasão britânica dos anos 60.

Após o termo ter perdido o sentido original nos últimos anos, sendo associado ao reggae e ao metal, houve uma revitalização da *surf music*, com bandas surgindo nos Estados Unidos e na Austrália. A volta de Dale à ativa serviu para recolocar o estilo no devido lugar e mostrar quem manda nas cristas das ondas. SÉRGIO BARBO

Discografia Selecionada

■ **King Of The Surf Guitar – The Best Of Dick Dale & The Del-Tones** (89, Rhino) Coletânea de dezoito faixas, reunindo gravações de 61 a 87.

■ **Tribal Thunder** (93, Hightone) Lançamento do regresso de Dale à ativa, com músicas inéditas e regravações geniais de rocks instrumentais e de *emo music* como "Hava Nagila".

■ **Unknown Territory** (94, Hightone) O mais recente álbum dele, com a sua guitarra mais atual e pesada do que nunca, juntamente com o disco anterior, um dos melhores *comebacks* de todos os tempos.

Arte & Manha

Clássico experimental da MPB volta em CD

Sem exagero: este **Revolver**, disco de **WALTER FRANCO**, lançado em 75, torna-se mais atual a cada dia, desvendando sua estranha alquimia punk/meditativa com o passar do tempo. Walter é, talvez, o compositor que foi mais longe na via aberta pelo Tropicalismo (incluindo até o morno *Tropicália 2*, de Caetano e Gil).

Revolver (*Discoteca Básica*, BIZZ 33) veio dissecar as tensões da música e da alma brasileiras, com o auxílio da metafísica oriental, do rock pesado e das tecnologias de estúdio – com timbres de bateria e de sintetizador raramente ouvidos por aqui.

Assustado com a obra, o próprio Walter depois se refugiou em um formato mais contemplativo/convencional em seu disco *Respire Fundo*. Seria difícil repetir o arco perturbador que vai da podreira de "Feito Gente" ("feito lixo/que se queima/eu te amei/como pude") à delicada "Pirâmides".

Só é pena que no lançamento em CD, a Continental/Warner tenha usado como sua referência gráfica a reedição de 79, que acrescenta o nome das músicas sobre a capa, e omite as letras, fotos e detalhes em alfabeto braile (!) da edição original.

P.S.: Também "limaram" o crédito do produtor, o "bró" Pena Schmidt (atual patrão do selo Tinitus). ALEX ANTUNES

O QUE É PRECISO PARA ENCARAR O VESTIBULAR SEM SOFRER
CAPRICHO
LINDO
FÁBIO ASSUNÇÃO E KEANU REEVES
CONHECER SEU CORPO: RESPOSTAS PARA TODAS AS PERGUNTAS QUE VOCÊ TEM VERGONHA DE FAZER
LINDO
LINDO
NAMORO: É PRECISO SER FIEL? MAIS NAMORO: O QUE É MELHOR? UM CARA MAIS VELHO OU MAIS MOÇO?
EXCLUSIVO:
ADESIVOS DA CAPRICHO PARA VOCÊ!
NAS BANCAS
Editora Abril

D.B.

Discoteca Básica

STEVIE WONDER
Talking Book

PERFORMANCE

Lançamento 1972 ■ **Produção** Stevie Wonder ■ **Faixas** "You Are The Sunshine Of My Life" • "Maybe Your Baby" • "You And I" • "Tuesday Heartbreak" • "You've Got It Bad Girl" • "Superstition" • "Big Brother" • "Blame It On The Sun" • "Lookin' For Another Pure Love" • "I Believe (When I Fall In Love It Will Be Forever)" ■ **Notas** *Talking Book* foi o 12º disco de Stevie Wonder, incluindo duas coletâneas • O álbum saiu logo depois de uma turnê que fez com os Rolling Stones, que foi um pouco desastrosa: o baterista do grupo de Wonder "deu o cano" em alguns shows e os astros ficavam trocando mútuas acusações • Os singles "Superstition", e "You Are The Sunshine Of My Life" alcançaram o primeiro lugar na parada americana • Na década de 80, Stevie Wonder gravou poucos discos, entre eles *In A Square Circle*, que tinha o hit "Overjoyed" ■ **Formatos** Disponível nos EUA, na Europa e no Japão. No Brasil saiu em CD através da série Digital Collection, da PolyGram, mas sem as letras e o encarte da versão em vinil.

Há uma piada dos irmãos Marx que define bem a situação de Stevie Wonder na gravadora Motown. Em *Uma Noite Em Casablanca*, Groucho Marx encarna um diretor de hotel que decide trocar os números dos quartos dos hóspedes. Quando um deles reclama que aquilo seria "uma loucura", Groucho replica: "Mas também seria uma diversão dos diabos!"

A maior "loucura" de Stevie Wonder chamou-se *Talking Book* e cristalizou a independência do cantor em relação aos padrões rígidos da Motown. Até então, na gravadora americana, as músicas deveriam ter três minutos – no máximo – e abordar nas letras temas como o amor e futilidades. Wonder queria ter controle total de suas produções e ainda a liberdade para fazer as músicas que quisesse, com a duração que bem entendesse. Com o passar dos anos, essa exigência ficou cada vez mais cara para os cofres da gravadora e ainda menos rentável com a perda do prestígio de Wonder. Mas pelo menos ele conseguiu emplacar diversas obras-primas.

Na época do álbum: o "ex-pequeno notável" virava superastro

Talking Book veio mostrar um artista maduro aos 22 anos, brincando com uma invenção dos anos 70, o sintetizador – que foi descoberto em *Music Of My Mind*, seu disco anterior, também de 72.

Os instrumentos em que Wonder não meteu a mão foram tocados por gente da categoria de Jeff Beck (o solo de guitarra em "Lookin' For Another Pure Love") e do saxofonista David Sanborn ("Tuesday Heartbreak"). As letras, em sua maioria, falavam da separação de Wonder e Syreeta Wright, da descoberta de um novo amor pelo compositor, de política e misticismo.

"Superstition" foi o maior hit do disco e quase virou um sucesso com Jeff Beck. Wonder havia cedido a música para o guitarrista e se recusava a lançá-la em single. "Você está louco? Esta canção tem de promover o álbum", rebateu o pessoal da Motown. Não é preciso ser nenhum gênio para apostar no sucesso da música. Basta ouvir a introdução, com a marcação forte da bateria e o sintetizador de Wonder. O resultado foi um estremecimento da amizade entre o temperamental Beck e o cantor/compositor.

A relação entre Wonder e Syreeta foi destrinchada em "Maybe Your Baby", "Tuesday Heartbreak", "You've Got It Bad Girl" e "Blame It On The Sun". Na primeira, Wonder colocava para fora os fantasmas do ciúme e da solidão, com timbres estranhos de sintetizador e os *wah wahs* da guitarra de Ray Parker, Jr. (que depois fez um pífio trabalho-solo). "Tuesday" é uma visão irônica sobre o fim de uma relação e na letra de "Blame It On The Sun", co-escrita com Syreeta, ele busca uma resposta para o fim do amor entre os dois. Mas ele colocava uma certa esperança no disco. "You Are The Sunshine Of My Life" nasceu de seu namoro com a vocalista Gloria Barley, que dividiu os vocais com ele na música. E para quem duvidava de sua capacidade em temas políticos, Wonder rebateu com "Big Brother" – paralelo entre o "Grande Irmão" de *1984*, livro de George Orwell, e o pouco caso do governo americano em relação aos negros.

Quem acha que ele é só baladeiro, tem aqui a prova de seu gênio. *SÉRGIO MARTINS*

E usa Hydros para por fogo no seu coração.

O feitiço do gato.

DEO-COLÔNIA: 50ml - R$ 8,00. 80ml - R$ 10,80. 120ml - R$ 13,50.
DESODORANTE: R$ 4,50. GEL PÓS-BARBA: R$ 9,60.
GEL PARA CABELO: R$ 7,00. LOÇÃO HIDRATANTE: R$ 8,60.
SABONETE COM GLICERINA: R$ 1,90. SHAMPOO: R$ 4,50.

Água de Cheiro®
EMOÇÃO À FLOR DA PELE

PROVA ENTREGA [illegible] 288 PHOTO: URIPOLLI

77
5

SETE SETE CINCO